



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS**

(IN)VISIBILIDADE SOCIAL, VULNERABILIDADE E MÍDIA CONTEMPORÂNEA: ESTUDO DE CASO NO FUTEBOL

BRUNO BEMBER LOFIEGO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

JUNHO-2016

BRUNO BEMBER LOFIEGO

**(IN)VISIBILIDADE SOCIAL, VULNERABILIDADE E MÍDIA
CONTEMPORÂNEA: ESTUDO DE CASO NO FUTEBOL**

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Instituto de Biociências do Campus
de Rio Claro, Universidade Estadual
Paulista "Júlio de Mesquita Filho", no
Programa de Pós-graduação em
Desenvolvimento Humano e
Tecnologias.

Rio Claro – SP

2016

Lofiego, Bruno Bember
(In)visibilidade social, vulnerabilidade e mídia
796.01 contemporânea : estudo de caso no futebol / Bruno Bember
L828i Lofiego. - Rio Claro, 2016
179 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esporte - aspectos psicológicos. 2. Futebol. 3.
Invisibilidade. 4. Social. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: (In)visibilidade social, vulnerabilidade e mídia contemporânea: estudo de caso no futebol

AUTOR: BRUNO BEMBER LOFIEGO

ORIENTADOR: AFONSO ANTONIO MACHADO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO

Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. DANIEL PRESOTO

Departamento de Educação Física / Escola Superior de Educação Física de Jundiaí - SP

Profa. Dra. FERNANDA MORETO IMPOLCETTO

Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Rio Claro, 20 de junho de 2016

**Aos que lutam,
nas diferentes áreas e com o que podem,
por um esporte de reflexão, inclusivo e humano.**

AGRADECIMENTOS

Ao **Deus** que acredito, por me conceder o dom da vida e por direcionar minha caminhada com a companhia dos anjos que cito abaixo, em ordem cronológica;

A minha família, por ler, ouvir e ao menos fingir interesse sobre meus temas em humanas, mesmo sendo todos de exatas. Meus pais, que me construíram desde sempre com todas as oportunidades, uma casa acolhedora, apoio e base educacional que tornaram esse projeto possível; meu irmão, que em muitos momentos foi um verdadeiro segundo corpo. Dos mais velhos para os mais novos:

Nice Bember, agradeço todo o sacrifício que fez nos bastidores por mim, organizando o que muitas vezes os estudos não permitiam organizar. Por ser exemplo de persistência e amor incondicional desde um simples lanche até os contratos imobiliários e contas mais complexas, muito obrigado, mamãe querida!;

Eduardo Lofiego, sou grato por fazer parte e tentar entender cada questão desse processo, por conversas das mais variadas, sem hora para começar e muito menos para terminar. Obrigado por ser exemplo de esforço, de profissional, de atleta, de homem e de pai de família, que levo também para a vida acadêmica;

Vitor Bember Lofiego, por todo empenho, paciência e auxílio dispensado nesta caminhada, mesmo não sendo sua área e muito menos sua obrigação. Da parceria que vai de pebolim a congresso, obrigado, meu irmão de sangue e de alma.

As minhas colegas de estágio final da graduação, que proporcionaram o interesse na temática:

Evelyse Vicente, por me ajudar na ambientalização na empresa que trabalhamos juntos e me dar suporte, sem o qual não conseguiria desenvolver meus primeiros trabalhos acadêmicos. Por manter a confiança e troca de informações, muito obrigado, Vê!;

Verônica Massarolo, agradeço por destacar o tema tanto na teoria quanto na prática e guiar os primeiros passos que dei em direção a questão. Por mostrar que é possível fazermos sempre mais nesta área enquanto, psicólogos e humanos, obrigado, Vê!

Ao doutor idealizador do projeto, exemplo e maior sonhador que conheço:

Afonso Antonio Machado... Meus agradecimentos a você no mínimo dobraria o número de páginas deste trabalho... Orientador para acima da pesquisa.... Agradeço por abrir as portas de seu laboratório ao estudante de psicologia descreditado de 2014, formando mais um mestre para além da academia, como seu costume. Por me acolher em sua casa, por cada aula, palavra de corredor, incentivo, direcionamento, compreensão e amizade, muito obrigado.... Por esse processo completamente fora dos esquadros tradicionais, por me lembrar “por quem os sinos dobram”, chamar “para vida” e para o “outro lado do espelho”, obrigado, Fonsinho!

Aos amigos que reconheci na cidade:

Jéssica Brandão, obrigado por ser meu “momento família” acompanhando cada almoço dos meus primeiros meses em Rio Claro. Por ouvir as minhas reclamações “de velho” sem “descompensar”, por ser auxílio nas minhas primeiras atividades acadêmicas da pós-graduação e companhia nos mais diferentes momentos. Por tornar Rio Claro um lugar acolhedor e deixar saudades quando não estava, muito obrigado!;

Tatiane Almeida, por provar que responsabilidade e profissionalismo não impedem a “farra, pinga e foguete”, mesmo que em poucas horas que sobram. Nas caronas, sertanejos, treinos e parceria, obrigado, Tati!;

Lara Moreira, por me lembrar como é bom andar com pessoas parecidas com a gente.... Por todo suporte emocional inestimável em uma das fases mais difíceis da minha pesquisa e ao acrescentar muito na visão de mundo que tenho hoje. Por entre uma enrolação e outra me mostrar que o “infinito” é o meu limite, obrigado, Larinha!;

Cristina de Sousa, verdadeiro anjo que me guiou em Rio Claro. Obrigado por ser porto seguro em meio a confusões do apartamento e dos trabalhos, com direito a revisão minuciosa da pesquisa, mesmo não sendo da área e não tendo obrigação nenhuma. Por ser exemplo de pós-graduando e organização, muito obrigado, Cris!;

Ao **residencial Hakata**, por proporcionar misto de amor e ódio nas mais diversas e inusitadas situações que ali ocorreram.

Alisson Farias, por se tornar minha base em Rio Claro depois que entreguei o apartamento. Por me acolher, correr atrás das burocracias e me manter informado, obrigado, meu amigo!

...em especial aqueles que transformaram seu “quinteto” em “sexteto”, em ordem alfabética:

Alex Tahara, por cada convite para o sujinhos, e por mostrar que a gente pode sair da Unesp por um tempo, mas ela nunca sai da gente... Obrigado, Ipatinga!;

Dandara Soares, na incrível parceria em Rio Claro, lembrando inclusive meus amigos de graduação.... Obrigado por se tornar minha referência da cidade, Dands!;

Tiago Nardon, por mostrar que não se deve perder o humor e que cada aula, até mesmo de pós-graduação, tem seus motivos de piada. Valeu, Tiagão!;

Raphaell Martins... Por sua amizade sincera e acolhedora desde as primeiras aulas, discussões pertinentes e apoio emocional em meus altos e baixos.... Muito obrigado, “meu parceiro”!;

Vitinho Germano, por participação especial em cada "ousadia" que marcou minha passagem na cidade. Valeu, “meu rei”!

Aos que gentilmente me acolheram e fizeram de tudo para uma boa estadia em suas casas nas diferentes cidades que passei no decorrer deste percurso. Em ordem das visitas:

Daniel Felício, por me receber ainda no processo de provas e mostrar que amizade supera o tempo e o espaço. Gratidão por conversas que me tiram do básico e roles que me tiram da rotina. Valeu molecote!;

Tia **Inara Bember** e tio **Pedro Simeão**. Agradeço por não colocarem a vassoura atrás da porta e me receberem tanto em Ribeirão Preto quanto em São Paulo por inúmeras vezes, sempre com o mesmo sorriso no rosto e boa comida na panela;

Alberto Bougleux, por reeditar nossa parceria de graduação arrumando congresso, casa, churrasco, festa, tudo em um fim de semana, como se fosse de nosso primeiro ano. Por “não crescer nunca” junto comigo, obrigado, “Guerreiro”!;

Gabriel Kuga, mantendo a parceria que data do ensino fundamental a pós-graduação. Por me acompanhar desde os primeiros passos desse processo nas inúmeras caronas e continuar a fazer histórias que roda o estado todo, muito obrigado, Keinão!;

Dona **Maria Cecília Rodenas**, por me receber mais de uma vez e fazer de tudo para eu me sentir em casa, mesmo em meio a obrigações da rotina e até mesmo quando com a condição física debilitada;

Fernando Rodenas, por me receber em sua casa e participar de cada programação de última hora. Por manter e sempre me lembrar do brilho que tem a camisa psico10 Unesp/Bauru, obrigado, “Peronzinho”!;

Ana Laura Azevedo, por modificar toda sua programação para me receber e ser a primeira a assistir uma apresentação minha. Com direito a tour na cidade, preocupação e por me inserir até em programações da família, agradeço de coração, "Jandira"!;

Dona **Ezabel de Azevedo**, por todo o carinho de avó que recebi e senti em toda minha passagem por Franca, mesmo sem me conhecer previamente. Por se preocupar com cada refeição, tempo de descanso, de atividades e locomoção, muito obrigado!;

Thainara Pereira, por me receber e conversas em Londrina como se ainda estivéssemos morando no mesmo lugar e com a mesma idade que nos conhecemos. Por mostrar que pessoas boas naturalmente se desenvolvem juntas independente do espaço e tempo, muito obrigado!;

Dona **Sônia Alves**, por mostrar que nossa casa pode encontrar equilíbrio e viver bem mesmo em meio a estudos, trabalho, crianças, adolescente, jovens, visita e o que mais aparecer. Muito obrigado por seu exemplo e todas as recepções;

Aos que me acolheram simbolicamente e me fizeram voltar com boas histórias na bagagem:

Aigiro Kamada, na amizade sincera que me levou a momentos únicos na vida ao oportunizar o privilégio conhecer o mundo. Por estes momentos que nunca sairão de minha memória, bem como cada verdadeira aula sobre política, cultura musical, artística e social que me proporcionaram maior desenvolvimento enquanto indivíduo e estudante, muito obrigado, Doc!

Ariane Fachini, por provar que a primeira impressão não é a que fica! Obrigado por correr comigo e por mostrar que em qualquer lugar e em qualquer situação, a história está sempre mudando e o fim de semana só acaba na segunda de manhã;

Samuel Simeão, por de primo ter se tornado um irmão mais novo. Nas diferentes conversas, confiança e histórias em cada lugar que passamos, obrigado por mostrar que os Bembers também podem cair pra humanas;

Felipe Modenese, por reeditar a parceria da graduação fora do estado de São Paulo e me ajudar a entender o que vale a pena em cada congresso e viagem. Por também me ajudar a fugir da Zika, Dengue e Chikungunya, valeu, Biu!

Priscila Neves, por acompanhar meu desenvolvimento e compartilhar comigo o seu, de Bauru para o mundo. Por manter a amizade, não me arrumar um emprego mas arrumar uma das melhores histórias desse processo, obrigado, Pri!;

Geize Paiva, por sempre perguntar do meu dia e acompanhar de perto os altos e baixos.... Agradeço a amizade e por partir sempre em minha defesa, desde fofocas de madrugada até a área espiritual;

As crianças que convivi, por mostrar que é possível vencer qualquer situação com um pouco de imaginação e muita simplicidade:

Helena Barbosa, por mostrar que não é preciso nada além de dar a mão para o seu lado mais puro para vencer o "lobo mal", e que muitas vezes este "só está na nossa cabeça". Por me mostrar que língua estrangeira pode ser tão simples quanto um "Let it go", muito obrigado, chapeuzinho!;

Victor Hugo Milanetti, por me lembrar que computador não é só ferramenta de trabalho e sinônimo de estresse. Por me deixar sem graça com os elogios mais sinceros e espontâneos que recebi nesta caminhada (mesmo sem assistir nenhuma de minhas apresentações) e por cada conversa "de homem pra homem", muito obrigado;

As crianças e amigos do **projeto "Boas Novas"**, por mostrar que o futebol pode ser ferramenta de superação das dificuldades, e que para isso vale a pena inclusive acordar cedo em sábado de manhã (mesmo nos dias de chuva e de frio).

Aos que me ajudaram na formação acadêmica e de pesquisa:

Agradeço aos atores da **Universidade Estadual Paulista**, a quem devo além do título de psicólogo e mestre, minha formação como cidadão a partir de encontros e desencontros que tornaram estes os melhores anos de minha vida.

Aos **colegas do LEPESPE**, na paciência com o novo membro e cada lição de ciência. Em especial aos que mais convivi, em ordem alfabética: **André Aroni**, por indicar textos que somaram a este trabalho, **Guilherme Bagni**, por realizar correções e apresentar modelo de dissertação; **Kauan Morão**, por instrução nas disciplinas e materiais de laboratório; **Renato Verzani**, por me receber em sua casa no início do processo e mostrar o trabalho do laboratório.

Tia **Mara Lofiego**, por me ajudar nos processos finais de literatura facilitando a locação de livros e mais livros.

Aos **colegas das matérias e de programa de pós**, por cada discussão que oportunizaram meu crescimento,

Aos **colegas do clube** onde a pesquisa foi realizada, que durante o processo permitiram um recorte de suas vidas e permitiram desenvolver meu trabalho de pesquisa e psicólogo,

Aos doutores de minha banca, por correção minuciosa, desde pontuação dupla até indicações literárias precisas:

Daniel Presoto, por me fazer sair da zona de conforto e me levar a desbravar novas teorias. Por cada texto indicado na dissertação, no e-mail, facebook e verdadeiras aulas de psicologia a cada comentário na qualificação e defesa, deixo aqui meu muito obrigado;

Fernanda Impolcetto, por colocar minhas ideias nos trilhos e moldes acadêmicos e se preocupar em entrar na minha realidade, mesmo em linha de pesquisa diferente. Agradeço a construção deste trabalho também em críticas aos pontos positivos através de elogios sinceros, que me fizeram revisar e reforçar questões trabalhadas.

Aos demais doutores que me orientaram e fizeram esforços para além da academia em trabalhos, mesmo não tendo esta obrigação formal:

Mário Camargo, por viajar comigo e apresentar trabalho que fizemos juntos em um de meus estágios;

Marianne Feijó, por reviver minha participação em seu projeto de extensão e inclusive apresentar trabalho em minha ausência.

Meu agradecimento especial a **Ana Paula Galvão**, por ser a cereja do bolo deste processo. Obrigado por caminhar comigo nesta confusão final, muitas vezes colocando minhas ideias no lugar. Por ler e revisar o trabalho, ajudar na tradução e encerrar esse conto de fadas com um final feliz, muito obrigado, Cinderela!

A cada um que me falha a memória agora e que de maneira invisível, auxiliou e tornou possível meu caminho até aqui.

Vendo os atletas brasileiros pedindo desculpas pela não obtenção de medalhas e sobre o que se faz pelo esporte no Brasil, resolvi escrever este texto que na minha opinião reflete sobre quem deve desculpas a quem.

DESCULPAS AO ESPORTE E AOS ATLETAS BRASILEIROS

Desculpem pela falta de espaços esportivos nas escolas;

Pela falta de professores de educação física nas séries iniciais;

Pelas escolinhas mercantilizadas que buscam quantidade de clientes e não qualidade de aprendizagem;

Desculpem pela falta de incentivo na base;

Desculpem pela falta de praças esportivas;

Desculpem pelo discurso de que "o esporte serve para tirar a criança da rua" (é muito pouco se for só isso!);

Desculpem pela violência nas ruas que impede jovens de brincar livremente, tirando deles a oportunidade de vivenciar experiências motoras;

Desculpem se muito cedo lhe tiraram o "esporte-brincadeira" e lhe impuseram o "esporte-profissão";

Desculpem pelo investimento apenas na fase adulta quando já conseguiram provar que valia a pena;

Desculpem pelas centenas de talentos desperdiçados por não terem condições mínimas de pagar um transporte para ir ao treino, de se alimentar adequadamente, ou de pagar um "exame de faixa";

Desculpem por não permitirmos que estudem para poder se dedicar integralmente aos treinos.

Desculpem pelo sacrifício imposto aos seus pais que dedicaram seus poucos recursos para investir em algo que deveria ser oferecido gratuitamente;

Desculpem levá-los a acreditar que o esporte é uma das poucas maneiras de ascensão social para a classe menos favorecida no nosso país;

Desculpem pela incompetência dos nossos dirigentes esportivos;

Desculpem pelos dirigentes que se eternizam no poder sem apresentar novas propostas;

Desculpem pelos dirigentes que desviam verbas em benefício próprio;

Desculpem pela falta de uma política nacional voltada para o esporte;

Desculpem por só nos preocuparmos com leis voltadas para o futebol (Lei Zico, Lei Pelé, etc.);

Desculpem se a única lei que conhecem ligada ao esporte é a "Lei do Gérson" (coitado do Gérson);

Desculpem pelos secretários de esporte de "ocasião", cujas escolhas visam atender apenas, promessas de ocupação de espaços político-partidários (e com pouca verba no orçamento);

Desculpem pelos políticos que os recebem antes ou após grandes feitos (apenas os vencedores) para usá-los como instrumento de marketing político;

Desculpem por pensar em organizar "Olimpíadas" se ainda não conseguimos organizar nossos ministérios; nossas secretarias, nossas federações, nossa legislação esportiva;

Desculpem por forçá-los, contra a vontade, a se "exilarem" no exterior caso pretendem se aprimorar no esporte;

Desculpem pela cobrança indevida de parte da imprensa que pouco conhece e opina pelo senso comum.

Desculpem o povo brasileiro carente de ídolos e líderes por depositar em vocês toda a sua esperança;

Desculpem pela nossa paixão pelo esporte, que como toda paixão, nem sempre é baseada na razão;

Desculpem por levá-los do céu ao inferno em cada competição, pela expectativa criada;

Desculpem pelo rápido esquecimento quando partimos em busca de novos ídolos;

Desculpem pelas lágrimas na derrota, ou na vitória, pois é a forma que temos para extravasar o inexplicável orgulho de ser brasileiro e de, apesar de tudo, acreditar que um dia ainda estaremos entre os grandes. (PACHECO, 2008, p.01-02)

(IN)VISIBILIDADE SOCIAL, VULNERABILIDADE E MÍDIA CONTEMPORÂNEA: ESTUDO DE CASO NO FUTEBOL

RESUMO

O termo “invisibilidade social” pode ser utilizado para caracterizar a população que está à margem de padrões estabelecidos como de valor pela classe dominante. Sem este valor, os “invisíveis” são desprovidos de atenções básicas e acabam tornando-se vulneráveis. Assim, são obrigados a vender sua força de trabalho por muito pouco idealizando uma mobilidade social improvável. Embora maioria, distantes das oportunidades ascensão, resta à submissão a ferramentas de ratificação do sistema. Adentrando as novas tecnologias e o desenvolvimento humano, a presente dissertação, de proposta transdisciplinar, discute a relação mídia, vulnerabilidade e invisibilidade social na perspectiva do esporte a partir de densa revisão de literatura e estudo de caso no futebol. Em seu estofo teórico, trabalha quatro grandes tópicos diretamente relacionados à temática: vulnerabilidade social, interferência midiática, especialização precoce e reações emocionais. Objetivou analisar a relação entre estas temáticas e observar como ocorrem no futebol. A metodologia no campo de atuação ocorreu na perspectiva qualitativa, de proposta participante, onde o pesquisador relata dados que coletou a partir de vivência em um clube que disputou a última divisão de um campeonato estadual. Nos resultados, pode-se observar os momentos visíveis/invisíveis dos personagens, no cenário marcado por precariedade de condições físicas e humanas, bem como falta de manejo emocional e psicológico para com os envolvidos. O sonho de “ser jogador de futebol” aparece em vários momentos condizendo com o atleta destaque da mídia, distante da realidade que estão e que está a grande parte dos profissionais do esporte.

Palavras-chave: Psicologia do esporte; Futebol; Vulnerabilidade; Invisibilidade; Social.

SOCIAL (IN)VISIBILITY, VULNERABILITY AND CONTEMPORARY MEDIA: A CASE STUDY IN SOCCER

ABSTRACT

The term “social invisibility” can be used to characterize people who are on the margin of established standards valued by the ruling classes. Without this, the “invisible ones” are devoid of basic attention and they end up vulnerable. Thus, they are forced to sell their workforce for very little, always idealizing an unlikely social mobility. Although most, distant from rising opportunities, remains submission to the system ratification tools. With new technologies and human development stepping into, this thesis of transdisciplinary proposal, discusses media, vulnerability and social invisibility relation in sport perspective from dense literature review and case study in soccer. In its theoretical background, four major topics directly related to theme are elaborated: social vulnerability, media interference, early specialization and emotional reactions. It aimed to analyze the relation among these themes and it observed as they occur in soccer. The methodology in field research took a qualitative perspective, of participant proposal where the researcher reports data collected from living in a club that played in the last division of a state championship. In the results, we can observe the visible / invisible movements of the characters, in the scenario marked by precarious physical conditions and human, as well as lack of emotional and psychological management towards involved. The dream of "being a soccer player" appears at various times, consistent with the athlete focus in the media, distant from reality that they are and where is the great part of sports professionals.

Keywords: Sport Psychology; Soccer; Vulnerability; Invisibility; Social

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
2. VULNERÁVEL E (IN)VISÍVEL:	
EXPECTATIVAS E REAIS CONDIÇÕES NO ESPORTE	25
2.1 – (In)visibilidade e a atividade laboral	28
2.2 – Do sonho a realidade	31
2.3 – Vulnerabilidade social	34
2.4 - Realidade dos atletas invisíveis	35
2.5 - Realidade dos clubes invisíveis	39
3. (IN)VISIBILIDADE PROGRAMADA: INTERFERÊNCIA DA MÍDIA	43
3.1 – Mídia, tendências e manipulação	44
3.2 – A (des)construção do atleta	47
3.3 – O (re)nascer de heróis e novas batalhas	50
3.4 - Meios de comunicação de massa e redes sociais: de encontro ou ao encontro?	54
3.5 - E a psicologia? Que lugar tem na mídia?	55
3.7 - Especialização, tecnologia e imagem	57
4. FORMAÇÃO (IN)VISÍVEL: ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE	60
4.1 – Imediatismo e performance	61
4.2 – Competição infantil	62
4.3 – Especialização esportiva e o futebol	64
4.4 - O que pensa o profissional da Educação Física?	67
4.5 - Pequenos atletas, grandes negócios	70
4.6 - Futebol e escola x futebol ou escola	72
5. EMOÇÕES (IN)VISÍVEIS EM JOGO:	
ANSIEDADE, ESTRESSE E ENFRENTAMENTO (COPING)	75

5.1 – Anseios, sentimentos e expectativas no futebol	77
5.2 – Estresse, ansiedade e emoções: da análise ao desempenho	80
5.3 – Psicologia do esporte e <i>coping</i> na ciência	82
5.4 - <i>Coping</i> , crenças e rituais	85
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	89
6.1 - A fundamentação teórica do método	89
6.2 - Procedimentos de análise e interpretação	90
6.3 - Universo da pesquisa	91
7. RESULTADOS E DISCUSSÃO	93
7.1 - Reconhecimento do gramado:	
“Você acha que Deus perde tempo assistindo Série B?”	93
7.2 - Aquecimento e entrada nas quatro linhas:	
“Um doutor, aqui no Interiorano? Hunf... Tá bom...”	104
7.3 - Primeiro tempo:	
“Você pode usar a sala de imprensa... Está meio empoeirada, mas a gente limpa... É que faz tempo que ninguém entra...”	111
7.4 Intervalo e alterações: “Assinaram nossa permanência na bezinha [...] Nessas horas você vê que não é ninguém [...]”	124
7.5 - Segundo tempo: “Antes a gente não passava nem no rádio... Hoje a gente já é notícia da Globo!”	137
7.6 - Acréscimos e fim de jogo: “Eu prefiro ficar, porque se eu for pra casa a única coisa que tenho é roçar pasto. E isso daí eu não quero pra minha vida.”	150
7.7 - Pós jogo: Esperança, ou novo apagar dos holofotes?	157

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
8.1 Limitações da pesquisa e propostas	163
9. REFERÊNCIAS	165

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz em seu esboço a premente necessidade de entender fenômenos existentes no mundo dos esportes, vivenciados por atletas e dirigentes, mas pouco estudados e analisados pelos *experts* da ciência. Talvez pela dificuldade da compreensão do fato ou pelo medo da exposição ou, ainda, pela dificuldade em encontrar pessoas que estejam dispostas a se declarar frágeis diante do processo de formação profissional, como acontece com os jogadores de futebol pelo Brasil afora.

Neste espaço, buscou-se apresentar o estudo como um todo, apontando os caminhos teóricos seguidos, por meio da exposição das temáticas estudadas na revisão de literatura, bem como de nossa justificativa e os objetivos que estamos a buscar, agora e sempre. Característica do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, onde ocorreu, a pesquisa foi desenvolvida na proposta interdisciplinar.

O ponto principal do estudo elaborou-se no encontro de propostas entre um projeto de estágio que o orientando havia desenvolvido em Psicologia Organizacional e do Trabalho, que objetivou dar visibilidade a trabalhadores braçais “invisíveis” de uma empresa municipal (LOFIEGO, MASSAROLO e CAMARGO, 2015), e uma das linhas de pesquisa em Psicologia do Esporte do livre-docente orientador, sobre vulnerabilidade de esportistas (MACHADO, 2006).

No encontro das vertentes, surge a inquietação: invisibilidade social, vulnerabilidade e a mídia atual não estão diretamente interligadas no esporte? Por que atletas locais estão visivelmente distantes, mesmo com a proximidade física? E uma minúscula parcela tem recortes repetidamente exibidos, dando a impressão de ser aquela a realidade de todo o esporte? O que alimenta e que consequências tem esta (in)visibilidade aos atletas de equipes do interior, por exemplo?

A soma de forças do orientando graduado em psicologia e seu orientador livre-docente se faz presente em todo o texto, realizando paralelos com as diversas ciências humanas relacionadas, tais quais antropologia, fisiologia, sociologia e filosofia. A proposta do programa de pós-graduação veio ao encontro da pesquisa, que teve como objetivo o estudo da (in)visibilidade social consequente de exposições diretas realizadas pela mídia.

Para tanto, o universo da pesquisa foi relacionado à realidade vivida em uma equipe de futebol do interior paulista. Inseridos no contexto e dia a dia do time, foi possível aos pesquisadores elaborar hipóteses sobre o que permeia e mantém estas relações de momentos tão desiguais de visibilidade, bem como algumas causas e consequências do fenômeno.

Imagem desvalorizada, inferiorizada em termos de recursos e investimentos, baixa remuneração, apesar de todo esforço físico, são características deste público invisível. Como consequência, seu tratamento social também será diferenciado, bem como a construção de sua identidade pode não ser considerada de relevância (COSTA, 2004).

A interiorização dessas relações no sujeito gera certo desprestígio de sua carreira, fazendo com que o grande público não o note. O ser humano que ali está passa a ser apenas uma máquina, um mero “reprodutor de tarefas”. Nesta função, as condições de exercício de sua atividade também se mostram precárias, construindo, inclusive, uma “subcidadania” em busca de subsistêmica (BRAGA, 2004).

Sabemos que os fenômenos relacionados à (in)visibilidade na carreira esportiva ocorrem em todas as modalidades, inclusive ocultando a totalidade de atletas em esportes selecionados como de menor interesse. Optamos pela escolha do futebol como objeto de estudo, pois queremos discorrer que até mesmo no esporte mais popular do país, e, portanto, o mais visível, ocorrem direcionamentos e construções de realidades que estão inalcançáveis para a imensa maioria.

A escolha do campo de pesquisa, ainda, limitou-se ao o futebol masculino. Para além da impossibilidade de discorrer sobre o futebol como um todo apenas em uma dissertação de mestrado, consideramos que a visibilidade social da categoria masculina se mostra mais tendenciosa ao exibir o sucesso de seus atletas. Como consequência, influencia e incentiva também a prática feminina, onde seria necessário outro foco de pesquisa.

No grupo observado nesta pesquisa, foi possível observar que o atleta em exposição constante é exceção de milhares que melhor representariam a realidade (CALIL, 2012). Consequente a esse fenômeno, a opinião popular formada com estas informações direcionadas acaba por propagar como regra o sucesso financeiro que tem um jogador de futebol.

Os demais atletas, sem os mesmos recursos e condições de desenvolvimento, mesmo que em maioria, caem na invisibilidade e não tem a sua construção de identidade reconhecida pelo outro: sua história e perspectiva tornam-se, neste olhar, irrelevantes (SOUZA, 2015b).

Dividido, em seu estofo teórico, em temáticas instigadoras de desafios e perspicácia, a revisão literária apresenta-se com temas centrais do universo esportivo e suas atividades diárias, de maneira a garantir uma ligação entre as partes e delinear o espaço proposto para tal discussão. Assim, conduz o leitor para caminhos inusitados e desafiadores, já que lidar com a natureza humana sempre sintetiza um enigma e um crescente interesse em superar barreiras na busca por explicações.

Prosseguindo, serão levantados traços de imersão em temáticas sobre a interferência midiática no contexto esportivo e sobre a especialização esportiva precoce. Consideramos os assuntos como facilitadores da compreensão do universo a que está inserido o jogador de futebol, que inicia sua trajetória profissional e esportiva no fim da infância e início da adolescência. Analisar aspectos e fatores estressores e situações desafiadoras da (in)visibilidade seguem a linha da pesquisa, emoldurando a paisagem estudada com olhares críticos e cuidadosos.

O estudo assume a característica da pesquisa qualitativa, em estudo de caso de proposta participante (BRANDÃO ET AL., 1988). Aplica os preceitos da observação, questionários abertos e de reuniões em grupo como instrumento para a coleta dos dados a serem apresentados e analisados. A imersão do pesquisador facilita a compreensão dos fatos trazidos para discussão e maior detalhamento, com intuito de apontar e analisar o dia a dia de uma equipe esportiva, tal como se apresenta.

Muitos estudos são apresentados pelas Ciências do Esporte, tais quais fisiologia, biomecânica, treinamentos físico/técnico/táticos. Nota-se que em novas edições de selecionamento de atletas, novos treinamentos e novas carreiras, o espaço aos estudos e testagens fisiológicas e táticas é visivelmente maior, sobrepondo-se a aspectos psicossociais e culturais do Universo Esportivo. Com isso, no circuito das humanidades e das sócio-culturas interligadas ao esporte, os avanços ainda não tem o mesmo destaque. Isso nos dá um indicativo da necessidade de maiores envolvimento e conhecimentos, que por si só justificam o presente estudo.

A soma dos conhecimentos da Psicologia do Esporte em estudos a partir da Educação Física e da Psicologia foi possível devido à troca de experiências dos integrantes do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (LEPESPE). Vemos a transdisciplinaridade como um diferencial da pesquisa, pois o que se tem em geral são as áreas individuais discutindo dentro de suas especificidades.

Sabemos que o tema é amplo, e uma simples dissertação de mestrado não daria conta da complexidade do assunto. Apesar das limitações reconhecidas em nossa pesquisa, consideramos a imersão do pesquisador em campo como diferencial e de fundamental importância, pois *in loco* foi possível colher depoimentos e observar situações que afligem os envolvidos. Adentrando ao século XXI e suas características, o trabalho utilizou também das novas mídias como alternativa de aproximar a visibilidade e desenvolver a temática, pautado em outras alternativas de comunicação e ação.

2. Vulnerável e (in)visível: expectativas e reais condições no esporte

O esporte ganha espaço e relevância na contemporaneidade, pois atualmente abrange um gigantesco mercado de bens, produtos e serviços (ASSUMPÇÃO, 2011). Sua presença é constante no cotidiano da população, mantendo as mais variadas relações, de profissionais (no caso de técnicos, atletas, dirigentes, preparadores físicos e demais envolvidos) a divertimento, lazer e entretenimento, bem como também é indicado e praticado como promotor de saúde. Isso sem falar em inúmeras outras funções, tais quais estéticas e sociais.

Dentro destes contextos, a visão e prática esportiva classificam pessoas, categorizam grupos, distinguem universos sociais. Porém, a participação e prática estão longe de serem abertas e democráticas, uma vez que as oportunidades diferentes constroem limites, definem campos de possibilidades e, conseqüentemente, limitam a visibilidade e possibilidade de sucesso.

A análise dessa desigualdade no âmbito esportivo pode ser problematizada também em categorias tais quais gêneros, padrões relativos à classe social e etnia, conforme pontua Sampaio (2008). Para o autor, as relações sociais assimétricas que se constroem neste sentido refletem em todas as esferas da vida. Logo, também em sua prática esportiva e lazer.

A análise das formas de interações, embora distintas de um indivíduo para o outro, é fundamental para a compreensão das relações de poder que criam espaços impeditivos ora para a prática, ora para as funções de gestão do esporte. Assim, algumas modalidades tendem a serem praticadas por membros da classe alta ou média alta, como o hipismo, automobilismo, polo e remo. Em contrapartida, observamos outros que são praticados, na maior parte, por membros das classes sociais mais baixas, como o atletismo, futebol e determinadas lutas (ASSUMPÇÃO, 2011).

Efetivamente, as atividades esportivas abrangem áreas sociais, educacionais, recreativas, ideológicas, políticas, culturais, econômicas, simbólicas, que vão para além de suas dimensões e significados, não devendo, portanto, serem pensadas exclusivamente como fenômeno bio-fisiológico. Globalizado, o futebol moderno pode envolver também gangsters, seitas, mudanças de paradigmas sociais e guerras culturais (FOER, 2005).

Contudo, a visibilidade das oportunidades e realidades possíveis se dá em pequenos e diretos recortes. Conforme aponta Calil (2012), a partir de informações divulgadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a realidade é muito diferente do imaginário popular: dos 30.784 jogadores registrados no país, atualmente, 82% recebem até dois salários mínimos.

Na outra ponta, um número bastante modesto (2%) embolsa acima de 20 salários mínimos. Neymar, por exemplo, ganhava 241 vezes esse valor na época do levantamento. Mas o que leva a pequena parcela a ser noticiada exaustivamente, e a grande massa a invisibilidade?

Segundo matéria publicada por Verri et. al. (2009), a invisibilidade social pode ser considerada fenômeno decorrente da contemporaneidade, iniciada especificamente no século XX. O termo é um conceito utilizado para denominar a população que está à margem de questões destacadas socialmente e, portanto, ficam invisíveis socialmente, seja por preconceito ou indiferença. Esse conceito é vasto, englobando inúmeras questões que levam a invisibilidade, entre elas as sociais, estético, econômico, histórico e cultural.

As pessoas que sofrem deste fenômeno podem ser identificadas pelo fato de sofrerem constante e latente humilhação. Assim sendo, este público no geral sofre com diversos problemas, como depressão, doenças psíquicas, distúrbios e o bullying. Veja-se o caso das crianças obesas em relação ao esporte: frequentemente são vítimas de ofensas, injúrias e apreciações preconceituosas, piadas pejorativas, exclusão dos jogos, vitimização pelas derrotas, dentre tantas outras ações promotoras da exclusão.

A competição e consumo podem ser notados cedo, alimentados pelo comportamento da comunidade escolar, atingindo as crianças em fase crucial de desenvolvimento. Para Alves e Carola (2015), o neoliberalismo (que tem como características base o livre-mercado e restrição à intervenção estatal) difunde-se pela cultura competitiva no ambiente da escola pela própria formação do docente. Portanto, engloba um espaço que deveria servir de formação básica para o desenvolvimento de uma cultura de solidariedade, inclusão e libertação, influenciando diretamente nesses preceitos.

É comum que o professor entregue a bola e deixe que os alunos se organizem sem a devida mediação, não sendo possível observar valores de formação baseados numa ética

solidária e emancipadora. Isso faz com que os alunos reproduzam um esporte apenas de competição, estimulando práticas individualistas, que segregam e discriminam. Nas disputas dos jogos neste tipo de aula, aqueles que têm menor habilidade técnica são excluídos e ridicularizados.

O fenômeno é determinado também por influências sociais, econômicas e crises de identidade nas relações que se dão na sociedade contemporânea. Não é possível resumir tal objeto de estudo apenas ao econômico, pois questões como ligações culturais, sociais e estéticas estão englobadas.

Implicação também do sistema econômico capitalista, ocorre à invisibilidade pública, decorrência da divisão social do trabalho, como classificou o psicólogo social Costa (2004). O autor afirma que as relações trabalhistas fazem com que deixemos de enxergar os sujeitos como indivíduos que podem transformar a sociedade e refletir. Com isso, o ser humano torna-se meramente ferramenta.

Um exemplo observado no cotidiano é a identificação de um sujeito por sua função social e uniforme, sem ater-se a sua singularidade. Ignorando seu nome e o chamando por sua função, ignora-se também sua personalidade individual, tornando-o um mero ser socialmente invisível. Outra abordagem de invisibilidade em função do modo de produção vigente é a partir da “Cultura de Consumo”.

Nesta nova cultura, em se tratando de imagem corporal, no estudo de Baptista e Abreu (2014), observa-se que revistas dedicadas ao culto ao corpo dirigidas majoritariamente ao público feminino também reproduzem questões sociais e o mesmo processo de segregação, tanto social, cultural quanto simbólica. Capas de revistas e matérias expõe a etnia historicamente privilegiada em seu estereótipo tido por ideal (mulher branca de cabelos lisos), marginalizando e tornando invisível a maior parte da população nacional, que é multiétnica, composta em sua maioria por negros, índios e mestiços.

Assim como as imagens divulgadas pela mídia, a vida pública também transforma o sujeito em um ser impessoal, pois este é caracterizado pela função de seu trabalho, sendo apenas isto visível, e não o seu ser (COSTA, 2004). Portanto, o sujeito encontra-se sem referência e em crise sobre sua verdadeira identidade, sobre seu lugar na sociedade.

Com isso, cria-se também uma invisibilidade pela indiferença, que pode ser observada não apenas por falta de destaque ao indivíduo, mas muitas vezes por estigma e preconceito por este não se enquadrar a uma normalidade construída. Tal invisibilidade não é necessariamente fruto de insensibilidade do outro. Pode também ser interpretada como autopreservação social, que evita observar e destacar o que é doloroso, como o exemplo de moradores de rua e porque não, atletas de pequenos clubes e baixa renda.

Deve-se destacar que não é apenas a partir das pessoas que essa cegueira se manifesta. Como exemplo, podemos citar a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que ao descartar os moradores de rua de seu Censo Populacional, colabora para tornar essa parcela da população ainda mais invisível, impossibilitando, inclusive, o governo de promover ações sociais nesta área.

Em entrevista realizada por Constantino e Garcia (2007), Samuel Gachet expõe a questão da invisibilidade social, que como já citado anteriormente, leva ao desprezo e à humilhação. De acordo com o psicólogo, tais sentimentos levam as pessoas a processos depressivos, pois o sujeito pode se reconhecer como um “ninguém”. Sua identidade histórica perde o sentido, assim como sua perspectiva de vida.

Ser valorizado de alguma forma é parte integrante de nossa passagem pela vida. Ainda segundo o Gachet, a invisibilidade pode levar a processos de abandono e de aceitação da condição de “ninguém”, mas também pode levar a mobilização e organização da minoria discriminada, caso esta se encontre enquanto grupo, perceba a situação precária e envolva-se em mobilizações (CONSTANTINO E GARCIA, 2007).

A partir desta nova cultura, desenvolve-se necessidades individuais que levam o indivíduo pensar que, para se ter uma identidade, é preciso construir uma imagem social. Tal imagem só é construída e se faz possível neste imaginário a partir de valor de consumo agregado a sua atividade laboral, que lhe recompensará conforme a valorização de sua prática e indivíduo.

2.1 (In)visibilidade e a atividade laboral

O trabalho que exige esforço físico pressupõe uma rotina que acaba por viciar o sujeito, retirando deste a sua criatividade e autonomia. É comum, portanto, que a prática laboral se torne um trabalho alienado, no qual o indivíduo deixa de refletir em suas

relações e a própria atividade torna-se estranha a este, que desconhece o percurso de seu afazer (RAMALHO, 2010).

É possível observar que por vezes as operações e relações já estão preestabelecidas. Portanto, o sujeito tem pouca ou nenhuma possibilidade de mudá-las. Estes possuem diferentes e inúmeros locais de realização, metas, tempo e pressões. Entretanto, por planos e resultado já traçado no ideal muitas vezes distante das possibilidades reais na efetuação (TOLFO e PICCININI, 2007).

O trabalho, sendo rico em sentido individual e também social, é a atividade guia da fase adulta e uma das maneiras de edificar o homem. Para tanto, deve-se questionar como se dá tal processo em atividades com menos condições e, conseqüentemente, de menor visibilidade social.

Discorrendo a representação no sentido de presença e atuação de diversas idealizações internas e externas, desvalorização da imagem, inferiorização de posicionamento em termos de recursos e status social e a baixa remuneração, mesmo com excessivo esforço físico, pode-se pensar que a forma de tratamento social também será conseqüentemente diferenciada a este público “invisível” (COSTA, 2004).

O fenômeno, pautado na divisão social do trabalho, acaba interiorizado pelo sujeito. O desprestígio da carreira e falta de visibilidade faz com que o grande público note pouco ou nada acerca do profissional que está exercendo a função. Seus dilemas, estado de saúde, história, estado de humor, não aparecem nem em segundo plano. O profissional acaba reduzido a um “fazedor de tarefas”, perdendo a visibilidade de seu processo de construção de identidade (BRAGA, 2004; COSTA, 2004).

Com isso, conforme Antunes (2015), pode ocorrer a falta de sentido e desenvolvimento também no campo da vida pessoal, não apenas no trabalho. O sujeito, ao tornar-se estranho a sua própria identidade ao realizar atividades não reconhecidas, sente que sua vida como um todo perde o sentido e direcionamento. Suas memórias, sua história, relações e individualidades são compreendidas por ele também como irrelevantes. Logo, segundo a visão do autor, apenas um trabalho que tenha sentido coloca o ser humano em posição reflexiva e de autonomia, dando sentido também a sua atividade e vida fora da atividade laboral.

A identidade do sujeito forma-se na subjetividade, sendo que esta está ligada a aspectos psíquicos muitas vezes encobertos e, portanto, difíceis de serem observados. Cada sujeito possui uma estrutura única, composta por suas expectativas e história de vida. Como salientam Justo e Vasconcelos (2009), estes aspectos encobertos são trazidos para visibilidade através dos meios de expressão e comunicação proporcionados pela fala, escrita e por aspectos de seu visual.

Através da comunicação é possível criar relacionamentos interpessoais e os descrever. Logo, ter visibilidade representa melhores relações e, conseqüentemente, domínio do poder e controle, pois o objeto de atenção e foco direciona-se ao topo. Como resultado, o não ser visível gera exclusão e marginalização, pois está na base deste padrão verticalmente estabelecido (MENESES, 2005).

Contrariando a tendência mundial e expondo o lado invisível da busca pela imagem perfeita, Essena, uma considerada “digital influencer” (pessoa patrocinada que ajuda a construir hábitos culturais e de consumo) expôs a realidade por trás de suas fotos mais curtidas. A jovem excluiu mais de duas mil fotos de seu perfil e mudou sua descrição na rede social para “Social Media Is Not Real” (em tradução livre, “Mídia social não é a vida real”.) (PEREIRA, 2015).

Contando com mais de 700 mil seguidores no *Instagram* e 260 mil inscritos em seu canal do *Youtube*, a modelo optou por dar uma “legenda real” para as fotos restantes, ainda segundo a reportagem de Pereira (2015). Expôs quanto ganhou para vestir cada roupa, quantos flashes foram necessários para que a foto saísse como saiu, as horas que precisou suportar até ser montado o cenário perfeito, as edições de imagem, falsas expressões que precisou fazer, sensualidade que precisou exhibir. Imagem fruto de sofrimento. Nada dentro de sua realidade, embora para o grande público pareçam fotos alegres de seu cotidiano.

Trazendo a discussão para o contexto esportivo, pode-se utilizar como exemplo a declaração feita por Conor McGregor, lutador com status de astro e que já se tornou campeão de *Mixed Martial Arts* (MMA) pelo *Ultimate Fighting Championship* (UFC). O atleta pede que os organizadores do evento lhe deem o tempo que ele achar necessário para treinar e poder fazer bem o seu trabalho, segundo suas regras e não o calendário de vendas do evento (CORRÊA, 2016). Nas palavras do atleta,

Estou apenas tentando fazer meu trabalho e lutar. Sou pago para lutar. Ainda não sou pago para promover. Eu me perdi no jogo de promoção e me esqueci da arte da luta. Chega um momento em que você precisa parar de distribuir panfletos e se voltar para a porcaria da loja. 50 turnês mundiais, 200 coletivas de imprensa, um milhão de entrevistas, dois milhões de sessões de fotos, e no fim de tudo, eu sou deixado olhando para uma lente, encarando a derrota, sem pensar em nada, a não ser na minha preparação incorreta para a luta. E nas muitas distrações que levaram a isso. Nada mais estava passando pela minha mente. É hora de voltar e viver a vida que me rendeu esta vida [...] Conversar com uma senhora que, no fundo, não dá a mínima para o que estou fazendo, e só quer algumas frases de efeito para que ela possa talvez ganhar um bom aumento. Tudo bem. Eu consegui aumentos para todos vocês. Mas preciso concentrar em mim agora [...] US\$ 10 milhões foram gastos para a promoção deste evento, pelo que me disseram. Então, como um gesto de boa vontade, eu não apenas salvei esses US\$ 10 milhões, como também tripliquei. E tudo com um tuíte. Guardem esses 10 milhões para promover os outros vagabundos que precisam dele. Meus shows são bons [...] Eu não posso dançar para vocês neste momento. Está na hora dos outros macacos dançarem. Eu dancei para todo mundo até aqui [...] Acho que os US\$ 400 milhões que gerei para essa empresa em meus últimos três eventos, tudo em oito meses, é o suficiente para que eu me dê essa pequena margem. (p.02-03)

Com esta fala em tom de desabafo, o atleta deixa claro que sua profissão foi, por um período, resumida a uma imagem lucrativa, que se voltava mais para propaganda de um evento do que a prática de sua atividade. Expondo números inclusive, o “artista” pede que tenha um tempo para si, para que assim possa voltar a ser o atleta, e não modelo, marqueteiro ou “macaco”, como expõe.

Nestes tipos de relato, é possível analisar que a imagem e exemplo do sucesso acabam distanciando-se da situação real em muitos aspectos não observáveis. Para além de não exibir a grande massa, que dificilmente chegará aos grandes meios de comunicação, a imagem que é exibida dos que chegam a uma elite acaba sendo, por muitas vezes, minuciosamente moldada. O sonho que move a carreira parece cada vez mais distante da realidade idealizada.

2.2 Do sonho a realidade

O que poderia ser pensado como lazer em um passado recente, direcionando-se a reuniões religiosas, clubes de campo, brincadeiras com amigos na rua, já é tido por inviável na maior parte das sociedades contemporâneas. Em decorrência principalmente do excesso de compromissos e constante medo da violência gerada pela urbanização

descontrolada. O uso de mídias modernas, tais como a televisão e mais recentemente a internet, torna-se a opção possível de interatividade e diversão.

Este processo de enclausuramento nas casas e de individualismo, conforme Castells (2003), transforma as novas mídias em verdadeiros espaços físicos, onde é possível observar “relações interpessoais”. Possibilidade de obter informação sem sair de casa, conversar através das inúmeras redes sociais e sentir-se próximo do ídolo. Ao seguir e compartilhar suas postagens transforma a internet em uma extensão considerada mais segura de sua casa e relacionamentos.

A partir dessas novas relações e venda de imagens, nota-se o aparecimento e crescimento recente da exposição do mercado de bens e serviços esportivos. Somados a uma divulgação e incentivo à participação em atividades físicas regulares, sobressaem: academias de musculação, lojas de materiais e equipamentos esportivos, canais *pay per view*, entre tantos outros. Observa-se que vem se intensificando o processo de massificação da discussão em torno do meio esportivo no debate que relaciona esporte e qualidade de vida.

Encontra-se também questões sociais, históricas e culturais que levaram ao surgimento, à difusão e à consolidação de diferentes práticas esportivas e sua popularização em diferentes períodos e em diferentes sociedades. Por isso cabe também observar e compreender porque atualmente no Brasil, por exemplo, a imagem do futebol é socialmente hegemônica; nos Estados Unidos, o basquetebol; na França, o ciclismo; na China, o tênis de mesa; no Japão, as artes marciais; no Quênia, o atletismo; na Nova Zelândia, o rugby.

Com efeito, na contemporaneidade brasileira, a mídia torna-se mais um agente que constrói e reforça o sonho de tornar-se jogador de futebol. Sobretudo nos canais abertos, de maior acesso do grande público, o que aparece na maior parte do tempo destinado a programas esportivos em geral relaciona-se ao sucesso de grandes jogadores e suas histórias de superação. Em sua grande maioria, os atletas são pessoas oriundas de famílias de baixa renda e que hoje ostentam contratos milionários (SOUZA, 2015).

As análises realizadas por Cardoso e Santos (2014) das gravações do programa televisivo “Globo Esporte”, um dos mais populares quando se refere a informações

esportivas no país, mostraram que o espaço destinado ao futebol brasileiro masculino de elite corresponde a 89% do conteúdo do programa, contra 11% destinado a todos os outros esportes reunidos, com um pequeno destaque para automobilismo, basquete e tênis. Segmentos da população como mulheres, idosos, juniores, crianças e outras modalidades esportivas são marginais na pauta das apresentações.

Tal influência leva o telespectador também a certa obrigação de escolher torcer por alguma equipe de futebol e não abandonar essa decisão, mesmo que nunca acompanhe o time. Para Dutra e Silva (2012), cada torcedor deve manter o amor ao time como princípio de moral. Todavia, observam ainda que no Brasil é comum que fora do eixo Rio-São Paulo torcedores apoiem mais de uma equipe.

Observando o comportamento desses torcedores, é possível classificar tal atitude como consequência de maior visibilidade dos times do Sul e Sudeste na mídia e cenário nacional, pois estes estão sempre a disputar torneios internacionais e bem classificados nos nacionais. Logo, com maior visibilidade, estes clubes têm também maior empatia do público.

Como consequência dessa maior visibilidade do esporte, ocorre também a maior prática, carregada de expectativas. Conforme pontuado por Dana (2013), ao se observar as expectativas dos praticantes de futebol nas diferentes classes sociais, tem-se que grande parte dos juniores de classes mais elevadas praticam com interesse de lazer, socialização e distração, sem preocupação ou perspectiva de seguir carreira profissional. Quando essa preocupação existe, raramente ocorre pressão por parte dos pais, pois para estes existe acesso e possibilidade de carreira através de bons estudos.

Dana (2013) comenta que adolescentes de classes menos favorecidas desde cedo aventuram-se em peneiras vislumbrando um caminho possível e exaustivamente divulgado de ascensão social. Esta perspectiva e opção profissional, se encaminhada como o astro da televisão e outdoor, suprirá a falta de acesso à boas escolas e oportunidades tanto para ele quanto para toda a sua família.

No estudo de Alves e Carola (2015), um ponto de destaque é a força de sedução que o ídolo televisivo do futebol tem nas escolhas das crianças. Na aplicação de um questionário a 48 alunos, 16 deles citam Neymar como seu grande ídolo, mas apenas um se declara torcedor do Santos (time que o atleta jogava na época). O Flamengo, embora

citado por oito alunos como time do coração, não teve nenhum jogador citado como ídolo. Segundo a linha de pensamento dos autores, evidencia-se que a imagem do indivíduo em destaque por vezes é tão poderosa que se sobrepõe não apenas os companheiros, mas também dos rivais e a própria camisa do clube.

2.3 Vulnerabilidade social

Souza (2015b) defende que a força do negócio, reforçado por empresários, clubes e os próprios atletas é o que mantém a exploração dos menores e descarte da grande maioria deles. Através disso, formam-se os sujeitos invisíveis. Sujeitos que existem, são iludidos com um sonho e explorados para adquirirem a identidade que o negócio do futebol profissional demanda em nome da captação de raros talentos.

Ao se tornarem a base da pirâmide, tornam-se também invisíveis: não aparecerão nos jornais, nas reportagens e nem mesmo serão destaque como jovens promessas. Só no clube pesquisado pelo autor, em média são avaliados 20.000 garotos e apenas 200 são aprovados. Ou seja, 19.800 meninos foram descartados e colocados na invisibilidade.

Souza (2015b) problematiza também que além da ausência de boa regulamentação, de fiscalização e controle que proteja os menores, existe uma realidade que facilita e torna legal a exploração na busca deste sonho de tornar-se jogador: a vulnerabilidade social em que se encontram a grande maioria destes aspirantes a atletas, que retroalimenta o sonho e a busca deste objetivo a qualquer custo. A falta de alternativas, principalmente devido à evasão ou fracasso escolar (influenciados também pela precarização do ensino público), leva estes garotos a pensar que a carreira de jogador é a única chance de mobilidade social.

A vulnerabilidade social mencionada no estudo de Souza (2015b) é fato recorrente na família destes menores no país do futebol, e a possibilidade de ascensão através do esporte gera um sonho que ultrapassa o indivíduo, envolvendo inclusive toda a família, histórias motivacionais e ressignificações dos fracassos. Isso acaba por legitimar a exploração: a ilusão de ultrapassar os inúmeros obstáculos que estão postos no processo de formação torna o desleal processo algo natural e aceitável.

A insistência e o não desistir são unanimidade quando referidas, pelos aspirantes, as qualidades que um atleta deve ter. Isso explica e justifica a persistência dos jovens a estenderem suas participações nos processos de seleção, mesmo em meio a inúmeras tentativas frustradas. Prolongarem o tempo de espera até receberem o “sim”. Os participantes da pesquisa citam o exemplo do jogador Cafu, capitão da seleção brasileira na conquista do mundial de 2002. Segundo a lenda, o jogador passou por onze testes até ser aprovado e, finalmente, poder iniciar sua carreira como atleta profissional.

Nesta contínua busca pelo sonho, toda a família é envolvida. Um dos entrevistados, na entrevista de Souza (2015b), conta que sua mãe bancou boa parte de sua despesa de viagem, o acompanhou e estava disposta a mudar-se definitivamente de cidade para acompanhar o anseio e esperança do filho, mesmo a milhares de quilômetros de sua cidade atual. Este fato reforça, ressignifica o sonho e até mesmo a provável frustração deste.

No caso, assim como a imensa maioria, o garoto foi reprovado. O argumento dado a ele foi que deveria tentar novamente assim que “ganhasse mais altura”. A mãe, neste caso, estaria disposta a realizar exames para diagnosticar se existe algum problema biológico com o garoto e inclusive investir em medicamentos para estimular o crescimento, caso necessário. Neste caso, o próprio sujeito e sua família não tem a percepção que estão à margem de um sistema de oportunidades ofuscado pelo sonho.

2.4 Realidade dos atletas invisíveis

Mesmo com o bronze no Pan-Americano de 2015, Alex Tjong continua sendo um atleta invisível. Por conta da falta de exposição de seu esporte, o badminton, nas grandes mídias, falta também patrocínio e, conseqüentemente, verba para arcar com todas as despesas que as competições necessitam. O jogador também faz parte dos serviços militares para complementar sua renda (OLIVEIRA, 2015).

Ainda na reportagem realizada por Oliveira (2015), Tjong expõe que como alternativa para atrair patrocinadores e tentar viabilizar o sonho de disputar uma olimpíada, desenvolveu vídeos humorísticos nas mídias alternativas. Diz que esta campanha é desgastante, pois exige tempo e criatividade, mas acredita que com o aumento

da renda e de suas participações, suas chances de vitória serão maiores e, portanto, sua divulgação e de seu esporte também.

No entanto, nem sempre bom rendimento e performance são sinônimos de visibilidade. Com exemplo, temos o caso de Marcel Stürmer. Os quatro títulos nos Jogos Pan-Americanos garantem a visibilidade do gaúcho apenas uma vez a cada quatro anos, por alguns minutos. O atleta da patinação artística, que também já foi campeão mundial, vê sua história de vida contada nas grandes mídias apenas em datas próximas a seus títulos, em “compactos de dois minutos” (DORO, 2015). Em todo resto do tempo, é invisível e renegado.

Assim como nosso objeto de estudo (os atletas invisíveis masculinos), as jogadoras também estão à margem dos holofotes, e pelas mesmas influências. Nem mesmo a melhor jogadora de todos os tempos tem uma visibilidade constante e exacerbada quanto seus colegas do futebol masculino. A jogadora Marta recentemente superou uma marca que pertence ao aclamado “rei” do futebol masculino, Pelé, tornando-se a maior goleadora das seleções brasileiras de futebol (BARLEM, 2015). Mas nem por isso teve exibição digna de realeza.

Trazendo a discussão para o futebol masculino, pode-se observar casos de invisibilidade semelhantes com o dos atletas acima citados. Em reportagem para o blog “Copa Pública”, Barros e Afiune (2013) observam a realidade de alguns invisíveis, chamados por eles de “boias-frias” do futebol, fazendo uma analogia aos agricultores braçais que trabalham neste regime de subemprego. Mesmo em tempo de holofotes voltados aos anfitriões da copa do mundo de futebol de 2014, o que se vê na maioria dos campos brasileiros em nada condiz com a atenção “padrão FIFA” dada ao evento.

Os repórteres acompanham o jogo entre Grêmio Esportivo Mauaense, time da Série B do Campeonato Paulista (abaixo da Série A3), contra o Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (SAPESP), time em situação ainda pior, pois são desempregados que treinam para manter a forma, visando um dia retornar a jogar profissionalmente. Neste jogo,

“...não há fotógrafos, jornalistas, símbolos das federações, placas de publicidade. Ninguém está nas arquibancadas para vibrar pelas jogadas no campo deteriorado, cheio de entulho. Dois cachorrinhos brincam no fundo do “campo” do Estádio Pedro Benedetti, municipal, que fica escondido atrás de um distrito da Polícia Militar (p. 01)”.

Na cobertura feita pelo blog, a grande maioria dos jogadores da SAPESP já são jogadores considerados velhos para iniciar a carreira esportiva. Todos com mais de 20 anos e com histórias de vida semelhantes. Muitos enganados por empresários ou esperançosos para fugir de situação financeira precária. Compraram o sonho de ganhar a vida com a bola nos pés, deixaram suas cidades, muitas vezes a milhares de quilômetros, e hoje jogam como meio de ganhar o básico para sobrevivência e sustentar a escassa esperança.

Os adversários, jogadores profissionais, tem a realidade não mais agradável. Os contratos são temporários, apenas enquanto durar o campeonato (cerca de três meses), o salário geralmente é o mínimo estabelecido por lei e atrasos são recorrentes. Por estas questões, normalmente os atletas tentam outros empregos ligados ao futebol, como professores de escolinhas (mesmo sem a devida formação) ou até mesmo a própria várzea, que segundo eles, é dinheiro mais certo. Outro fato curioso é que muitos dizem que já receberam proposta de pagar uma quantia para assim terem a oportunidade de ingressarem no plantel de um clube com visibilidade um pouco melhor.

A situação de jogadores em estados longe dos grandes centros consegue ser mais precária. Para jogar o ano inteiro, muitos atletas se submetem a jogar dois estaduais seguidos, sem descanso nem férias entre as temporadas. O exemplo dado é de atletas que disputaram o paraense (de janeiro a junho, com pré-temporada em dezembro) e o amapaense (de julho a outubro). Muitos, porém, não conseguem contrato e são obrigados a ficar seis meses parados, vivendo de outros tipos de empregos temporários possíveis ou desistindo de vez da ilusão idealizada por conta da realidade posta.

Alfredo Sampaio, presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Rio de Janeiro, comenta a situação precária em entrevista realizada por Seabra (2016):

Ao fazer a acrobacia para o golaço, Wendell Lira deu um salto profissional que muitos sonham. No Brasil, estimam as entidades, apenas 40 clubes são capazes de abrigar jogadores com dignidade. A equação entre mão de obra excessiva e pouco qualificada, poucos clubes bons e muitos sem estrutura é igual a sonho mais futuro nada promissor. O futebol é um cone ao contrário. Muitos entram, poucos saem (p. 02).

No discurso, o presidente faz analogia ao caso de Wendell Lira, um atleta que saiu repentinamente da invisibilidade ao disputar e vencer o Prêmio Puskás de 2015 (GARCIA e RAUPP, 2016), reconhecimento internacional dado ao autor do gol mais bonito do

mundo, com final decidido por júri popular. Antes do reconhecimento, nos períodos sem contrato o jogador ajudava na lanchonete da mãe e trabalhar como dobrador de panos para poder suprir as necessidades básicas de sua filha pequena (RODRIGUES, 2015).

Pelo campeonato goiano, recebendo um bom passe pelo alto, o jogador realizou um movimento inusitado, misto de bicicleta e voleio, conseguindo empurrar a bola para as redes. Sampaio compara a “acrobacia” dada pelo jogador ao que o atleta padrão de futebol deve fazer para sair de uma situação precária: fazer o improvável e realizar o sonho longe do padrão, onde a realidade da maioria é nada promissora.

Barros e Afiune (2013) citam o exemplo de Paulo André, zagueiro que ficou nacionalmente conhecido atuando pelo Corinthians. Hoje o atleta é um dos líderes do grupo “Bom Senso F.C.”, movimento de jogadores da elite que aproveitam sua visibilidade para denunciar questões que sofreram (como baixo salário, atraso nos pagamentos e precariedade de condições) e sofrem (como excesso de exploração da imagem devido desigualdade no calendário, ocorrendo sobrecarga de jogos para os times considerados grandes e falta de calendário aos considerados pequenos).

O discurso ilustra e aponta para as dificuldades que passou durante o início de sua carreira:

” Eu morava num sítio que ficava quatro quilômetros da cidade, dormia num galpão com mais 30 outros sonhadores, aspirantes a jogadores de futebol. A nossa alimentação era precária: arroz, feijão e salsicha todo dia. A estrutura de treino era qualquer pedaço de grama que tinha na cidade. Nas viagens longas que se faziam pelo interior do estado, o ônibus quebrava e a gente chegava em cima da hora, atrasado pra jogar. Eu ganhava um salário mínimo, que era de 180 reais, e atrasava [...] Isso não é fomentar futebol e sua prática, isso é expor trabalhadores a condições de risco. Isso é vender uma ilusão de ser jogador de futebol a milhares de pessoas, milhares de atletas, que vivem como verdadeiros boias-frias do futebol. Vivendo do futebol três, quatro vezes no ano e depois tendo que encontrar outra divisão (p. 06).”

Nesta fala, pode-se observar que o sonho idealizado por esses atletas estava acima até mesmo da alimentação e residência, que são consideradas condições básicas de sobrevivência. Mesmo sem as condições físicas e recebendo nada em comparação ao jogador da televisão, os aspirantes insistiam sem saber que apenas um Paulo André sairia de lá e teria o retorno esperado, enquanto que muitos provavelmente se mantiveram (e até mesmo se mantem) privados das condições mínimas de humanidade.

Atualmente, mais de uma década se passou e a realidade dos clubes menores não mudou, como é possível observar nos exemplos e depoimentos citados. Ainda, segundo o jogador, não deveria haver a necessidade de que um clube pequeno, para “existir”, tenha que necessariamente jogar com um grande, como ocorre atualmente. Com um calendário e, conseqüentemente, distribuição de imagem e renda desigual, a tarefa de manter o clube à margem dos holofotes por conta própria torna-se ainda mais difícil.

2.5 Realidade dos clubes invisíveis

Como consequência deste apoio desproporcional e de normativas que favorecem apenas os clubes com grande capital, segundo Seabra (2016), muitos clubes brasileiros podem estar com os dias contados. Isso porque a partir de 2017, um grupo de estudos estruturado pela CBF visará implantar gradativamente o sistema de licenciamentos de clubes, com objetivo de padronizar a profissionalização. Contudo, atualmente, de 900 clubes, apenas 250 se encaixam nesta normativa proposta.

Na reportagem de Seabra (2016), o presidente do Sindicato dos Atletas profissionais de São Paulo afirma que “Tem clube que não tem pão com manteiga. Outros cobram até para o atleta jogar... Com o sistema de licenciamento, não se enquadraram, estão fora. Vai disputar campeonato amador” (p.01). O presidente do Sindicato no Rio de Janeiro conta que, na fiscalização,

Deparamos com cenas inacreditáveis. Clubes sem campo, jogadores trocando de roupa no gramado por falta de vestiário, sem receber salários... A realidade do futebol brasileiro é do sonhador que chega ao clube pequeno com 20 anos, peregrina até os 36 anos e deixa o futebol sem profissão, sem dinheiro, sem rumo. É um sonho mentiroso (p. 02).

Segundo a visão destes profissionais, a resolução do problema está no fechamento de clubes que não se enquadram no padrão do licenciamento. Todavia, este pensamento não discute a causa do problema e não visa apoio ou resolução: apenas contribui para que tais clubes continuem a margem de condições dignas e se afastem cada vez mais da imagem apresentada na televisão.

Barros e Afiune (2013) entrevistaram o dirigente do Mauense para expor a situação de maneira global, na visão administrativa de um clube considerado de menor expressão. O mandatário explica que vista a fragilidade que os clubes profissionais desse

porte passam, para manter em ordem as finanças, é comum que empresários e outros investidores busquem aproximação.

Esta parceria, entretanto, por vezes acaba sendo prejudicial. Muitos empresários apenas utilizam a estrutura do clube para que seu atleta, de certa maneira, atue e futuramente ganhe uma tão sonhada transação milionária, por vezes não deixando nada para o time (além da falta de investimento e retorno a invisibilidade). Como experiência do próprio clube, foi citado que muitos empresários deixam inclusive dívidas trabalhistas pendentes, já que o contrato é firmado entre o jogador e o clube, não com o investidor.

Para o comandante, o que o clube deve ter e lhe é negado é visibilidade. Sem ser visto, a começar pela mídia e federação, as empresas locais não dão o necessário apoio ao clube, conforme pontua:

“Quando as pessoas não enxergam aquilo que você está fazendo, fica difícil. Como eu vou chegar numa empresa aqui de Mauá se eles falam: ‘ah, mas você não dá retorno’? É isso que a gente precisa: retorno. Precisa a prefeitura de Mauá nos ajudar, abraçar o time da cidade, e a mídia local e a própria federação paulista fazerem um esforço maior de divulgação do que se faz aqui na Segunda Divisão [...] a falta de público é falta de iniciativa [...] de todos, mas principalmente da mídia, do poder público e da federação paulista. (p. 03)”

Na fala do gestor, a invisibilidade é tratada como um fenômeno consciente. Ele afirma que a falta de público e falta de iniciativa dos grandes da mídia está intimamente ligada, e que sem este apoio não consegue pedir apoio das empresas nem de sua própria cidade. Ao se reconhecer como invisível, o dirigente reconhece que não conseguirá mudar a realidade do time, e que isto não depende apenas de gestão.

Comparando esta realidade com a segunda divisão de Sergipe, é possível observar que a realidade é muito semelhante. Para o diretor do departamento técnico da Federação Sergipana de Futebol, o efeito é cascata: não se tem a devida visibilidade e apoio, logo o time não tem patrocínio e é obrigado a oferecer um salário baixo aos seus atletas. Com isso, não é possível se montar uma equipe boa e competitiva em alto nível, o que tira a credibilidade do torcedor e não o atrai ao estádio, reduzindo ainda mais a renda. Segundo ele, a média da Segunda divisão fica entre 150-200 pessoas, enquanto que a Primeira Divisão atrai entre 800-1000 pagantes.

Ainda segundo o dirigente, existem diretores que lamentam ir à decisão do campeonato, pois isto gera mais 15 dias de despesa. Ele credita esse lamento à má gestão

administrativa, e crê que a gestão deve estar sempre com os pés no chão e pautar sua participação nos campeonatos segundo a sua despesa possível de pagar. Cita o exemplo do River Plate de Sergipe, que desistiu de dois campeonatos que foi convidado a participar por falta de condições financeiras.

Apesar de ter o melhor público da primeira fase da Série A3 do estadual paulista em 2016, o Esporte Clube Noroeste registrou prejuízo de R\$ 24 mil nas dez partidas realizadas em seu estádio. Em apenas uma partida conseguiu cobrir as despesas (GLOBOESPORTE.COM, 2016). Segundo a assessoria de imprensa do clube, a política de expor os números serve "para mostrar à imprensa e à torcida as altas taxas exigidas pela Federação Paulista de Futebol para a realização de uma partida" (p. 09).

Por conta desta falta de incentivo e exigências financeiras fora da realidade vivida pelos times, inúmeros clubes da região de Bauru, cidade sede do Noroeste, fecharam as portas. Só nos últimos anos, foram 26 times profissionais do interior paulista deixaram de existir por não ter condição de manter as finanças e arcar com compromissos exorbitantes para a realidade a que estão postos. Entre os clubes vítima desse ostracismo, estão times sagrados campeões de divisão de acesso e outros que serviram de base para campeões mundiais pela seleção brasileira, tais quais Didi e "São" Marcos (ALONSO, 2016).

Neste contexto, Barros e Afiune (2013) entrevistam responsáveis pela gestão de Maruim (Sergipe) e Ypiranga (Amapá). Para o diretor administrativo do Ypiranga, devido ao escasso recurso citado acima, muita coisa deve sair inclusive do bolso do próprio presidente comprometido com o clube. Segundo ele, a falta de campeonatos impede que o clube tenha um planejamento para o ano todo, o que leva os contratos a serem temporários, apenas quando tem jogos. Também afirma que a questão de patrocínio é complicada, pois o clube vai perdendo a credibilidade ao longo dos anos devido todas essas situações.

Para o presidente do Maruim, uma alternativa viável, utilizada pelo clube para atrair receitas, é a parceria com times de maior expressão do país e até mesmo clubes internacionais. Cita que o clube que dirige irá receber jogadores da França, para treiná-los visando uma futura negociação. Comenta também que tem amigos em clubes como Ponte Preta, Portuguesa e Palmeiras que podem enviar a seu clube jogadores jovens que não estão utilizando em seus times da base. Cita que a parceria é atrativa para ambas as

partes, e como exemplo de jogador de sucesso surgido nesse modelo no clube remete a Oséias, que se destacou com a camisa do Palmeiras.

Nestes exemplos, é possível refletir que visibilidade se torna elemento fundamental na estrutura de um clube, pois direção, organização, planejamentos e projetos estão diretamente ligados ao destaque que o clube terá. A mídia passa a ser fundamental para a sobrevivência das marcas envolvidas. Dando continuidade a questão (in)visibilidade, o próximo tópico discorrerá sobre a valorização midiática e a influência que esta exerce, direta e indiretamente, em todos os envolvidos com o esporte, desde torcedores dos menos fanáticos a atletas e times “mitológicos”.

3. (In)visibilidade programada: interferência da mídia

Por mídia, será aqui compreendida a instância da sociedade contemporânea que, de maneira central, produz cultura e a veicula de modo a construir significados e representações (DAOU, GUARESCHI, AZAMBUJA, 2014). A mídia atual tem lugar privilegiado no desenvolvimento e propagação de sentidos que constroem identidades. Estas contrastam com outras, o que, conseqüentemente, segrega e produz diferenças.

A grande comunicação social não só produz o que deve ser o ideal como também molda o sujeito dentro dessa perspectiva, razão pela qual imprimiremos sua potência, neste capítulo. Mininni (2008) destaca o poder dos meios de comunicação em massa, que guia as ações cotidianas e a interação social, definindo inclusive o conhecimento da população em geral. Para ele,

“ Tudo o que nós sabemos do mundo e de nós mesmos (...) devemos à capacidade de interagir com os outros, capacidade essa que serve, de maneira cada vez mais intrincada, dos meios de comunicação de massa”. (p.35)

No contexto esportivo, é possível notar que as capas de jornais e revistas evidenciam repetidamente os mesmos atletas, enquanto colegas de profissão destes sequer são citados ou noticiados. Mas tal fato é notado pelo público em geral, ou o destaque sobre o atleta de ponta escurece todo seu percurso e companheiros que estão na base da pirâmide? Esse fato pode ser notado também na influência sobre a escolha esportiva como um todo, direcionando e criando tendências?

Para McCombs (2009), os assuntos e discussões que vão a público são minuciosamente selecionados pela grande mídia e influencia, mesmo que de modo não aparente, as bases de argumentação e juízos de valores de toda população. O autor remete a Leonard Pitts, quando reflete que “num mundo onde a mídia define a agenda do público e produz o diálogo, aquelas coisas que a mídia ignora podem muito bem não existir.” (p.181).

Neste contexto, é possível associar o existir ao ser visto, ser notado e reconhecido. Todavia, até mesmo o estar em evidência não é menos problemático, pois a exposição pode não ser a esperada dependendo do desempenho de hoje (ou até mesmo de segundos atrás). No entanto, que conseqüências surgem a partir de destaques para além do controle do indivíduo? Ou quando o indivíduo nem ao menos é notado? E o que há por trás de cada história noticiada?

A busca por respostas a tais ponderamentos não é completa, na contemporaneidade, deixando em segundo plano as mídias não tradicionais, tais quais redes sociais, blogs e canais interativos. A investigação também deve se pautar na compreensão da liberdade de expressão destes veículos, no quanto estes destoam e são livres para criar suas próprias matérias e tendências, bem como o quanto essa nova divulgação difere das mídias tradicionais em suas publicações.

Em matéria publicada no Wall Street Journal, o Brasil é tido como um país ativo em uma tendência mundial de compartilhamentos informais de notícias, sendo descrito como "capital mundial das redes sociais" (04/02/2013). O país tem a segunda maior comunidade de usuários no *Facebook*® (65 milhões de pessoas), ficando atrás apenas dos Estados Unidos, tem a segunda maior comunidade internacional em número de visitantes únicos ao *YouTube*® e está entre os cinco maiores usuários do *Twitter*® (CHAO, 2013).

Neste novo meio e novas tendências de informação, pergunta-se: é possível dizer que a visibilidade, em especial dos atletas temas dessa pesquisa, sofre influência e pode vir a ser maior ou menor por conta desta nova possibilidade?

3.1 Mídia, tendências e manipulação

Há uma tendência em acreditar que o maior número de notícias gera também maior nível de educação e discussão, bem como desenvolve a liberdade, diversidade e maiores opções de informação. Porém, independentemente do nível educacional e de instrução do leitor, ainda existe uma espécie de “agenda da mídia” que interfere nas argumentações das notícias veiculadas. Para McCombs (2009),

Níveis maiores de educação parecem não causar um aumento nas respostas defensivas aos padrões de realce das notícias. Pessoas bem educadas não mostram qualquer tendência superior a dos indivíduos menos educados para argumentar contra ou para erguer barreiras psicológicas ao acatamento da agenda da mídia. (p.73)

Assim, é possível trabalhar com a ideia que existem tendências, formadoras de opinião e padrões para certa manipulação na imprensa. Segundo Abramo (2003), este fenômeno atua em todos os níveis da mídia e pode ser notado através de ocultação, fragmentação, inversão e indução da notícia.

Por ocultação, entende-se a ausência de informações ocorridas em determinado fato que está sendo coberto, ofuscadas pela presença de outras. Ou seja, é a seleção do que acaba sendo classificado como jornalístico e o que não é. O desenvolver de uma versão e realidade que o meio de divulgação deseja estabelecer de determinada notícia

que está divulgando. Assim, fica mais difícil ao leitor desta mídia ter o conhecimento de outros pontos e desenvolver uma argumentação ampla e sólida de uma mesma nota.

Pode-se entender a fragmentação observando as notícias veiculadas diariamente em qualquer meio de comunicação. Observa-se que a preocupação se dá no simples noticiar, sem dar relevância a história, contexto e aprofundamento. Ela simplesmente é disposta de maneira sucinta e muitas vezes desconexa das seguintes e anteriores. Deste modo, a realidade fica desligada, fragmentada em minúsculos pedaços que podem ser facilmente encaixados no contexto que o meio divulgador desejar.

O padrão de inversão ocorre quando há um reordenamento de relevância de partes da notícia, acabando por criar outra realidade. Tal inversão pode ocorrer: da relevância dos aspectos, onde o detalhe é apontado como principal e vice-versa; da forma pelo conteúdo, onde o texto, a imagem, a forma de transmissão acaba sendo mais importante que a notícia veiculada propriamente dita; da versão pelo fato, quando a opinião e interpretação dos divulgadores passam a ser mais aceita e comentada que o fato noticiado em si.

Também pode ocorrer a inversão da opinião pela informação, onde o órgão de imprensa apresenta seu juízo de valor como se fosse o juízo de realidade, por vezes até substituindo o noticiar pelo dar a opinião. Com isso, ao ouvinte é apenas dada a opção de ouvir a versão do veículo sobre o ocorrido, sem a oportunidade de ponderar por si.

A indução da notícia ocorre devido à massificação e padronização dos fatos por um número reduzido de fontes, o que induz o leitor ao fato noticiado não em si, mas direcionado segundo a realidade produzida pelo informante. É o que gera a visibilidade exacerbada de determinados produtos, comportamentos, símbolos, exemplos, em detrimento de outros, sendo estes outros por vezes a maioria (que, portanto, melhor representariam a realidade). Acaba-se, dessa maneira, por exibir uma sociedade de personagens, onde estes, mesmo idealizados e distantes da realidade, são tidos como padrão.

A partir dessas visões, surgem ainda inúmeras formas de dominação, inclusive na expropriação do poder simbólico, a partir do que podemos considerar um capital simbólico. Na medida em que a realidade vem sendo construída, ela vem agregada de valores que lhe dá uma conotação de maior ou menor valor. Ao se noticiar algo, ao se colocar algo em evidência, dizendo que este existe, está-se também dizendo que aquilo é bom ou ruim. Daí a ideia do bom alimento, do bom carro, da boa grife. Divulga-se, ainda, o “bom ator”, o “bom apresentador”, o “bom político”, o “bom atleta”.

Neste pressuposto, a criação das pautas de discussão, que guia o que foi e será falado no cotidiano dos cidadãos, se dá a partir de instituições que detém o poder sobre a mídia. Tais instituições em geral fazem uso também de outros tipos de poder, tais como o econômico e político. No acumular de forças, pequenos grupos gerenciam e, por consequência, acabam desenvolvendo este novo ambiente social e cultural do mundo contemporâneo (ROSO E GUARESCHI, 2007).

A informação acaba, então, sendo limitada a visões mercadológicas, que correm facilmente o cotidiano da população a partir do desenvolvimento de um catálogo limitado. Desta forma sutil, as notícias acabam por seguir tendências de pequenos e poderosos grupos, sem que a população necessariamente perceba que está apenas a reproduzir. Para Roso e Guareschi (2007), tem-se ainda que

O mercado global da mídia é dominado por um primeiro grupo de cerca de 10 enormes conglomerados: Disney, Time Warner, Bertelsmann, Viacom, Nerws Corporation, TCI, Sony, General Eletric (proprietário da NBC), PolyGram (pertencente primariamente a Philips) e Seagram (proprietária da Universal). Essas empresas possuem ações em diversos setores da mídia e operam em todos os cantos do mundo. (p. 41-42)

A discussão também é trazida visando explorar o impacto que esses grupos geram na sociedade contemporânea. Algumas consequências claras são: a impossibilidade de democratização da comunicação, gerando assim carência de diferentes informações; fortalecimento de pensamento e condução da visão econômica vigente (no caso, o neoliberalismo); constante violação de direitos humanos, visto que o cidadão se torna refém do que é prescrito.

Mário Sconcerti, italiano que já trabalhou como editor de um dos dois diários nacionais que cobre o futebol em seu país, o *Corriere dello Sport*, em entrevista a Foer (2005), acredita que a imprensa pode ser manipuladora a ponto de elevar a pontuação de um time em até seis pontos. Diferença que facilmente definiria o campeão e o segundo colocado. Para confirmar sua teoria, o italiano comenta que

Durante a temporada de 2000, seu jornal lançou uma campanha em favor da Roma e do Lazio. Todos os dias, o *Corriere dello Sport* atacava em favorecimento de quem eram alvos os clubes de Agnelli (Juventus) e Berlusconi (Milan). E em certo momento, Sconcerti e outros acreditam, pôde-se perceber que os árbitros se tornaram mais generosos em relação ao Lazio e ao Roma. Nas temporadas de 2000 e 2001, assinala ele humildemente, os times de Roma ganharam os campeonatos nacionais (p. 161-162)

Aproximando tais informações relacionadas a força da grande mídia à realidade brasileira, dados publicados por Moreira e Couto (2014) confirmam que o fenômeno é de tendência global, onde:

Até 2009, o projeto independente “Donos da Mídia” havia identificado 183 grupos de comunicação atuando no país. Destes, 142 grupos tinham abrangência regional (com atuação em até dois estados) e controlavam diretamente 688 veículos, enquanto 41 grupos tinham alcance nacional, com conteúdo distribuído por 551 veículos. Na maioria dos estados, a liderança de mercado e de público limitava-se geralmente a dois grupos. Hoje a propriedade dos meios de comunicação ainda se vincula a grupos familiares que concentram as concessões públicas de radiodifusão e a infraestrutura das comunicações. (p. 6-7)

Sem maior interatividade com as notícias divulgadas pela grande mídia, uma alternativa viável seria o uso da internet como opção de receber e divulgar as mais diversas informações. Contudo, para Klinenberg (2007), o que vem ocorrendo é também uma comunicação diretiva a partir do que se tem divulgado por grandes multinacionais, cabendo ao indivíduo apenas a mera reprodução destas.

Klinenberg (2007) pontua que sim, o número e desenvolvimento de micropáginas são ilimitados, entretanto, os sites mais procurados estão associados a pequenos grupos de comunicação poderosos. Assim, os espaços de internet, a princípio sem maiores influências e de livre navegação, acabam reduzidos a textos idênticos aos divulgados pela grande mídia, sem que se acrescente algo.

A partir desta visão, é possível observar a interferência em treinamentos desportivos. Estes são desenvolvidos pautados nestas divulgações e a partir destes conhecimentos massificados, por vezes deixando de lado as individualidades de atletas e equipes. Gera-se, com isso, a disciplina padronizada do corpo, conseqüentemente gerando desconstrução de características singulares do atleta para a construção de um novo esportista, conforme discutido a seguir.

3.2 A (des)construção do atleta

Daou, Guareschi e Azambuja (2014) estudaram como se dá a construção do jogador profissional atualmente, bem como a interferência da mídia e das grandes empresas neste processo, que aumenta a exigência de trabalho ao legitimar e tornar formal a disciplina rígida do corpo do atleta.

Horkheimer e Adorno (1985) já apontavam a tendência deste regimento externo. Nos estudos dos autores, o termo “cultura de massa” vai sendo substituído por “indústria de massa”. Segundo as análises, o primeiro termo pode dar a impressão que uma cultura emerge dos costumes da população em geral, quando na realidade não é: a produção de cultura se dá partir de interesses comerciais, criados e desenvolvidos facilmente a partir de relações mecanizadas, articulados pelos detentores dos meios de produção.

Em relação ao esporte, pontuam que:

As equipes esportivas modernas, cuja cooperação está regulada de tal sorte que nenhum membro tenha dúvidas sobre seu papel e para cada um haja um suplente a postos [...] assim como em todos os ramos da cultura de massas, reina uma atividade intensa e funcional, de tal modo que só o espectador perfeitamente iniciado pode compreender a diferença das combinações, o sentido das peripécias, determinado pelas regras arbitrariamente estabelecidas. (p. 87)

Com o aumento das informações e facilidades de divulgação destas atualmente, os atletas têm seus corpos padronizados e disciplinados não apenas por preparadores e empresários, mas também por toda comunidade. As notícias veiculadas direcionam a produção de sentidos sobre como se deve pensar, ver, ser e entender o atleta profissional. No estudo de Daou, Guareschi e Azambuja (2014), é destacado que essa moldagem se dá, principalmente, por dois enunciados: o corpo da técnica e o corpo lucro.

Por corpo da técnica, compreende-se o desenvolvimento do atleta no processo de subjetivação, onde este é tido como objeto de diferentes campos de conhecimento e suas técnicas. Objetiva-se, com isso, o melhor resultado possível em seu corpo orgânico, físico e psicológico, aliados a tecnologias e conhecimentos nas áreas da nutrição, educação física, medicina e psicologia. Já o corpo para o lucro deixa claro que esse processo nada mais é do que parte de todo sistema de mercado do futebol. Neste, todo investimento no atleta o torna mais valioso e, portanto, deve retornar com lucro.

Com a alimentação atrelada a tecnologia orgânica, que tem como foco o corpo como um lugar de investimento e, a partir disso, o desenvolver de sua capacidade atlética, não seguir à risca os direcionamentos nutricionais é indicado como baixa de produtividade. Os atletas perdem a opção de escolherem com o que se alimentar e em que horário, sendo inclusive submetidos as principais refeições em seus clubes, com cardápios individualizados e minuciosamente preparados para cada necessidade.

No campo da Educação Física e Medicina, no que se refere ao treinamento físico, comportamento motor e fisiológico, é possível notar que as metodologias estão cada vez mais sofisticadas e buscando inovações, visando o alto rendimento. As tecnologias auxiliam no processo de como o atleta pensa o seu próprio corpo: com maior precisão e buscando um desempenho cada vez maior. Com isso, é possível, entre outros, ganhar massa corporal, perder peso, aumentar a capacidade cardiorrespiratória, desenvolver o preparo físico que melhor se encaixa em cada atividade, tratar e recuperar de forma mais rápida e eficaz eventuais lesões.

Nota-se, todavia, que todo este trabalho só é lapidado e tem sua perfeita regulação adentrando os conhecimentos dos saberes psicológicos e suas tecnologias. Com olhar diagnóstico nos aspectos de vida que possam interferir na atuação profissional, a Psicologia contribui na regulação de aspectos emocionais para uma melhor performance do atleta na atividade laboral. O discurso da mídia constantemente circula que não basta o atleta estar bem qualificado tecnicamente, com ótimo rendimento recente e corpo perfeito se não tiver em boas condições de enfrentamento e livre de emoções negativas.

Ao fim deste processo de preparo, aos atletas são atribuídos significados e sentidos que eles também se atribuem e se subjetivam como jogadores de determinado esporte. No pensamento de cada atleta, então, fica também instaurado: para que seu corpo seja atraente, necessariamente deve gerar lucros. Assim, após ser reforçado e amparado pelas tecnologias e discurso da mídia, com a ideia bem aceita pelo atleta, o corpo disciplinado está pronto para ser produto tanto no futebol quanto no marketing.

Uma conclusão que este processo gera aos envolvidos é que, para vender um grande atleta e grande vencedor, também é necessário ir além das atribuições aqui já citadas. É necessário que o atleta se mostre vencedor nos modos de vida ou em sua forma de mostrar os modos de viver. O corpo do rendimento só é completo se é um corpo que vence, que tem uma história de vida que demonstre isso de forma atrativa para o público.

Dentro desta lógica, Türcke (2010) pontua que,

O mercado sempre foi um lugar de seleção. Vender mercadorias frequentemente significa também ter o direito de deixá-las ficar num canto. Só que faz uma diferença fundamental decidir sobre bens de consumo ou sobre humanos [...] Pois o sentido e o objetivo de toda mercadoria é ser vendida, mas apenas a mercadoria humana sente se tais sentidos e objetivos foram alcançados ou não. (p. 183)

É possível notar que mercado moderno é atribuidor de sentido social, onde na eleição de um, necessariamente rejeita outro. Dentro dessa lógica, o indivíduo rejeitado continuará a vender sua força de trabalho buscando o sentido pessoal de alcançar tal objetivo de ser vendido. Entretanto, a grande maioria nunca será aceita, levando em conta que a demanda é grande e a oferta pequena. O herói e produto humano que recebe contratos milionários, conforme discutido a seguir, só é possível por conta de uma base gigantesca que a sustenta (MATTOS, 2016).

O excesso de visibilidade e novo patamar dado aos poucos que atingem o *status* de *pop star* também não são menos problemáticos. Pereira (2016) cita o trio de ataque da equipe do Barcelona da temporada 2015/2016 como exemplo. Messi, Suárez e Neymar (Conhecidos como “Trio MSN” e tido por muitos como melhor trio de ataque do mundo nesta época) não tem contato direto com seus torcedores e é sempre distanciado de seus seguidores por um “muro” de seguranças.

Pereira (2016) cita que isso torna a torcida cada vez mais gélida, e que os aficionados insatisfeitos com esse distanciamento já foram ameaçados com a criação de uma “torcida oficial”, algo que, segundo o autor, para se fazer parte deveria necessariamente se encaixar nos moldes do clube. Ser adestrado e manipulado segundo os dirigentes, como já ocorre com parte da torcida de Arsenal e Real Madrid. Com este distanciamento, o futebol conexo e ligado à paixão acaba se desvanecendo, tornando-se cada vez mais um futebol de “contemplação mitológica”.

3.3 O (re)nascido de heróis e novas batalhas

Com a invenção da imprensa esportiva no começo do século passado, o jornal transformou o jogo de futebol em notícia, ampliando sua repercussão e importância na vida das cidades e do país. Com a popularidade e devida promoção do futebol pelo falar sobre o esporte, o interesse da população em praticá-lo e vê-lo aumentou bruscamente, contribuindo diretamente para a constituição do fenômeno de massa que é hoje (ANTUNES, 2004).

Antunes (2004), referindo-se ao jornalista Mario Filho, menciona que este, na década de 1950, ao acrescentar dramatismo e paixão nas reportagens sobre o futebol, causou mudanças nesse esporte, contribuindo para a aproximação do torcedor com o

jogador e o clube. Assim, o profissional passou a ser considerado, muitas vezes, como ídolo ou superstar.

Como exemplo de grande vitória e da popularização desta tendência, temos a Copa do Mundo de Futebol do ano de 1962, realizada no Chile. Sobre o jogo da seleção brasileira contra os donos da casa, no dia seguinte ao evento, Nelson Rodrigues (2002) escreveu:

Então faço a pergunta: – que fizemos nós, ontem, em Santiago? Éramos onze gatos pingados contra milhões enfurecidos. Amigos, todo o Chile se levantou contra nós. A imprensa, o rádio, a TV, o homem de rua, as crianças – quiseram triturar emocionalmente a “seleção de ouro”. Nunca se fez um massacre psicológico tão feroz contra alguém. O futebol passou para um plano secundário. O objetivo único foi, repito, a liquidação psicológica dos craques brasileiros [...] O Brasil estava só, mas tinha Garrincha. Feliz do povo que pode esfregar um Garrincha na cara do mundo [...]. Quando ele enfiou um gol e depois outro, isso aqui foi, como diria um orador de gafeira, foi uma pátria constelada de garrinchas [...] (p. 89)

Classificado por este discurso como herói da conquista brasileira do mundial de 1962, Garrincha era (e ainda é) considerado um atleta que resume um time, e que mesmo só, não sucumbe a pressões. Vale lembrar que apenas com os gols do atleta, a seleção teria apenas empatado o jogo em questão (que terminou 4x2 para os visitantes), e que o mesmo morreu aos 49 anos devido complicações por uso abusivo de álcool (que nos leva a crer que o ex-atleta tinha problemas pessoais e não recebia o devido acompanhamento).

Como exemplo na contemporaneidade, em matéria publicada por Jovaneli (2011), temos acesso à transcrição do discurso de abertura do narrador global Galvão Bueno, na primeira edição televisionada ao vivo pela Rede Globo do evento UFC, que exemplifica essa supervalorização do espetáculo:

Bem, amigos da Rede Globo. Bem vindos ao UFC Combate. Pela primeira vez a Rede Globo vai mostrar ao vivo para você em todo o Brasil esse esporte que é o que mais cresce no mundo nos últimos 10 anos. Uma verdadeira febre, uma grande mania, uma enorme excitação, uma adrenalina que corre por todas as partes do corpo. São os gladiadores do 3º milênio. São os super-atletas, super-preparados no UFC Combate, essa mistura de todas as artes marciais. Como se juntasse em uma única pessoa o atleta mais bem preparado. As arenas, o octógono, a arena montada como se fosse um coliseu com milhares de pessoas no local e milhões de pessoas espalhadas por 135 países do mundo vivendo este momento e esta expectativa (p. 01).

Com tal discurso enaltecendo o evento, a ascensão de sua popularidade e seus participantes, notamos que assim como na literatura, as personagens expostas no mundo da mídia reeditam elementos de mitos ancestrais em versões atualizadas de questões universais ligadas à formação da identidade do sujeito e sua relação com o mundo (ARAÚJO, 2012).

Campbell (1988) entende que existe a necessidade de cada indivíduo buscar aspectos nos mitos que se relacionem a própria vida. No entanto, esta história não provém de culturas tradicionais do povo, de histórias próximas à realidade da maioria, mas sim de experiências da elite. A interação realizada no desenvolvimento e criação dos mitos é somente a manifestação do grande público as falas realizadas pelos formadores de opinião. Ainda, segundo o autor,

Muitas das pessoas incumbidas de escrever histórias não tem noção da sua responsabilidade. Essas histórias fazem e desfazem vidas. Mas os filmes são produzidos simplesmente para fazer dinheiro. Não se encontra ali aquela espécie de responsabilidade que impregna o sacerdócio, num ritual. Este é um dos nossos problemas, hoje em dia. (p. 86)

Em sua discussão, Campbell (1988) vê como problemático o desenvolvimento de um mito sem nenhuma responsabilidade com a realidade individual, como vem sendo realizado na modernidade. Diz, ainda, que “nosso tempo mudou tão depressa que o que era aceitável há cinquenta anos não o é mais, hoje” (p. 14).

Novas histórias são necessárias e podem ser utilizadas para auxílio pedagógico nos novos tempos. Porém, estas estão ocorrendo baseadas em momentos mercadológicos, não como forma de instrução. Na era digital e de informações instantâneas, a citação pode ser adaptada e não é absurdo dizer que, por vezes, “o que era aceitável segundos atrás não o é mais, agora”.

Em entrevista, o professor de religião e filosofia da Universidade James Madison, Levinovitz (2015), discute a questão da idolatria na era das redes sociais, problematizando ainda a divulgação das informações e a crença de quem as reproduz. Para ele,

Em uma era em que as mídias digitais se tornaram muito populares e acessíveis, as estrelas de cinema e os atletas assumiram o papel dos santos do passado. Em vez de olharem para os textos religiosos, os indivíduos leem o que as celebridades dizem porque querem alguém para guiá-los. Eles também acreditam que, se fizerem o mesmo que os

famosos terão um resultado igual ao deles. Santidade, atualmente, é conceito distorcido (p. 21).

Dentro desta canonização e elevação do patamar dos indivíduos divulgados pela grande mídia, surgem também imperadores e reis de súditos tão fieis quanto as notícias lhes forem favoráveis. Como exemplo no esporte, pode-se observar o caso do atleta que era aclamado “rei” dos pesos penas do UFC, José Aldo, no final de 2015. O atleta foi derrotado e substituído no posto de campeão em uma luta que durou 13 segundos (ALBUQUERQUE, RODRIGUES E MARINHO, 2015).

A reportagem de Albuquerque, Rodrigues e Marinho, (2015), após relatar o resultado negativo de Aldo no evento, já elege seu desafiante, o novo campeão, como “rei”. Antes do evento, um dos patrocinadores de Aldo anunciava com veemência: “Ninguém é rei por acaso.” Propagandas utilizando a imagem do atleta eram exaustivamente transmitidas nos intervalos da luta.

Seu “reinado”, todavia, foi encerrado com um único resultado negativo, quase que deixando de lado as inúmeras vitórias que acumulou nos anos que defendeu o título de campeão. Com sua derrota, a propaganda não foi mais televisionada e a capa da página no *Facebook*® da patrocinadora citada anteriormente, que contava com o lutador e a frase “Acabou a graça. O rei tá de volta.” (Referência provocativa a seu rival) foi automaticamente alterada por imagens apenas dos produtos.

Dentro desta temporalidade, vale citar novamente o caso de Wendell Lira, ganhador do Prêmio Puskás em 2016. Além de ter seu salário aumentado em seis vezes, o atleta ganhou a chave da cidade onde fez o gol e a promessa de estátua e selo em sua homenagem (O DIA, 2016). Foi convidado a desfilar no carnaval do mesmo ano, ao lado da dupla sertaneja Zezé Di Camargo e Luciano (UOL ESPORTE, 2016) e recebeu várias propostas de vincular sua imagem a produtos (BORGES, 2016). No encerrar dessa pesquisa, menos de seis meses depois, porém, Lira estava desempregado. Teve seu vínculo rescindido e está em busca de um novo clube (CAVALCANTE, 2016).

Através dessas personagens, é possível observar tendências nas diferentes explorações da imagem do esportista e modalidade segundo sua popularidade em sua dada época. São evocados novos heróis, existindo aqueles acima de todos, tais quais deuses que relevam colegas a coadjuvantes, apesar de por vezes participarem do mesmo time e obterem a mesma vitória.

Tal exacerbação dos atletas pode ser prejudicial não apenas a eles, mas também a grande massa que acompanha o mito. O investimento em matérias jornalísticas que relembram jogos históricos, tratando-os como verdadeiras batalhas, acentua a rivalidade entre os torcedores, que tendem a defender suas cores e desvalorizar o adversário.

Para Dutra e Silva (2012), o envolvimento passional incentivado pela grande mídia, somado a insistência em comparar jogos com batalhas e duelos, é motivador para que alguns torcedores tomem atitudes irracionais. O surgimento e a ação de torcidas organizadas são citados como “espécie de exército de combate a defender seus clubes, mesmo que a força seja necessária” (p.8).

De igual modo, quando o resultado não é positivo, é comum observar atos de vandalismo e violência nos espaços físicos dos clubes, bem como ameaças e ofensas virtuais direcionadas aos protagonistas do mau desempenho.

3.4 Meios de comunicação de massa e redes sociais: de encontro ou ao encontro?

Referindo-se a comunicação contemporânea entre atletas e imprensa, Costa Júnior e Vasques (2012) destacam a dicotomia vivida entre os esportistas e os meios de comunicação de massa: de um lado, a importância dos meios de comunicação tradicionais acaba sendo fundamental para o clube e, conseqüentemente, para o próprio jogador, tendo em vista a visibilidade e recursos adquiridos através desta troca. De outro, os jornalistas normalmente devem passar pelo assessor de imprensa, que por vezes interfere na atuação do entrevistador, dificultando o acesso ao jogador ou ainda padroniza e fornece o discurso pronto para o esportista, dando-lhe indicativos ou até mesmo falas decoradas, visando sempre manter (para vender) uma boa imagem dos profissionais.

Ainda para Costa Júnior e Vasques (2012), diante dessa censura, os atletas por vezes utilizam como alternativa as chamadas mídias sociais. Redes como *Facebook*®, *Twitter*® e *Instagram*® por vezes podem ser utilizadas como refúgio. Nestes, a intervenção direta de terceiros acaba sendo menor e os próprios autores é que são responsáveis por suas declarações.

A partir dessas novas alternativas, nota-se uma importante mudança na forma como os esportistas divulgam seu trabalho. O que antes era feito exclusivamente pelo

jornalista, passando mais tarde a contar com certa censura do assessor, agora é feito diretamente pelo esportista em contato sem intermediários com o grande público, gerando, conseqüentemente, maior aproximação com os torcedores. Isso gera no atleta diferentes emoções e sem a interferência de intermediários diretos, seu discurso acaba sendo mais real e, conseqüentemente, mais perigoso.

Como consequência desta inserção do atleta nas mídias não tradicionais, o assessor entrevistado por Costa Júnior e Vasques (2012), Flávio Dias, revela que a nova velocidade de informações divulgadas acarreta problema na relação entre jogador, assessor e jornalista. A diversidade cada vez maior de notícias e meios que as veiculam tem o potencial de transformar qualquer notícia em grande reportagem que explorará o que for de maior interesse de quem a divulga. Pode-se pensar também que

A convergência, como podemos ver, é tanto um processo corporativo, de cima para baixo, quanto um processo de consumidor, de baixo para cima. [...] Empresas midiáticas estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo midiático pelos canais de distribuição para aumentar as oportunidades de lucros, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público. Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores (JENKINS, 2008, p. 24).

Partindo desta ideia, uma conclusão possível de observar é que até mesmo essa liberdade e maior número de informações também acabam servindo ao mercado global. Portanto, também acaba passível de visibilidade ou invisibilidade. Aos estudos em nível psicológico cabem, portanto, cautela e distinção.

3.5 E a psicologia? Que lugar tem na mídia?

Como destacado até aqui, as grandes mídias e tecnologias, incluindo alternativas, estão obtendo cada vez mais espaço no cotidiano e influência mundial. Isso exige uma postura sólida da Psicologia, pois cada vez mais questões são levantadas por respostas emocionais geradas nos atletas e no público, através dessas novas interações.

O que notamos hoje, segundo Mininni (2008) são posturas diversas relacionadas ao saber psicológico, onde profissionais dispõem seus conhecimentos e atuação como psicólogo na mídia, para a mídia ou da mídia. Assim, é importante destacar a relação entre

psicologia e mídia que temos atualmente, para que fique claro aonde este trabalho irá se pautar.

Por Psicologia na mídia entende-se a explanação sobre determinado assunto ou caso noticiado e que tem relevância no momento presente para a sociedade. Geralmente, o psicólogo é chamado para explicar casos hediondos, compreender conflitos e problemas gerados pela rotina na modernidade.

Esse tipo de abordagem em geral frequentemente sofre ataques tanto de acadêmicos, pois existe uma desconfiança generalizada quanto a esse tipo de análise realizada em meios de comunicação e em meio a exame de notícias em geral superficiais, quanto também é questionada pelos próprios promotores das notícias, pois estes querem soluções para dilemas que nem sempre podem ser contemplados num simples encontro ou declaração.

Outra questão problemática que se encontra é o “psicólogo-jornalista”, já que este está constantemente em risco de simplificar os modelos interpretativos a partir de sua opinião apenas em sua cobertura do evento enquanto jornalista.

A Psicologia para a mídia, onde o psicólogo exerce sua função geralmente para determinado programa televisivo que envolve relações interpessoais conflituosas, também não é a visão ideal para este trabalho, pois acaba por gerar questões problemáticas, tais quais reducionismo quanto a prática psicológica, a partir do momento que o psicólogo se vê na obrigação de opinar sobre qualquer distúrbio (mesmo aquele que acabou de tomar conhecimento), bem como reducionismo teórico, pois a análise diagnóstica tem seu tempo reduzido devido aos horários televisivos.

Outra questão é que, não sendo possível aprofundar e individualizar o caso, por falta de trabalho terapêutico individualizado, a prática e saberes psicológicos podem ser interpretadas pelo telespectador como unidades e princípios partilhados. A imagem da profissão fica resumida a conselhos e orientações e deixa a interpretação de que a ciência psicológica atua como formadora de diagnóstico. Afinal, resoluções de conflitos e dilemas são simples como um diagnóstico de gripe em uma consulta médica.

A abordagem que encontramos como ideal é o de Psicologia da mídia. Esta compartilha de interdisciplinaridade com estudiosos de outras áreas, bem como preocupa-se com o efeito que a mídia tem sobre o público. A Psicologia da mídia também é atenta a importância que a mídia vem tendo na sociedade moderna. Chega, por vezes, até a

substituir antigas agências de socialização que regem a opinião e educação pública (tais como escola, família e religião).

Nesta linha de pensamento, a Psicologia se vê debruçada aos estudos da mídia também por um mecanismo de defesa de suas práxis. É necessário compreender a motivação, razão e conveniências desta difusão de ideias enviesadas e parciais direcionadas ao grande público, inclusive em relação a própria Psicologia, para que uma crítica superadora possa ser gerada.

Nesse espaço, fica evidente a necessidade de traçarmos o mapa emocional que permeia o mundo do esporte, local em que teremos maior envolvimento, em nosso processo de formação. Desta maneira, a seguir, pontua-se um estudo que possibilita compreender os fatores emocionais aflorados nos primeiros contatos com o mundo esportivo.

3.6 Especialização, tecnologia e imagem

Observado ao nível sociocultural, o futebol possibilita diversificação e pluralidade de vínculos no compartilhamento de estilos de vida. Levando em conta que a fase crucial do desenvolvimento humano é a adolescência e que esta fase é de transformação não só física como também de valores, a produção desse modo de interpretar e observar o mundo que o esporte proporciona nesta idade pode ter grande consequência na vida adulta.

No mundo contemporâneo, muito do que se tem na vida destes jovens é a imagem compartilhada pelos softwares modernos. Para as informações do esporte, as imagens são criadas e recriadas a todo momento, construindo no imaginário do atleta um sistema de signos que vai para além da acumulação de símbolos e simples imagens.

As informações transmitidas, no geral, vêm carregadas de significados que foram minuciosamente planejados, e não são apenas simples reproduções ao acaso. Pode ser considerada, inclusive, uma representação, pois aos poucos a imagem devidamente construída se forma no próprio indivíduo (DOS ANJOS, SANETO e OLIVEIRA, 2012).

Assim, nessa imagem se constrói também o ídolo. Por meio dos veículos de comunicação de massa e redes sociais, o adolescente tem acesso instantâneo ao cotidiano de sua estrela. Portanto, é comum que jogadores que atuam na Europa sejam inspiração e constantemente citados por aspirantes brasileiros. A referência é pautada no modelo

inclusive de atitudes, comportamentos e vínculos sociais, sempre embasados no produto que a imagem oferece.

Apesar de ter seu início e introdução ao esporte geralmente em times da comunidade e nas “várzeas”, longe dos holofotes e de boas condições, estes adolescentes tem sua prática influenciada fortemente pela imagem que aqui está sendo discutida. Estabelecem seu padrão de ações, fintas e habilidades a serem desenvolvidas principalmente no estilo de jogo que observaram como destaque e que foi admirado pela crítica jornalística. Vislumbram também sua visibilidade na visibilidade deste estilo e tipo de jogada.

Em sua pesquisa, Dos Anjos, Saneto e Oliveira (2012) entrevistaram nove adolescentes com idades entre 13-16 anos, todos há mais de um ano treinando em clubes, para investigar a construção das vivências que envolvem o ambiente esportivo. Quando questionados sobre onde aprenderam a jogar, por exemplo, a maioria remeteu ao gosto por assistir na televisão e imitar, sem ninguém ensinando formalmente. Remetem ao tradicional e reconhecido futebol arte que corre na veia do brasileiro, o futebol garoto, malandro.

Com esta fala, é reforçado o discurso que a liberdade e criatividade desenvolvidas nos campinhos improvisados, sem técnicos e instrutores, deixam o futebol mais leve, livre de doutrinações. A paixão é reforçada e perpetuada como principal combustível e o que movimenta as pernas nas várzeas. Acredita-se que isso é observado por olheiros e destacado por avaliadores e técnicos nas peneiras.

Bandura (1962) diz que a aprendizagem social pode ser resultante de experiências diretas baseadas em modelos de outras pessoas que obtiveram resultados positivos. A partir de exemplos vitoriosos, o aprendiz busca superar uma habilidade não desenvolvida a partir da habilidade do modelo exposto. Remetendo ao futebol, nas primeiras tentativas de profissionalização, observa-se que muitos aspirantes tentam suprir a falta de orientação especializada por modelos de sucesso. Também esperam, a partir disso, obter o mesmo sucesso financeiro.

Nota-se que com o foco direcionado a uma possibilidade, e não especificamente a realidade vivida, a especialização precoce e seus malefícios não são notados pelos alunos, que acreditam que o treinamento será continuidade de uma diversão livre. É

possível observar que muitos jogadores de destaque são mundialmente reconhecidos quando jovens por suas inúmeras firulas e este futebol alegre demonstrado, mas que aos poucos se perde para o profissionalismo e o “jogar para o time”. Consequência deste treinamento e doutrinação paulatinamente introduzida nos treinamentos profissionais.

Nesta construção de imagens estereotipadas e sem um aprofundamento na técnica institucionaliza, é possível notar que o seu bem simbólico está em íntima relação com seu terreno social. Sua habilidade com a bola nos pés é considerada por eles como um movimento natural e de contínuo crescimento, culminando na profissionalização independente de outros fatores. Com isso, a imagem é construída diferente inclusive de qualquer relação existentes no mercado de trabalho (DOS ANJOS, SANETO E OLIVEIRA, 2012).

Nestes novos compartilhamentos, é possível dizer que o virtual e real intercalam-se e atuam diretamente no psiquismo do adolescente no sentido de cruzar fronteiras antes inimagináveis. Os bens culturais que podem ser pensados como locais, tais quais o futebol menino e a classe social, misturam-se a tradição de uma comunidade simbólica da origem de seus atletas, sem haver a devida compreensão que os vínculos sociais não são os mesmos e, portanto, o destino final também pode não ser o mesmo.

Importa compreender como as imagens atuam na formação de indivíduos e de identidade, envolvendo o intercâmbio e influência na identidade individual a partir da valorização de uma identidade global. Perpassados todo o processo de especialização desde a infância, o atleta acaba vendo-se não mais como ser dotado de uma identidade única, mas sim como capital cultural e simbólico que levará ao alcance de um sonho do imaginário social de sua comunidade.

Numa perspectiva mais ampla, cabe estudar se todos os iniciados e especializados percebem tal delineamento e se conseguem lidar com as possibilidades de sucesso ou não-sucesso. A notoriedade sempre anunciada não é uma realidade para todos os jovens atletas, daí a invisibilidade de alguns por um tempo ou para sempre e a exposição exagerada de outros, em campos midiáticos. Estes detalhes serão apontados na sequência do estudo.

4. Formação (in)visível: especialização precoce

O esporte ocupa, na visão social, um papel de formação para as crianças. É relacionado a benefícios na formação moral e física, bem como com a percepção e aprendizagem de valores. Nele, temos uma série de circunstâncias e valores inseridos, proporcionando situações de socialização, liderança e trabalho em equipe. Com isso acaba por desenvolver amizades, compreensão para com o outro e obediência a regras. (GREGÓRIO e SILVA, 2014)

O esporte torna-se, portanto, um fenômeno que atrai, encanta e emociona pela sua dimensão. Com isso, somado a ampla divulgação e oportunidades, temos cada dia mais crianças inseridas em modalidades esportivas. Esta iniciação e a atividade física em si, são fundamentais para a promoção de bem-estar e saúde nas crianças, contribuindo para seu desenvolvimento em todos os âmbitos e desenvolvendo um estilo de vida que trará benefícios a sua saúde na vida adulta.

Percebe-se, contudo, que desde muito cedo, crianças buscam especialização esportiva precoce (ou são conduzidas a ela), com treinos intensos e específicos, direcionados a rendimentos elevados e participação em competições de alto nível, visando a vitória a qualquer custo. A comparação com profissionais do esporte, em todos os sentidos, é inevitável.

Por especialização precoce, compreende-se todo sistema de treinamento espelhado no profissional e trabalhado desde cedo com crianças em idades pré-puberal ou até mesmo puberal, de maneira rotineira e que tenham por meta, a partir deste direcionamento repetitivo, a busca pela alta performance (KNIJNIK, MASSA e FERRETTI, 2008).

Inspirado no ídolo televisivo, o grau de dificuldade da atividade é aumentado bruscamente, limitando o desenvolvimento da criança a uma só modalidade, exigindo dela dedicação exclusiva a uma única modalidade. A exigência física, técnica, tática e psicológica nas crianças, somada a treinamentos intensos e de muitas horas semanais, levam ao fenômeno conhecido como especialização precoce.

Influenciado também por eventos esportivos e divulgação exacerbada da mídia, ainda segundo Gregório e Silva (2014), o Brasil é um dos países que a especialização precoce acontece em idades cada vez menores. Por aqui, fala-se muito em formação de talentos, Copa do Mundo e Olimpíadas, principalmente por ser o país anfitrião das edições recentes. A grande identificação com ídolos que começaram cedo e a cobrança de pais por resultado, na esperança de prosperidade, servem de combustível para alimentar o sonho destes pequenos aspirantes a atletas das mais diversas modalidades.

As dificuldades de se realizarem estudos a longo prazo, que acompanharia o desenvolvimento esportivo de crianças submetidas a vários modos de iniciação esportiva, faz com que tenhamos hoje muitos métodos aceitos para o treinamento infantil. Entre eles está a especialização precoce, que diz surtir melhores efeitos em crianças que pretendem um dia tornar-se atletas de ponta, pois os resultados em competições começam a aparecer de imediato e a melhora em sua performance é notável.

4.1 Imediatismo e performance

É importante ressaltar que no Brasil, a formação esportiva dos atletas não é realizada na escola, mas sim nos clubes. Entretanto, o que se vê é que o clube também tem uma visão e regime baseado essencialmente na especialização precoce, que objetiva apenas o resultado esportivo e a posição final no campeonato. Grande parte dos dirigentes destes clubes parece desconhecer as fases maturacionais da criança e do adolescente, o que dificulta uma abordagem integral (REBUSTINI, MACHADO e BRANDÃO, 2008).

A justificativa de tais práticas geralmente se dá na impossibilidade de certeza, de poder afirmar que um regime pode trazer maior sucesso que o outro em dada situação. Com isso, a tendência é utilizar o que julgam ser mais previsível, que evitará o inesperado e trará resultado a curto prazo, que é a especialização precoce. Todavia, na literatura, as linhas com maior embasamento não recomendam práticas que visem resultados em exibições competitivas nesta idade.

O mais indicado, segundo os principais autores da área, é um treino que vise a evocação do processo maturacional, do fortalecimento das relações sociais que possibilitam a construção da identidade e dos valores. É importante destacar que as grandes nações têm sim, como no imaginário popular, um sistema de resultados forte e

estruturado com alta tecnologia e investimentos público e privados. No entanto, a formação se dá no sentido de aumentar as condições físicas básicas através do aumento do repertório motor, das percepções de bem-estar e na construção de valores e identidade, indo, portanto, de encontro as ideias de especialização precoce.

Muitos clubes apresentam regimes completamente voltados para o resultado logo cedo, e isso pode ser visto nas escolas de preparação, que iniciam com idades precoces e com as mesmas regras dos adultos. Para Rebutini, Machado e Brandão (2008),

O que podemos dizer, por exemplo, do futsal em que a idade para o início das competições se dá na categoria “Chupetinha” com idade de 6 anos. Os defensores irão dizer que o jogo é adaptado para a idade, que a exigência fisiológica é condizente com os fatores etários. Mas, o ambiente esportivo é o mesmo dos adultos: a arbitragem, o sistema de cartões como punição, o sistema de competição com posições no campeonato, as pressões familiares, a torcida que nem sempre se posiciona no respeito à integridade do atleta. (p. 74)

Os atletas que são especializados desde cedo tendem a tornarem-se “ídolos juvenis” e carregarem o preço da vitória logo cedo. Passam a lidar com pressão, para manter e aprimorar os resultados, exercida pelas mais diferentes pessoas, tais como treinador, pais, amigos, patrocinadores e dirigentes. Também passam a ser assediados por outras equipes e pessoas que procurarão fazer dele um produto rentável no menor tempo possível. Com isso, além de problemas como estresse e depressão por conta da pressão exercida, o atleta pode se perder também no uso de substâncias ilícitas com a finalidade de manter o alto rendimento (REBUSTINI, MACHADO E BRANDÃO, 2008).

Este fato explica, por exemplo, o fato de atletas reclamarem quando sua posição é modificada ou ameaçada. Nestes casos seria necessário não apenas uma mudança tática, mas também exigiria demandas físicas e neuromusculares diferentes, que talvez nunca tenham sido treinadas por aquele atleta. Assim, o sujeito fica também comprometido com insegurança, o que leva muitas vezes a um rendimento abaixo do esperado nas competições as quais são exaustivamente testados.

4.2 Competição infantil

A atividade esportiva ganha, com o tempo, mais variáveis e fica mais competitiva. A vitória é o objetivo principal e vista com olhar crítico cada vez mais cedo, tornando-se

rotina também na prática infantil. O aumento de competições aumenta também as exigências, rigidez de regras e a tendência de um olhar discriminativo de seleção entre aptos e inaptos. Ao invés de ser um incentivo à prática, torna um espelho da modalidade adulta, sem respeitar a idade, desenvolvimento e habilidades adquiridas (GREGÓRIO E SILVA, 2014).

Como a criança irá reagir em sua primeira experiência esportiva dependerá de como o seu iniciador adulto irá dirigir. Para que a experiência seja agradável e a criança retorne, é necessário que o esporte seja menos formal e mais lúdico, afim de que com o tempo a criança assuma a compreensão da dinâmica para assim desenvolver o respeito à hierarquia. Quando isso não ocorre, Machado (2008) diz que

Teremos competições desequilibradas, com equipes muito fortes e outras muito fracas (tônica desta faixa etária, em campeonatos federados), oportunizando o ataque de torcidas que se viram contra seus próprios jogadores, desvalorizando seus méritos de participação, mas enaltecendo os valores inerentes à vitória, ao massacre, ao campeão. (p. 230)

Para Galdino e Machado (2008), a relação entre competição precoce está intimamente ligada a especialização precoce, pois para competir deve-se ter condições mínimas para realizar as tarefas exigidas no evento. Portanto, apenas conhecer as regras e tática não é estar pronto para o embate. Com isso, visando preparação para esse tipo de competição e vitórias a curto prazo, a especialização precoce é a opção difundida.

Porém, nota-se que a atividade que deveria ser alegre, torna-se foco de discussões, brigas e conflitos, influenciando negativamente inclusive na personalidade da criança. Muitas delas, não suportando a pressão, abandonam esporte. Com o foco voltado todo na preparação para eventos, perde-se o sentido da atividade, que pode ir de oportunidade de diversão e bem-estar com os amigos para a formação de um evento aversivo.

A competição ferrenha deveria ser evitada neste período e não estimulada, como vemos nas escolas atuais. Isso pouco aproxima um do outro, manipula o grupo apenas em busca da vitória, humilha e envergonha aquele que sai derrotado e torna os participantes insensíveis quanto ao outro. A competição infantil deveria ser vislumbrada como menos acirrada, menos extrapolada, com uma competitividade tida por equilibrada. O ideal, segundo Machado e Brandão (2008);

Seria aquilo que poderíamos chamar de competitividade equilibrada: incentiva a dividir responsabilidades; possibilita “estar junto”; favorece

jogar e brincar alegremente com a técnica; incentiva a conviver espirituosamente; leva a descobrir novas habilidades. Tenta reafirmar valores pessoais e permite expressar emoções profundas (p. 99).

Outra questão levantada como problema da competição precoce é a ênfase na repetição e busca da perfeição técnica dada nos treinamentos para esse tipo de evento. Determinado movimento é treinado exaustivamente como atividade isolada, a fim de tornar a ação eficiente. Contudo, desarticulando das individualidades da criança e da atividade no geral, esta ação artificial prejudica não só o movimento global como também a estruturação da personalidade da criança.

A idealização de um atleta competitivo baseado em características predeterminadas também é outra questão que deve ser repensada para crianças. Por vezes, inclusive com estofamento teórico de caráter biologizante que a Educação física acaba assumindo, uma criança é avaliada como apta ou não apta a determinado esporte baseando-se apenas em testagens físico-fisiológica, por exemplo.

Essa prática especialista, focada em determinadas habilidades de um esporte sem as devidas estimulações motoras para outras, traz por consequência o abandono prematuro de grande parte das crianças. É necessário observar e respeitar as necessidades e interesses das crianças, pois o treinamento excessivo e direcionado pode levar a desgastes tanto físicos quanto psicológicos. É muito comum que pais que não tiveram sucesso esportivo depositem suas frustrações em seus filhos, desejando que estes sejam os grandes campeões que eles não foram (GREGÓRIO e SILVA, 2014).

Importante destacar que uma das soluções observadas seria que a formação do atleta o preparasse não apenas para o continuar de sua atividade, mas também para o término, traçando um plano de desenvolvimento de sua carreira. Isso evitaria um desgaste mental e sair do esporte não seria o desastre que o faz perder completamente o rumo e o sentido da atividade, mas poderia assim ser considerado apenas como uma mudança de perspectiva.

4.3 Especialização esportiva e o futebol

O Brasil tem como paixão nacional no esporte o futebol, e por este sentimento é reconhecido no mundo inteiro. Por todo país é possível encontrar campos de futebol

improvisados das mais variadas formas, e neles crianças divertindo-se tendo a bola como principal brinquedo. À semelhança de outros esportes no alto rendimento, muitos atletas reconhecidos mundialmente (e que deram o título ao Brasil de “país de futebol”) saíram do que a princípio era brincadeira e diversão nestes diferentes espaços.

Apesar de democrático e amplamente divulgado no país, o esporte é de grande complexidade e requer várias capacidades motoras e mentais para uma execução plena e sem riscos. Isso só é possível com subsídios educacionais que promovam o desenvolver destas habilidades de suma importância para a prática, o que torna como consequência, o exercício mais atrativo (GUERRA E SOUZA, 2013).

Em decorrência desta paixão, vontade de dedicar-se a aprender o esporte e viver dele, muitos potenciais atletas abandonam seus estudos, deixam para trás família e cidade para tentar a sorte, convictos que a realidade apresentada na grande mídia é possível a ele. Entretanto, o que encontram em grande parte dos clubes são situações desumanas, realidade a qual não basta apenas a habilidade, mas sim todo um conjunto de fatores que devem coincidir milimetricamente em várias etapas desta busca.

Barbieri, Benites e Machado (2008) defendem que para além do desgaste psicológico exercido pela pressão já na especialização precoce, ocorrem também prejuízos de nível técnico, tático e fisiológico, inclusive contribuindo para a diminuição da habilidade. O aprendizado, sendo menos global do que deveria, ocasionará dificuldades no enfrentamento de uma partida completa.

O jogador fica também limitado taticamente para algumas ações durante a partida e algumas posições para atuar. A especificidade do posicionamento é cobrada já nos primeiros treinamentos, pois é copiado de um modelo proposto a adultos. O preparo é dividido na especificidade de cada posição de jogo sem levar em conta que, ao contrário dos profissionais, os atletas mirins não têm ainda todo repertório motor desenvolvido, e com isso talvez nunca se desenvolvam plenamente.

Outro problema que pode ser observado é a lateralização do movimento. Os atletas acabam usando somente o membro inferior dominante, que conseqüentemente tem melhor desempenho. Esta prática, por ocasionar resultados melhores, por vezes é inclusive estimulada por pais e treinadores, que estimulam o atleta mirim a fortalecer seus pontos principais para a partir disso conquistarem a vitória.

É possível notar problemas relacionados também a preparação e condicionamento físico. Ao inserir cargas de treinamentos e exigir rendimento físico como o dos adultos, a chance de ocorrer um *overtraining* (excesso de exercício, onde o corpo não é capaz de se recuperar no tempo considerado adequado) no decorrer de sua vida esportiva é grande. Com o corpo em constante mudança, as mesmas cargas podem parecer cada vez mais pesadas, ocasionando aumento da fadiga e indisposição (BARBIERI, BENITES E MACHADO, 2008).

Como consequência desse preparo precoce e sem planejamento específico para a idade, o que pode ser considerado a pior das consequências são as lesões. Seja por desgaste das articulações, estresse, fraturas, o número não é pequeno e se não interfere diretamente no momento, pode ocasionar durante a carreira. É comum que lesões graves entre jogadores seja por consequência de um trabalho exaustivo e mal planejado, o que o tira de atividade por semanas, meses, anos ou até mesmo leva ao fim de sua carreira.

Segundo Guerra e Souza (2013), além de um treinamento longe do adequado, o que se encontra nos gramados de futebol brasileiro, apesar de todo marketing e propaganda do esporte, ainda é o amadorismo. Falta estrutura adequada para os clubes e os profissionais que ali atuam em grande maioria não foram adequadamente preparados para toda exigência do esporte. Assim, prevalece a influência externa da mídia, que nem sempre veicula uma ideologia compatível com a necessidade dos esportistas.

Para Pereira e Bizelli (2014), além dos malefícios da especialização precoce já citada, muitos são os problemas geradores de estresse enfrentados pelos aspirantes a profissionais logo em sua chegada aos clubes, tais como

O deslocamento dos futuros atletas profissionais para outras cidades e o seu alojamento nas dependências dos clubes; a rotina e o cardápio alimentar que provoca, por exemplo, situações de desnutrição pela ruptura com costumes alimentares culturalmente sedimentados; as novas responsabilidades que lhes são impostas, inclusive aquelas que dizem respeito ao que é permitido ou não fazer – horários para sair do e para chegar no alojamento; auto regulação de atividades permitidas, ou compulsórias, ou proibidas para dar conta de cumprir com os aspectos da vida pessoal, da vida escolar e de compromissos com o clube, como as viagens para competições –; o cuidado e respeito com os limites do corpo minimizando o risco de acidentes e lesões por conta da carga de treinos (p.226).

A inquietação que fica, com isso, é o que as equipes têm feito para proporcionar alternativas profissionais aos jovens que ficaram à margem da profissionalização

naqueles clubes. Levando em consideração a pressão exercida desde a infância, o momento da categoria júnior ou sub 20 é a grande decisão na vida do atleta, pois é a situação que o levará a profissionalização ou ao fim de sua trajetória.

Na pesquisa realizada por Guerra e Souza (2013), foram entrevistados 30 jovens do sexo masculino, solteiros, entre 18-24 anos das categorias de base de clubes do interior de Minas Gerais que nunca atuaram no time profissional, sendo que destes apenas dois haviam conseguido contrato, mas abandonaram em menos de um ano.

Quando questionados sobre o que imaginam que aconteceu para que o sonho da efetivação não desse certo, a resposta foi: 30% atribuíram como principal motivo à falta de um empresário; 26,6% indicaram a necessidade de maior incentivo financeiro; 16,6% afirmaram que as condições estruturais do clube de futebol são fatores decisivos; 16,6% atribuíram à falta de apoio direto da família; 10% disseram apenas que faltou “sorte”.

Um dos fatos que instiga neste estudo de Guerra e Souza (2013) é que nenhum deles atribuiu a questão ao excesso de contingente por conta de uma idealização de muitos, mas realização possível apenas por uma minoria. Ninguém citou a ideia que vendem nos treinamentos desde criança, ainda nas aulas de Educação Física da escola, nem que a frustração maior é, tal qual a grande maioria, não ser reconhecido e nem ter a oportunidade que desejava.

4.4 O que pensa o profissional da Educação Física?

Motivados pelo imediatismo da performance nas primeiras competições, os treinadores de crianças bem-sucedidas nestas modalidades defendem que a especialização nesta idade tem suas vantagens, tais quais: superação das próprias dificuldades internas, medos e vergonhas, e também externos, como torcidas e adversários. Com isso, mostram também suas potencialidades e se preparam para outros aspectos da vida (GALDINO e MACHADO, 2008).

Em estudo realizado por Gregório e Silva (2014), foi realizada entrevista qualitativa com educadores físicos que atuam como professores em escola pública, visando compreender a visão que os profissionais têm sobre o desenvolvimento das

crianças e sua especialização precoce. Ao serem questionados sobre a melhor idade para iniciarem a criança na especialização, as respostas direcionaram-se para a infância.

Com tais respostas, é possível deduzir que muitos profissionais não respeitam a fase de desenvolvimento natural da criança, o que pode causar traumas físicos, psicológicos, motrizes e esportivos e levar a desistência precoce da prática esportiva. Ao não estar atento as necessidades e limitações do corpo infantil, muito provavelmente o treino será direcionado de forma equivocada, gerando consequências imprevisíveis.

Gregório e Silva (2014) apontam que este fenômeno é resultante da influência do discurso que circula na mídia e no imaginário popular, sem necessariamente embasar-se em estudos e pesquisas científicas. Afirma que o treinamento infantil deve ser diferente do adolescente, que por sua vez deve diferir-se do adulto. Cada treinamento deve levar em conta em conta as fases maturacionais tanto físicas quanto psicológicas.

Levando em conta que cada fase de amadurecimento é precedida pela anterior, o treinamento para a iniciação esportiva deve ter uma atenção ainda maior, estabelecendo os conteúdos com objetivos, metodologia e avaliação personalizados. Afinal, um planejamento equivocado na etapa inicial pode prejudicar as fases seguintes do desenvolvimento. Para tanto, o desenvolvimento específico deve ser trabalhado, por se fazer melhor e mais adequado, a partir do conhecimento geral da corporeidade e manejo das emoções envolvidas.

Ainda segundo opinião dos profissionais entrevistados por Gregório e Silva (2014), a especialização precoce é uma opção para a formação de bons atletas, pois esta alternativa possibilita formar novos talentos e fomentar o desenvolvimento de cidadãos de bem. Alegam que é melhor inserir precocemente a criança em um esporte do que a ver na marginalidade, em atividades como prostituição e envolvimento com drogas.

Muito se diz, ainda, que a partir desta especialização ficarão longe de atos e ambientes que prejudicarão seu desenvolvimento, tornando-se mais disciplinadas com outras pessoas e consigo mesmas. Este pensamento justifica o número de projetos sociais que trabalham com a base do esporte, como os realizados por igrejas, cujo lema geralmente é formar bons cidadãos, tirando-os da marginalidade a partir de opção de lazer e cultura.

Nestes centros de formações, todavia, muitas vezes a tendência é induzir o processo de alto rendimento cada vez mais cedo, pautado nos argumentos acima citados. Isso ocorre porque o tempo de treino não é devidamente regulamentado por lei, muito menos a intensidade e objetivos dos treinamentos, bem como a formação das pessoas responsáveis. Muitas vezes, inclusive, o tempo e intensidade de treino são vistos com bons olhos para a sociedade, pois diminui o tempo ocioso da criança e, conseqüentemente, sua marginalidade.

Assim, os projetos por vezes deixam de observar as verdadeiras necessidades da criança e entram em conformidade com um sistema adaptado ao padrão profissional adulto. Tal fato pode gerar uma especialização equivocada e por vezes sem conhecimento teórico, pois muitos destes projetos não contam com professor especialista em treinamento esportivo e por vezes nem mesmo formado em Educação Física.

Knijnik, Massa e Ferretti (2008) citam como exemplo o treino de futebol dos iniciantes que visam apenas o momento de competição. Pelo tamanho das crianças, uma tática que funciona bem para obter vitória é chutar alto no gol, visto que o goleiro mirim não terá ainda altura para defender a bola. Um treinador que busque apenas a vitória treinará esse tipo de chute de maneira repetitiva, ignorando outras atividades que seriam mais interessantes para as crianças dessa idade.

Todavia, isso funcionará apenas no “aqui e agora”, pois logo na categoria seguinte talvez já não seja tão simples, visto que a altura e impulsão dos goleiros mirins mudarão significativamente. Então, todo o treinamento desenvolvido, todo esforço para aprender determinado chute e reforço social que recebia por ser vitorioso é ameaçado, sem ao menos ter repertório sócio motor como alternativa.

Muitos treinadores sentem-se ameaçados e obrigados a obterem resultados a curto prazo. Tal ameaça os leva a pensar que quanto antes especializar a criança, mais cedo obterá bom rendimento, e que isso não trará malefícios. Assim, negligenciam também questões psicológicas da criança, tratando-a apenas como um meio para conseguir o fim desejado, que é a vitória, e caracterizam como natural o abandono precoce de grande parte dos atletas mirins, sem ligação direta com a aceleração do processo e cobranças (MACHADO, 2008).

O desinteresse pelo esporte geralmente decorre da perda do significado lúdico da atividade para a criança, visto que o esporte acaba se tornando rotina maçante entre treinos monótonos, sem risadas nem brincadeiras, com objetivos quase inatingíveis. Na sociedade contemporânea, os videogames tornam-se muito mais atrativos do que um esporte que leva a esse patamar. Aliás, segundo Knijnik, Massa e Ferretti (2008), já vêm ocorrendo em escolas dos Estados Unidos a substituição das aulas de Educação Física por aulas em vídeo games dançantes.

4.5 Pequenos atletas, grandes negócios

Na sombra da especialização precoce, estão as indústrias envolvidas com o esporte. Dispostos a investir nesta promessa, para assim lançar o seu novo associado ao novo no esporte, cada vez mais cedo é possível notar jovens atletas relacionados diretamente a uma marca. O atleta mirim poderá garantir para a empresa exposição e visibilidade enquanto estiver na mídia por manter o bom rendimento. Em olhares desatentos, a promessa tem todo um futuro pela frente. Mas não é exceção que os contratos durem apenas pouco tempo, durante a “vida útil” do pequeno esportista. (MACHADO, 2008)

Para os jovens, principalmente oriundos de classe média ou popular, o futebol tornou-se alternativa de atividade remunerada, a fim de complementar a renda familiar ou até mesmo suprir as necessidades básicas. Nesta fase, é comum alguns garantirem uma melhor alimentação, vestuário e opções de lazer, além de receberem prestígio social no local que residem e poderem de alguma maneira contribuir com os gastos da casa. No entanto, todo suporte dado pelo clube nada mais é do que investimento, visando retorno financeiro a curto/médio prazo com negociações destes jovens talentos.

Mesmo com a legislação brasileira só permitindo contratos a partir dos 16 anos, a investida e sedução por parte dos empresários inicia-se muito antes, o que incentiva e alimenta desde cedo a especialização e sonho do garoto. Ao notarem um garoto que destoa dos demais, conforme Rocha et. al. (2011),

Eles viabilizam empregos para os pais, fornecem auxílios financeiros e protegem seus talentos organizando o tempo e o espaço desses jovens, tornando esse período da formação nos centros de treinamento e mesmo fora deles uma instituição total. (p. 254)

O sonho no futebol vai ainda além, e por vezes leva os aspirantes a desejarem contratos também no exterior. Em decorrência deste fenômeno, é possível observar que o fluxo de emigração dos atletas brasileiros para o exterior tornou-se também objetivo dos empresários e de toda indústria de formação profissional no esporte brasileiro.

Soares (2011) recorda, ainda, que com estas novas perspectivas do mercado internacional, aumentou a demanda de jovens que estariam dispostos a atender as exigências deste e entrarem em regime de treinamento nos clubes com esta finalidade já entre os 12-16 anos. Até mesmo aqueles que se aventuram em países que não tem tradição no esporte conseguem um salário superior ao de clubes de mesma expressão no Brasil. Porém, na mesma proporção que os jogadores saem, eles também retornam. Sendo assim,

Em 2005 saíram do País 804 jogadores, sendo 54,8% para a Europa. Durante o mesmo ano retornaram 491 atletas, dos quais 48,0% retornavam do continente europeu. Em 2006, a taxa de retorno diminuiu: dos 851 atletas que emigraram, 311 voltaram ao País. Os números de transferências de jogadores brasileiros para o mercado internacional do futebol evidenciam que esse mercado está aquecido com um aumento progressivo de negociações. No ano de 2007 foram 1085 transferências com o retorno de 489 jogadores ao mercado interno e, em 2008, um total de 1176 novos atletas se colocou no mercado internacional e 659 jogadores retornaram ao país. (p. 910)

Com isso, é possível notar que, para além dos problemas mais comuns da especialização precoce, tem-se também o problema posto por uma idealização de situações e sonhos sem planejamento baseado nas condições reais. Muitos, certamente, retornaram por má adaptação a língua, comida, clima, costumes, falta de uma estrutura familiar no local. Nada disso é trabalhado, apenas o essencial do jogo. E mesmo com essa bagagem limitada, o garoto é enviado a uma realidade bem diferente da que ele idealizou.

A falta de oportunidades em outras atividades, somada a um sonho que ampliará sua possibilidade inclusive de conhecer outros países fazendo o que gosta, torna a produção de jogadores uma empreitada bem-sucedida a qualquer empresário. Soares (2011) pontua que o sucesso se dá devido uma combinação perfeita do país: grande população de jovens do sexo masculino; preparação básica fornecida em centros de treinamento espalhados por todo país; mercado altamente bem agenciado e, portanto, competitivo; escola de baixa qualidade e vista com desinteresse pelo jovem.

4.6 Futebol e escola x futebol ou escola

O período crucial no investimento em trabalho corporal e psicológico que se tem atualmente no futebol coincide com a idade em que o aspirante a atleta precisa, igualmente, dedicar-se ao ensino formal básico. Contudo, segundo pesquisa de Rocha et. al. (2011), foi observado que a escola e os estudos são colocados em segundo plano pelos candidatos a jogadores, que por vezes sabem da importância, entretanto consideram mais oportuno o investimento principal ser sua dedicação ao clube.

A dedicação destes jovens fica dividida entre toda a preparação profissional que o clube exige para os campos de futebol de um lado e as carteiras das escolas de outro, com cargas horárias muito próximas inclusive. O tempo necessário para dedicarem-se em seu treinamento e suas habilidades específicas é de aproximadamente 15 horas semanais, enquanto que o tempo médio que o aluno deve dedicar à escola é de 20 horas semanais, aproximadamente.

Além da carga horária dobrada, das já conhecidas dificuldades e problemas que a atual escola pública enfrenta, do sonho de enriquecer com a bola nos pés, da pressão da família e exacerbação por conta da mídia, como já citados, Rocha et. al. (2011) apontam outras questões que levam a este desinteresse pela escola nesta fase de apostar na carreira de jogador:

A falta de capital cultural dos pais; a falta de tempo para cobrar dos filhos um bom rendimento escolar; as incertezas e exigências cada vez maiores do mercado de trabalho; o apelo midiático e o glamour que envolvem determinadas profissões, como a de jogador de futebol, marcadas pela “aura” do talento e pela ideia equivocada de que não demandam muito esforço; entre outros aspectos. (p. 256)

Na pesquisa de Rocha et. al. (2011), foram realizadas 12 entrevistas com jovens entre 15-20 anos de quatro clubes de futebol do Rio de Janeiro, visando analisar como iniciantes na vida esportiva enxergam a importância da escola e quais são as principais dificuldades e motivos que levam a grande maioria ao desinteresse nesta fase crucial.

Um dos motivos encontrados foi a distância física que o clube e a escola se encontram, e a dificuldade de conciliar o trajeto a sua rotina. Alguns atletas moram em uma cidade e atuam em clubes de cidade vizinha, o que aumenta a distância a se percorrer, conseqüentemente aumentando o estresse e cansaço. A pesquisa cita o caso de um atleta que, por conta dessa dificuldade e por meio de declaração do clube, recebeu da diretora o

benefício de chegar atrasado à escola. Todavia, este benefício não tira a defasagem que este atraso causa.

Grande parte destes garotos tem como alternativa o horário noturno, com todas as dificuldades que este período enfrenta, como falta de professores, transporte público limitado e concentração comprometida pelas atividades realizadas durante o dia, por exemplo. Outra alternativa exposta pelos entrevistados foi o ensino a distância. Muitos creem que este modelo cumpre o que propõe para o seu objetivo individual com a escola, mas sabe-se que a interação limitada com professor, ausência de turma e rotina também é prejudicial.

Alguns atletas tem o benefício de poder frequentar a escola dentro do clube, com horários flexíveis inclusive de turnos, o que facilita a frequência nas aulas. No entanto, este tipo de alternativa ainda é raro nos clubes de formação para o futebol no Brasil. É possível observar, também, que este modelo de escola foge aos padrões básicos de organização das escolas regulares, pois deixa o aluno sem turma fixa, sem horário e com o período variando, o que leva a descontinuidade das aulas e dos docentes. Esta falta de rotina pode levar a um maior desinteresse e ser prejudicial para o aprendizado contínuo.

As entrevistas realizadas por Rocha et. al. (2011) também relatam um atleta que, em meio à rotina intensa e irregular de treinamentos, perdia aulas com frequência. Encontrou como solução do problema a mudança de escola. Diz que na escola que estudava era cobrada pontualidade e o ensino era mais rígido, e na que está atualmente é possível descumprir a carga horária sem perder o ano letivo. Mais um exemplo de priorização do clube em detrimento do ensino formal e regular.

Para outros jovens, o conciliar de escola e treinos fica insustentável, o que os leva ao abandono do ensino regular. Três atletas da pesquisa encontraram-se nesta situação e explicam que o motivo do abandono foi pela mudança de cidade visando aproximar-se fisicamente do clube, distância entre o clube e a escola, cansaço por conta dos treinos, o que o fazia retornar direto para sua casa (onde os pais não estavam por conta de estarem trabalhando, o que facilitou a evasão aos poucos)

Percebe-se que desde cedo, são cobrados pelas situações a se posicionarem de maneira sólida e tomarem decisões que os influenciarão por toda a vida, embora estas situações não apareçam nas quatro linhas. Outra questão inquietante, que também

perpassa o plano da invisibilidade, é como se dará o manejo emocional dentro das individualidades que entram em campo. O que utilizarão para manejar, da maneira possível, os mais diferentes sentimentos, é o que será discutido no próximo tópico.

5. Emoções (in)visíveis em jogo: ansiedade, estresse e enfrentamento (*coping*)

Trabalhar o equilíbrio emocional e dar ao atleta um respaldo psicológico importa tanto quanto fornecer um treinamento específico e alimentação balanceada, pois a unidade estrutural física e mental são dois lados de uma mesma unidade. Trabalhar a estrutura como um todo é perceber o atleta como pertencente a esse sistema unificado, do qual estruturas emocionais influenciarão as estruturas físicas (BECKER JUNIOR E SAMULSKI, 1998).

Sobram exemplos de atletas de ponta multicampeões que, provavelmente por conta de um trabalho psicológico deficitário, tiveram suas carreiras prejudicadas. Entre os campeões mundiais de suas modalidades, Diego Maradona (futebol), Mike Tyson (boxe) e Jon Jones (MMA) podem ser citados entre os que recorreram às drogas ilícitas por conta deste desequilíbrio (REZENDE, 2015).

Mesmo o maior medalhista olímpico de todos os tempos, o nadador Michael Phelps, declarou que chegou a perder o sentido da vida, ter depressão e problemas com abuso de álcool (NARDINI, 2015). Diz ele: “Por um longo tempo, me via como o atleta que eu era, mas não como um ser humano.” (p. 02). Esta fala, onde o atleta diz ter sido reconhecido como ser humano em sua reabilitação e que isso foi fundamental para que ele assim se visse, foi fundamental para a recuperação do atleta como indivíduo fora das piscinas.

As demandas psicológicas esportivas são inegáveis, e conforme citado, muitos atletas acabam sucumbindo devido à negligência ou mesmo falta de manejo quanto as situações aversivas, que também podem ser vistas como estressoras. Com influência em toda a esfera de funcionamento do ser humano, o estresse assume papel de destaque na rotina maçante da contemporaneidade. Exigência por melhor desempenho em menor tempo, altas cargas de trabalho, falta de tempo para família, amigos e lazer contribuem para este desencadeamento.

Normalmente tratado com obstáculo ao desempenho de diversas tarefas e vilão para uma boa qualidade de vida, a situação pode ser pensada também como não sendo de todo mal: também tem seu lado positivo na função evolutiva do ser humano, pois em si,

acaba sendo um comportamento selecionado de adaptação (NOGUEIRA E GOMES, 2014).

Nos noticiários e cotidiano, o estresse é citado geralmente para descrever sentimentos e processos negativos, como debilidade que pode ser considerada até doença e, portanto, deve ser “curada”. Talvez por isso nos diferentes domínios do conhecimento, este aspecto foi mais trabalhado do que a busca pela promoção da saúde e técnicas de enfrentamento para as situações estressoras.

O fenômeno geralmente se manifesta nos contextos em que se deve desempenhar atividade de elevada exigência e o repertório comportamental não é adequado (GOMES, 2011). É possível observar que o contexto esportivo pode ser considerado um cenário potencial para eventos estressantes, tornando-se de fundamental importância aos envolvidos à compreensão deste elemento na rotina do atleta, a fim de observar como o indivíduo recebe e reage com esta pressão própria do alto rendimento.

Como área de pesquisa e intervenção da Psicologia do Esporte, a compreensão de situações estressoras que geram desequilíbrio no atleta tem se intensificado, pois é tido como diferencial e fator decisivo na preparação para atletas de ponta. A atenção principal desta área de conhecimento tem se voltado a avaliações cognitivas de situações estressoras, o modo de confronto/enfrentamento (também conhecido como *coping*) das alterações emocionais em competições e que emoções são desencadeadas nestas diferentes situações.

Beresford (1994) associa diretamente o estresse à vulnerabilidade do indivíduo, onde quanto maiores os recursos de *coping*, menor será sua vulnerabilidade. Dependendo da qualidade e disponibilidade de ferramentas de enfrentamento, o sujeito torna-se mais ou menos resistente aos efeitos do estresse. A associação também pode ser feita em um círculo vicioso, onde o estresse afeta os recursos de *coping*, que por sua vez afeta sua vulnerabilidade.

Torna-se fundamental compreender as especificidades e individualidades de cada atleta, pois as reações a uma mesma situação podem ser das mais diversas. Somente com este conhecimento será possível operar com assertividade nas mais variadas ocasiões que permeiam o meio em que o esportista se encontra e o modo que a percebe. A partir disso,

é possível intervir nas respostas aos eventos e, conseqüentemente, alterar o impacto gerado em seu rendimento e funcionamento pessoal geral.

5.1 Anseios, sentimentos e expectativas no futebol

O futebol pode ser considerado um jogo agressivo pela sua forma e estrutura, onde há enfrentamentos diretos, demonstrações de raiva, disputas constantes e discussões acirradas. O duelo geralmente começa já ao entrar em campo, atravessando a linha e aguardando o início da partida. Ao primeiro soar do apito, os jogadores têm em suas pernas a responsabilidade de realizar o desejo de todos os aficionados e envolvidos com o esporte, que pode chegar a milhões, bem como seus próprios anseios em relação a atividade.

Por ser um jogo popular, tem a capacidade de atrair a todos e exercer efeito de socialização. É um fenômeno de grandes massas, e por isso contextualizado pelas mais diversas emoções e formas de lidar com elas. É comum observar nas arquibancadas e até mesmo dentro de campo as mais diversas técnicas de relaxamento, apelo a crenças, superstições e ritos religiosos.

Em meio a esta catarse emocional generalizada, nos atletas é comum perpassar nervosismo, preocupação e apreensão, gerando inclusive respostas fisiológicas, tais quais concentração comprometida e agitação. Estes sentimentos são geradores de ansiedade, que também pode ser percebida na cognição, como resposta interna a ameaça desconhecida e geradora de conflito. Pode ser também consequência de um fator somático, onde é possível observar a presença de sinais fisiológicos, tais como o aumento dos batimentos cardíacos, desconforto interno e tensão muscular.

Decorrente disso, surgem inúmeros pensamentos negativos, que geram como consequência a diminuição da capacidade de raciocínio do atleta em circunstâncias rotineiras de sua atividade devido a diminuição do seu nível de atenção. Segundo o inventário de ansiedade de Spielberger, Gorschus, e Lushene (1970), esta ansiedade gerada pode ser observada sob duas formas: ansiedade-estado e ansiedade-traço.

A ansiedade-estado caracteriza-se como componente de variação de humor. Em uma única partida, o nível de estado de ansiedade pode ser alterado diversas vezes e em

curtos períodos de tempo. Pode ser demasiadamente elevado antes do início da partida, mais baixo após alguns minutos de jogo e dependendo do resultado, voltar a ser extremamente alto nos minutos finais da partida.

Já a ansiedade-traço é tida como pertencente à personalidade do indivíduo, como uma tendência adquirida de seu comportamento. No geral, atletas que apresentam esse tipo de ansiedade são mais sensíveis a situações e circunstâncias de jogo que consideram como ameaçadoras, mesmo que objetivamente não apresentem perigo físico ou psicológico.

Como exemplo desse tipo de ansiedade, pode-se observar as cobranças decisivas de penalidades máximas. Por vezes, jogadores que demonstram habilidades físicas e técnicas semelhantes são escalados para a cobrança e têm reações distintas nos movimentos prévios, execução e ao observarem o resultado de sua cobrança. Estas reações inteiramente distintas, devido seu histórico e características pessoais, podem ser observados a luz deste tipo de ansiedade.

Conhecer os diferentes níveis emocionais e de ansiedade de um atleta torna-se de fundamental importância aos profissionais envolvidos, pois terá papel decisivo e auxiliará em sua preparação. Somente com esta observação será possível realizar um trabalho preventivo individualizado dentro de cada característica para determinada competição, avaliação ou qualquer outro tipo de situação considerada ameaçadora, evitando assim o desencadeamento de estresse.

Por ser um estado emocional de grande complexidade, muitas são as formas de estudo e didáticas desenvolvidas para a compreensão deste tipo de estresse que geralmente permeia os campos de futebol. Nesta literatura, serão destacados quatro estágios inter-relacionados de estresse: estresse ambiental (HALPERN e FILGUEIRAS, 2004), percepção do indivíduo à demanda (LIPP, 2015), resposta ao estresse (GOMES et al., 2013) e comportamento real do indivíduo sobre o estresse (BANDURA, 1986).

Para o primeiro estágio, o referente à demanda ambiental, está a situação que é imposta a um indivíduo, de cunho físico ou psíquico. Como exemplo, pode-se remeter a hipótese de um jogador de futebol que teve dificuldades para chegar até o centro de treinamento por conta de um congestionamento (estresse de cunho físico). Adentrando finalmente ao gramado, depara-se com um técnico novo e é convidado, sem aviso

anterior, a demonstrar alguma habilidade física ou técnica que não vinha sendo treinada (estresse de cunho psíquico).

Para o estágio referente a percepção individual em relação a demanda, é possível observar diferentes reações. Como os atletas são diferentes, têm diferentes histórias de vida e conseqüentemente percepções diferentes, alguns não verão problema nesta atividade e a terão como simples, enquanto outros poderão se sentir mais acuados e constrangidos do que o comum.

No terceiro estágio, que remete as respostas ao evento estressor, podem ser observadas as respostas tanto físicas quanto psicológicas apresentadas por este indivíduo na vivência da situação. Caso sintam-se ameaçados, sua ansiedade-estado irá aumentar, o que o levará a ativações fisiológicas e estado de preocupação. Como exemplo dessas alterações, tem-se a alteração da concentração e tensão muscular elevada.

No último estágio, o de conseqüências comportamentais, a discussão pauta-se no comportamento em si do indivíduo sob situação estressora. A relação deste estágio é estreita com o primeiro: quanto mais ameaçado o atleta se sentir, e como conseqüência executar mal o movimento físico frente toda a plateia, mais negativa sentirá sua avaliação social e conseqüentemente maior será o processo de estresse e a continuidade deste ciclo.

Algumas outras mudanças que de maneira externa contribuem ao estresse gerado em atletas, afetando seu estado mental e físico, devem ser colocadas em destaque: constantes incertezas por conta de mudança de técnico, de time, atraso de salário, rendimento abaixo do esperado em momento decisivo, distância ou perda de um familiar.

Saldanha (2012) baseia seus estudos em duas fontes principais das situações que levam ao estresse. A primeira refere-se a uma abordagem transacional, ou seja, a importância que o indivíduo dá a determinado evento. Quanto maior o valor do evento para o esportista, a tendência é que o nível de estresse aumente neste dado momento em comparação a outras situações de jogo semelhantes do decorrer do campeonato.

Esta importância, porém, não está tão clara no time como uma totalidade, pois a importância dada é diferente para cada atleta do clube, devido seu histórico e vivências naquele dado momento. Essas situações individuais, que transcendem a influência do contexto, são conhecidas como disposicional (SALDANHA, 2012). A tendência é que atletas com mais tempo de carreira ou de clube exteriorizem seu sentimento tornando-se líderes naturais e incentivadores, tendo aquela como talvez a última oportunidade, em oposição aos mais jovens, que veem a situação como oportunidade de mostrarem-se ao esporte.

Outro ponto que pode entrar em discussão é a questão da incerteza quanto ao rendimento e ao resultado que cada performance levará a equipe. Quanto maiores são as questões que deixam dúvida, maior será o nível de estresse. Por ser um jogo coletivo, muitas questões influenciam para além de um rendimento pessoal, que por vezes também é incerto.

Incertezas transmitidas por treinadores, preparadores e demais envolvidos, não expondo a verdadeira situação física, tática e técnica de sua equipe também podem ser potencializadores destas questões de ansiedade e estresse, interferindo diretamente no desempenho.

5.2 Estresse, ansiedade e emoções: da análise ao desempenho

Uma das emoções fortemente ligadas ao estresse é a ansiedade, que pode ser caracterizada como o não saber o que vai acontecer, não conseguir prever o momento decisivo, comprometendo conseqüentemente a ação e o resultado que esta terá. Bertuol e Valentini (2006) consideram a ansiedade como estado emocional de grande apreensão, onde a preocupação chega a debilitar o indivíduo por certo período de tempo. Como consequência, provoca medo e gera expectativa quanto a algum desafio ameaçador ou perigo em vista.

Com o tempo, a ansiedade pode vir a diminuir. Contudo, ela sempre existirá, pois nenhum evento é totalmente previsível. Estes sintomas podem ser observados dias antes de momentos importantes, tais quais competições e início de partidas. O controle deste tipo de resposta é o que faz valer todo preparo físico e técnico desenvolvido em toda preparação anterior. Em busca de compreensão quanto à ansiedade relacionada a fatores pessoais, além da já descrita ansiedade-traço, destacam-se outros dois fatores principais: autoestima (FERREIRA e GASPAR, 2005) e ansiedade física e social (HART, LEARY e REJESKI, 1989).

A autoestima relaciona-se com a maneira que é percebida a ameaça como descrita na ansiedade-estado. Atletas com autoestima baixa acabam por demonstrar menor confiança e resiliência quando comparados a atletas com autoestima maior, pois seus pensamentos negativos em relação a si próprios colocam-se como mais um obstáculo a resolução do problema.

Algumas estratégias mentais que podem ser utilizadas para aumentar a autoconfiança nestes casos são meios de enfrentamento importantes na redução da frequência de ansiedade-estado que atletas com estas características apresentam.

Autoconhecimento a partir de reconhecer o evento estressor e as diferentes sensações ocasionadas por ele é a base na busca por equilíbrio emocional.

Como último ponto nesta didática que permeia o estresse pessoal, tem-se a ansiedade física e social, que é fator ligado a predisposições de personalidade. Atletas que relatam sentir mais estresse durante avaliações de condicionamento e ter mais pensamentos negativos quando colocados neste tipo de situação podem ser compreendidos conforme apresentado nesta categoria de ansiedade.

Este comportamento mais retraído pode ser observado na preferência por uniformes mais discretos e chuteiras que chamem o mínimo de atenção, bem como quando direcionados ao foco principal, como em comemorações de gol, demonstram comportamento mais introvertido e reservado.

De forma positiva ou negativa, é notável que as emoções afetam diretamente o desempenho dos atletas. As variações emocionais causam alterações nos mecanismos tanto fisiológicos quanto psicológicos de maneira a comprometerem o rendimento em todo o contexto do esporte, deixando-os com sentimento de vulnerabilidade e perda do controle. Com a musculatura tensa, respiração dificultada ou ofegante e pensamentos negativos, o rendimento certamente não será como nas situações regulares em que foi treinada.

Inúmeras são as teorias e explicações que podem ser dadas a cada tipo de desencadeamento das emoções, umas com maior número de adeptos e outras menos, e um mesmo evento pode causar discussões das mais diversas por conta desta pluralidade. Trabalhando a questão da ansiedade, duas vertentes se destacam: a teoria do impulso (ZAJONC, 1965) e teoria do U invertido (MARTENS, 1974).

Segundo a teoria do impulso, à medida que a ansiedade-estado ou ativação do atleta aumenta, seu rendimento conseqüentemente irá aumentar. Ou seja, quanto mais alerta o esportista estiver, melhor será seu rendimento em campo. Quanto mais seu pensamento estiver focado em resolver a questão posta no jogo, conseqüentemente encontrará melhores alternativas para resolver.

Entretanto, é necessário pontuar que a ansiedade elevada desencadeia também uma euforia fora do controle, podendo ter como consequência um desempenho muito abaixo do esperado, se comparado a um estado equilibrado. O atleta responde de maneira diferenciada ao realizado nos treinamentos, devido às novas condições apresentadas e seu estado de ânimo alterado, prejudicando, assim, seu rendimento final.

Uma das teorias que melhor explica, e, portanto, é uma das mais aceitas por investigadores da área, é a teoria do U invertido. Esta visão atribui o rendimento inferior a partir de ativações baixas ou muito altas, em contraponto ao alto desempenho, que está no equilíbrio da ativação. Este equilíbrio e o ideal deve-se buscar dentro de cada individualidade.

Assim, o atleta que encontra seu nível de ativação ideal conseguirá, como consequência, um rendimento que ficará próximo ou até mesmo superior ao desempenhado ao longo dos treinamentos. Este representa o ponto médio do *continuum*, que proporcionará estabilidade e rendimento constante no jogador.

Muitos esportistas, todavia, não conhecem ou não trabalham suas habilidades psicológicas e emoções, e, portanto, não conseguem atingir o nível ideal de ansiedade durante as partidas. Muitos acabam, inclusive, utilizando suas crenças e depositando suas angustias em crenças religiosas, buscando alívio e segurança. Assim, o ponto médio em questão não é encontrado, ocasionando oscilações de humor e, conseqüentemente, de rendimento.

5.3 Psicologia do esporte e *coping* na ciência

Pensando em estratégias de enfrentamento (*coping*) nos estudos das ciências humanas, uma das abordagens psicológicas mais utilizadas é baseada nos estudos de Lazarus (2000). Para ele, *coping* é a mudança que o indivíduo faz em seus pensamentos e ações a fim de tornar regular e cadenciável as demandas internas e externas na relação estressora específica da interação indivíduo-ambiente. Assim, só será possível gerenciar as demandas estressoras aqueles que forem capazes de, a partir do autoconhecimento e treinamento mental, superar as pressões e dúvidas próprias do esporte.

Para Folkman e Lazarus (1980), o enfrentamento pode ser classificado conforme sua função: ou emocional ou focalizado no problema. O uso dessas estratégias varia, ainda, conforme avaliação da situação estressora, que segundo os autores, pode ser conceituada como primária (processo cognitivo em que o sujeito percebe o risco da situação) ou secundária (recursos disponíveis e opções para lidar com a situação). O *coping* focalizado no problema tende a ser utilizado em situações avaliadas como modificáveis, enquanto que o focalizado na emoção em situações avaliadas como inalteráveis.

O *coping* com foco na emoção pode ser analisado como esforço do organismo ao tentar regular o estado emocional associado ao estresse ou a resultados antes de eventos potencialmente estressores. Com atuação direcionada ao nível somático ou dos sentimentos, tem por objetivo equilibrar o estado emocional do sujeito. Dentro de um clube de futebol, observa-se as mais diferentes reações de enfrentamento nesse sentido, visando regular o estado de tensão emocional: jogar vídeo game ou jogos de carta, assistir televisão, conectar-se às redes sociais ou evita-las são alguns exemplos. A função destas ações, neste caso, é tentar reduzir a sensação biológica aversiva de um estado de estresse.

Já o enfrentamento focalizado no problema diz respeito ao esforço em observar a situação geradora de estresse e tentar mudar a partir dela. O objetivo é alterar o problema que existe na relação entre indivíduo e o ambiente gerador de tensão. A ação, portanto, pode ser direcionada interna ou externamente. Quando aplicado na resolução de problemas externos, as estratégias se baseiam na resolução de conflitos interpessoais ou solicitar ajuda direta de outras pessoas. Se focalizado no problema interno, tem como foco a reestruturação cognitiva e a partir disso, a redefinição do elemento estressor.

Analisar o estresse e o *coping* torna-se pauta de inúmeras discussões, tendo em vista que esta reação do organismo humano é complexa, ocasionada por estímulos internos e externos. As respostas psicológicas dependerão de herança genética, experiências de vida e estratégias de enfrentamento, bem como dependerá da intensidade e duração do desencadeador do estresse (NASCIMENTO JÚNIOR et al., 2011).

O modelo desenvolvido por Folkman e Lazarus (1980), referente a *coping*, engloba quatro conceitos principais: é um processo ou interação que ocorre entre indivíduo e ambiente; tem como função administrar a situação estressora, e não seu domínio ou cura; os procedimentos têm função avaliativa, de como o indivíduo percebe e interpreta a situação cognitivamente; é uma mobilização de esforço cognitivo e comportamental que visa a administração de demandas internas e externas nas diferentes interações com o ambiente, buscando redução de aversivos ou tolerância da situação incômoda.

O entorno do ambiente esportivo, a partir destas perspectivas, deve ser pensado e devidamente trabalhado, pois os processos emocionais são multifatoriais e de grande complexidade. Podem ser observadas em aspectos ligados a competição, características

individuais, exigências corporais e de superação, perspectivas quanto ao desempenho e relacionamentos interpessoais.

Em seu estudo, Nascimento Júnior et al. (2011), visando compreender quais as técnicas de *coping* mais utilizadas por atletas infantis (14 e 15 anos) e juvenis (16 e 17 anos) de equipes profissionais do noroeste do Pará que estavam em competições regionais e estaduais, foram entrevistados 64 atletas.

Quando comparadas as situações estressoras, notou-se que três fatores apresentaram diferenças significativas entre a categoria infantil e juvenil: pressão externa para ganhar, ser prejudicado pelo árbitro e condições de jogo inadequadas. Em relação à “pressão externa para ganhar”, notou-se que teve influência positiva para os juvenis, enquanto que o fator “ser prejudicado pelo árbitro” e “condições de jogo inadequadas” apresentaram influência negativa para eles.

Ser o favorito e cobrança de si mesmo para vencer surgiram como fator de influência positiva para as duas categorias analisadas. Do lado oposto a influência positiva, Nascimento Júnior et. al (2011) pontuam que

...alguns fatores exerceram influência negativa nas duas categorias, tais como: “dormir mal na noite anterior”, “preparação técnico-tática inadequada”, “falta de preparação psicológica”, “conflito com o treinador”, “machucar-se durante o jogo”, “conflito com familiares”, “entrar no jogo machucado” e “conflito com companheiros”. (p. 47-48)

Quanto às estratégias de enfrentamento, as mais utilizadas pelas duas categorias foram “treinabilidade”, onde os atletas baseiam o enfrentamento remetendo-se ao trabalho realizado durante a semana, e “confiança e motivação”, baseando-se nos anseios que o fizeram estar ali. Com isso, é possível observar que mesmo sofrendo influências de formas diferentes pelos agentes estressores, os atletas destas categorias de base utilizam-se de estratégias semelhantes quanto ao enfrentamento do estresse.

Outras estratégias comentadas que auxiliam no enfrentamento de situações estressoras são a confiança e motivação no vencer qualquer obstáculo durante sua vida esportiva através da demonstração de seu talento para o esporte, bem como o sentimento de confiança ao desempenhar com excelência as funções exigidas em uma competição, não sendo necessária pressão para jogar ou treinar com mais disposição e intensidade. Buscar não se aborrecer com a correção feita pelo treinador quando este o aconselha e instrui visando melhorar seu desempenho também foi outra estratégia citada.

A partir dos dados expostos, observa-se que existem diferenças significativas nas dificuldades e estratégias de *coping* utilizadas entre as posições de uma mesma faixa etária. Na categoria juvenil, a estratégia “concentração” foi mais evidente entre os

atacantes e os goleiros, com destaque para estes últimos, possivelmente relacionada à exigência de contínua atenção durante todo período do jogo.

A estratégia de *coping*, neste sentido, é fundamental para a preparação e performance ideal do esportista, e isso pode ser atribuído a sua autopercepção diante de uma situação estressora, já que quanto maior a percepção de ameaça ou não da situação, maiores serão as estratégias desenvolvidas e menor será o descontrole emocional, culminando no desencadeamento de ansiedade e estresse.

Dentro das linhas e estudos em Psicologia do Esporte, o enfrentamento pode ser trabalhado e discutido pelo educador físico ou psicólogo da equipe, cada um em sua área de conhecimento e buscando sempre atuar de maneira transdisciplinar.

É fundamental que a utilização de estratégias de *coping* seja das mais diversificadas, para que o jogador seja capacitado a enfrentar e ultrapassar os mais diferentes fatores e condições estressoras. A grande questão psicológica seria se todos os envolvidos nos momentos esportivos percebem tais modulações emocionais e, acima de tudo, se têm conhecimento da existência destas nuances.

Fica, ainda, a questão: as estratégias de enfrentamento e emoções têm sido discutidas de maneira adequadas na formação do educador físico? E as especificidades dos esportes, são tradas na formação de psicólogos? Se tal conhecimento científico não está contemplado nas quatro linhas, o que vem o substituindo?

5.4 *Coping*, crenças e rituais

Uma estratégia de *coping* popularizada nos campos de futebol são crenças e rituais. Geralmente antes do início do embate, muitos atletas realizam gestos ou expressões para entrarem em estado íntimo de comunicação e pedir auxílio ao seu deus ou força maior. Para eles, isso possibilita o fortalecimento dos processos psíquicos na redução da ansiedade.

Este estado emocional complexo, dotado de inter-relações nos processos de cognição, fisiológico e social, influenciam diretamente nas ações e pensamentos dos atletas. Por vezes, os leva a condutas simbólicas que não estão diretamente ligadas a realidade posta e não tem ligação direta com o evento.

O Brasil, apesar de ser um estado laico, tem em sua cultura a tradição cristã. Segundo dados apontados por Souza (2015), 166 milhões de pessoas, ou seja, pouco mais de 85% da população brasileira, se declara cristã. No futebol não é diferente. Paes (2013)

realizou um estudo referente a influência da religiosidade no combate a ansiedade, como forma de *coping*, com os chamados “Atletas de Cristo”, grupo que:

Nasceu em abril no ano de 1978, em Belo Horizonte (MG), com o pastor Abrahão Soares e o goleiro João Leite (Atlético/MG). É um movimento formado por atletas evangélicos que atuam em diversas modalidades esportivas pertencentes a algumas igrejas evangélicas, sendo, portanto um movimento paraeclesiástico. Seus seguidores são de igrejas protestantes, pentecostais e neopentecostais. (p. 96)

Com o avanço protestante decorrido nos últimos anos no país, o grupo tem ganhado força e adeptos no futebol moderno. Consequentemente, hoje tem forte influência em seus clubes, sendo inclusive alvo de polêmica recente envolvendo a seleção brasileira de futebol masculino. Na concentração em Boston antes de um jogo contra os Estados Unidos, dez atletas religiosos participaram de uma cerimônia religiosa realizada por um pastor que se disse “convocado para a seleção brasileira”. Segundo a assessoria de imprensa da seleção, entretanto, a reunião não foi autorizada (FERNANDEZ, 2015).

A influência religiosa no futebol está posta em todo canto do país das mais diversas formas. O grupo de maior destaque recente no país, os “Atletas de Cristo”, materializa o que a maioria dos atletas brasileiros exercem em campo para o enfrentamento das diferentes dificuldades: recorrer ao divino. Do amador a elite profissional, no futebol é possível observar a prática nos mais diversos campos e situações.

Os momentos que antecedem as partidas são marcados pelas mais diversas emoções, que podem gerar mal-estar no atleta. Os “Atletas de Cristo” acreditam que por meio dos rituais que realizam, receberão a capacitação e proteção divina, que os ajudarão a superar as dificuldades no decorrer da partida. Paes (2013) estudou 25 “Atletas de Cristo” de dois clubes grandes da cidade de Recife e Pernambuco, com idades entre 18 e 25 anos.

Para estes atletas, a religião possibilita variados métodos de enfrentamento, e o apelo ao sobrenatural se faz comum através de rituais sagrados pautados na crença religiosa individual. Sinal da cruz, dedos para cima, olhos fechados para prece são corriqueiros nas quatro linhas. Acreditam que assim, Deus eliminará seu mal-estar, seu incomodo prévio e o guiará espiritualmente a uma boa partida.

Dessa maneira, visando o bem-estar psicológico, seus gestos estereotipados funcionam como simbolismo e prece para um apoio e suporte interno, proporcionando reflexão e apaziguamento do conflito próprio. Consequentemente, seu nível de ansiedade é reduzido. Antes da partida, a palavra de Deus os conforta e dá motivação para suportar

as pressões de cada jogo. É comum que todo o grupo se reúna para uma prece conjunta antes de entrar em campo, visando proteção e bom desempenho.

Com efeito, os atletas depositam seus anseios neste tipo de enfrentamento e dizem sentirem-se mais preparados para lidar com os vários conflitos envolvidos no futebol. Este enfrentamento, que pode ser classificado como *coping* religioso, resulta, segundo eles, em melhor qualidade dos domínios psicológicos. A partir disso, terão melhor domínio físico e social, bem como relatam crescimento pessoal e espiritual.

Os atletas, como “seguidores do Senhor Jesus”, entregam suas vidas a ele e são gratos ao messias pelo que recebem diariamente em suas vidas, incluindo o âmbito esportivo profissional. É comum entoarem cânticos de adoração e em suas orações o louvam e agradecem, bem como compartilham da palavra de paz com outras pessoas, tais quais familiares, amigos e companheiros de profissão.

É curioso observar que muitos atletas se dizem pertencentes ao movimento cristão, mas na prática não demonstram isso. Não seguem a doutrina nem os preceitos da organização religiosa. No entanto, para serem aceitos no meio do futebol e divulgados pela mídia como “atletas de bem”, isso é, são exemplos dentro e fora de campo, afirmam serem pertencentes a este grupo.

Ainda referente ao estudo de Paes (2013), foi constatado que 90% dos atletas seguem alguma prática religiosa antes do início da partida, acreditando que assim o time irá jogar mais confiante, que tudo irá correr bem e não irão se machucar. Este simbolismo inclui:

Algumas práticas religiosas e rituais, tais como: fazer oração em grupo e individual para pedir proteção nos jogos, estas orações são feitas por meio da leitura da Bíblia e de cânticos de louvor. Nas reuniões eles comentam sobre a palavra de Deus sentindo-se mais abençoados, confiantes e motivados para as partidas. Os principais rituais utilizados antes das partidas de futebol são: ajoelhar-se e levantar as mãos para cima (em direção ao céu) orando e pensando no jogo, outros também escutam hinos de fé, bebem água, conversam com os amigos e se abraçam desejando coisas boas no jogo (p. 104).

Os 10% de atletas que disseram não acreditar que os rituais exerçam influência antes das partidas expuseram que para eles, “Deus não entra em campo”. Logo, independentemente de suas preces no momento da partida, o jogo será decidido apenas nas quatro linhas. Assim, se foram derrotados, foi porque a outra equipe foi superior, e cabe ao aprimoramento deles buscar melhores resultados, não a ausência de simbolismo que exponha sua fé.

Independente de movimentos estereotipados ou não, os atletas religiosos dizem sentirem-se mais animados, perseverantes e com mais disposição para as partidas. Acreditam que Deus tem um plano para todos a cada partida, e que este objetivo só será alcançado por meio da fé. Além dos efeitos positivos, segundo eles, a crença evita também efeitos negativos. Protege a saúde (evitando lesões, por exemplo) e livra das demais circunstâncias negativas decorrentes na partida.

Ainda segundo o estudo de Paes (2013),

Os rituais também os ajudam a ter um maior controle de seus sintomas fisiológicos e psicológicos da ansiedade, antes das partidas, tais como: o coração bater mais rápido que o normal, o medo de não render, a preocupação com as críticas das pessoas, a vontade maior de ir ao banheiro, a impaciência, a aflição, a sudorese e sede excessiva, e roer as unhas (p. 105).

Com tal fala, é possível notar que para o atleta que crê, o sentimento de proteção e benção no enfrentamento das dificuldades posta no meio esportivo é posta através de rituais e religiosidade. Com isso, relatam diminuição do nível de ansiedade antes da partida, com a promoção de bem-estar psicológico desenvolvendo convicção, paz, proteção e vontade.

Contudo, esta forma de enfrentamento resume-se a um alívio momentâneo. Paliativo para uma aflição imediata, não chegando à causa do problema ou a uma reflexão para além da situacional, conforme discutido no tópico anterior. Rituais e crenças muitas vezes são as melhores alternativas encontradas para suprir mais este ponto em que estão vulneráveis. Sem relação direta com o gerador do mal-estar, porém, dificilmente seus efeitos terão duração de uma partida completa, por exemplo.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um trabalho na perspectiva qualitativa em que o instrumento de sondagem será a observação, que possibilitou coleta direta de depoimentos dos envolvidos em várias oportunidades. Dentro dessa observação, foi possível realizar a formação de grupos de discussão, com participação e mediação do pesquisador. Buscou-se, a partir dessas estratégias, coletar dados significativos suficientes para analisar e possibilitar o entendimento do universo pretendido.

6.1 A fundamentação teórica do método

Como sistema aberto, a pesquisa qualitativa permite múltiplos desdobramentos a partir da análise do particular, “crescendo e desenvolvendo-se ante os desafios que implicam a produção de novas zonas de sentido facilitadas pela pesquisa.” (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 30).

Conforme Denzin e Lincoln (2006, p. 17), os pesquisadores orientados por esse tipo de abordagem utilizam de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance.

Quanto ao método, González Rey (2010, p. 81-82) destaca que, em seus escritos de 1999, 2002, a proposta qualitativa já era tida como um processo permanente que definia o percurso metodológico, onde as decisões metodológicas ocorriam no processo da pesquisa, o que permitia que o modelo teórico fosse definido de acordo com os fatos. Ele afirma ainda que:

A pesquisa qualitativa também envolve a imersão do pesquisador no campo da pesquisa, considerando este como o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele. O pesquisador vai construindo, de forma progressiva e sem seguir nenhum outro critério que não seja o de sua própria reflexão teórica, os distintos elementos relevantes que irão se configurar no modelo do problema estudado. É precisamente esse processo que foi nomeado por mim de lógica configuracional.

González Rey (2010), tratando aqui dos participantes da pesquisa, diz que se faz necessária a implicação subjetiva do sujeito pesquisado para que a informação produzida no curso do estudo tenha significação e desvele a realidade pesquisada. Os sujeitos poderão, por meio do movimento de constituição da sua subjetividade, expressar seus processos de sentido a partir da fala e da escrita, conteúdos que uma vez analisados, considerarão as expressões propriamente ditas, como também as determinações históricas e sociais que a compõem.

Dessa forma, os recursos para a obtenção das informações serão propostos como meios para obter as expressões dos sujeitos, tanto verbais como escritas, individuais e em grupo, de maneira a captar as aproximações de sentidos produzidos pelos jovens participantes. O direcionamento escolhido pelo pesquisador foi a proposta de Pesquisa Participante, considerando este como um caminho que pode fornecer informações detalhadas não observáveis em outras propostas.

6.2 Procedimentos de análise e interpretação

Brandão et al. (1988) pontua dois pilares fundamentais da Pesquisa Participante: Autenticidade e Compromisso. O trabalho desenvolvido deve ocorrer visando a produção de um saber que parte do saber do sujeito observado, constituído na prática conjunta. O pesquisador deve apresentar-se demonstrando transparências e honestidade no compromisso com o conhecimento a ser desenvolvido. Apenas assim, os princípios específicos desta ciência permitirão a espontaneidade e livre expressão do sujeito de origem na área que o estudo foi delimitado.

Outro princípio citado por Brandão et al. (1988) que vale aqui ressaltar, é o Antidogmatismo ou busca da neutralidade, rompendo com ideias preestabelecidas ou princípios que envolvam ideologias. O autor é enfático ao dizer não se pode fazer este tipo de ciência com doutrinas preestabelecidas, pois estas são inimigas do método. Entretanto, isso não quer dizer que o pesquisador não deva ter identificação com uma proposta política, mas que sua intervenção não pode ser a partir de uma consciência que não condiz com aquela realidade. Assim, o pesquisador poderá ir além da aparência e captar a verdadeira essência ali estabelecida.

As informações obtidas por meio da pesquisa participante deram-se simultaneamente por meio da presença do pesquisador no campo, a partir de observação,

depoimentos, entrevistas e materiais coletados nos encontros nos grupos. A atuação pautou-se no elenco profissional de uma equipe de futebol e seus dirigentes.

O grupo focal foi dividido numa amostragem por conveniência, em que se trabalhavam temas relativos as observações do grupo, apenas num processo de confirmação das respostas obtidas na primeira fase do trabalho de investigação. Tratou-se de um processo trabalhoso, mas compensador, diante das confirmações e indicativos que foram levantados na dissertação.

Na descrição dos resultados, o pesquisador assumiu a primeira pessoa do singular, com a intenção de oferecer maior intensidade e proximidade com os dados e ações realizadas no clube de futebol profissional, o qual foi chamado “Interiorano”. Importante ressaltar que por questões éticas, o nome do clube e de todos os envolvidos foi modificado. Os participantes autorizaram a divulgação dos dados, bem como das diferentes formas de anotações realizadas durante o procedimento, uma vez que tinham consentimento de que a participação no clube resultaria nesta pesquisa.

As coletas do material de análise foram realizadas por meio de gravações das falas por aparelho celular; anotações em bloco de notas realizadas nos encontros programados e registros das falas nos corredores; análises de questionários abertos; entrevistas realizadas pela grande mídia e interações nas redes sociais.

As atuações psicológicas foram detalhadas apenas em momentos que o objetivo da pesquisa, que foi o estudo das relações que perpassam a invisíveis, fica evidente. Entende-se, em todo o texto, que o foco deveria ser direcionador aos dados que acrescentam na discussão sobre a (in)visibilidade que o clube e envolvidos estão sujeitos.

6.3 Universo da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida junto a uma equipe profissional de futebol de uma cidade localizada no interior do Estado de São Paulo, com população de pouco mais de 300 mil habitantes. De tradição no envolvimento de movimentos esportivos profissionais e amadores, a cidade mantém equipes representativas em estratos federados e oficiais dos calendários esportivos. Trata-se de uma equipe formada por 28 atletas profissionais oriundos de vários estados, além de atletas da própria cidade, com idades entre 17 e 36 anos de idade.

A equipe, no período do estudo, disputou a Série B do Campeonato Paulista, última divisão profissional da Federação Paulista de Futebol, equivalente a quarta divisão (inferior a Série A3). O time, centenário na cidade, nunca se encontrou nesta divisão em anos anteriores, e para tanto passou por inúmeras reformulações, inclusive durante o campeonato. Mais da metade do elenco, incluindo comissão técnica, foi composto por jogadores emprestados de um time que conseguiu acesso recente a elite do campeonato.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1 Reconhecimento do gramado: “Você acha que Deus perde tempo assistindo Série B?”

O local da pesquisa participante surgiu de uma proposta recebida por meio de uma ex-colega, que aqui chamarei de Vitória. Ela sabia do meu direcionamento para a área de Psicologia do Esporte e comentou que o time de sua cidade pensava em contratar um psicólogo para a fase final da competição, algo relatado a ela pelo preparador físico do clube (Diego). Perguntou se havia interesse de minha parte e do Laboratório em participar da avaliação do time.

A princípio, fiquei relutante, pois entraria em um trabalho que já havia começado. Porém, também pontuei que minha participação ali de alguma maneira poderia ser positiva: eu atuaria com a equipe e ao mesmo tempo desenvolveria alguma pesquisa, expondo as reais condições de um clube regional.

Entrei em contato com o rapaz via *Whatsapp*® e marcamos o encontro pessoalmente para a mesma semana, no local em que o clube ficaria concentrado para o primeiro jogo da segunda fase. Assim, teria também meu primeiro contato com a equipe através dos jogadores relacionados para aquela partida.

Conhecia o time superficialmente, por ser tradicional da cidade em que eu também havia morado. Não sabia ao certo quais campeonatos estava disputando e em que situação se encontrava. A memória remeteu-me ao episódio em que, ainda menino, ganhei uma camiseta do clube. Usei por muito pouco tempo. Talvez o motivo do desdém na época fosse que sempre que a usava, parentes e amiguinhos questionavam para qual time que eu realmente torcia. Diziam que eu deveria escolher um “time grande” para defender.

A cultura enraizada no futebol brasileiro, nestes casos, dificulta a criança torcer pelo time de sua própria cidade. O fato de não conhecer nenhum outro torcedor do clube também gera certo afastamento. Crescendo, percebi que o clube não tinha seus jogos televisionados, sua marca exposta nas lojas de esporte da cidade e nem mesmo era pauta de discussão no dia a dia quando o assunto era futebol. Somadas estas memórias com os estudos no assunto, vislumbrei um potencial campo para a pesquisa do mestrado: realmente, este era um clube posto à margem dos holofotes.

Conversei com o orientador, e ele disse que deveríamos aceitar a proposta. Não visando o resultado dentro das quatro linhas, pois sabíamos que para isso precisaríamos de muito mais tempo e no mínimo a mesma atenção que os demais treinamentos. Porém, foi uma oportunidade aberta para atuação profissional e científica.

Estudei a equipe durante aquela semana através de páginas alternativas as da grande mídia, como das redes sociais, blogs e notícias veiculadas pela imprensa regional. Observei o elenco e o que estava sendo destaque quando o assunto era o time. Assim, foi possível estabelecer base inicial para adentrar na pesquisa participante, conforme pontua Brandão et al. (1988).

A equipe teve altos e baixos, mas encontrava-se em um momento de bons resultados. Disputava a Série B do Campeonato Paulista, abaixo da terceira divisão e última do profissional. Já haviam disputado 18 partidas. O time nunca se situou nessa divisão em anos anteriores e estava em um momento financeiro vulnerável. Os recursos escassos impulsionaram parceria com um clube recém-qualificado para a elite: mais da metade do elenco era emprestado, entre comissão técnica e jogadores.

O time também contava com um dos artilheiros do campeonato e classificou-se como primeiro em uma das duas chaves da primeira fase. A segunda fase, que estava para iniciar, teria dez jogos em turno e retorno (jogo em casa e fora). Ao final das partidas, os dois primeiros colocados de cada chave seriam qualificados a jogar a Série A3 do Campeonato Paulista do próximo ano. Os dois times classificados como primeiro em suas respectivas chaves disputariam, em dois jogos, a final do campeonato.

Durante este estudo prévio, mantive contato com o preparador físico da equipe. Ele comentou que a comissão pensou em trabalho psicológico por se tratar de uma equipe que não tinha um bom ambiente interno. Ainda nas palavras dele, “tem muito jogador que precisa de uma atenção individual. Ansioso demais, e parece que gosta de ver confusão. A gente precisa de foco agora, e é nessa parte que você entra!”.

Expliquei que devido ao curto tempo, seria difícil trabalhar tais questões, pois a rotina e as relações já estavam estabelecidas há um tempo. Mas que faria uma atuação dentro do possível e, do que eu, enquanto psicólogo do esporte, observasse ser mais vantajoso para um curto período.

Fomos trocando algumas informações até o dia combinado, chegado o momento encontrei o time em um dos hotéis mais tradicionais da cidade. A equipe jogaria a partida de estreia na segunda fase em seu estádio. Diego disse que talvez não chegasse a tempo para a apresentação da equipe no hotel, e que por isso em minha chegada eu deveria procurar por Marcos, o gestor de futebol. Compareci ao hotel no horário combinado.

Devido ao uniforme de passeio e algumas feições que vi nas reportagens, identifiquei três jogadores do clube jogando tênis de mesa, e outro indivíduo interagindo com eles. Não encontrei dificuldade alguma para entrar no hotel e não foi necessário que eu me identificasse.

Os jogadores encontravam-se apenas entre os eles e demais membros da equipe. Não havia ali torcedores “tietando”, nem seguranças ou câmeras, como se costuma ver no futebol midiático. Usavam a área de lazer como qualquer outro hóspede, e facilmente passariam despercebidos, inclusive por mim, não fossem os uniformes.

Na recepção, perguntei sobre o gestor de futebol, e não souberam me informar em que quarto estava. Tentaram ligar em alguns quartos, mas ninguém respondeu. Fui ao encontro dos jogadores que ali estavam e questionei sobre o Marcos. O rapaz que não estava de uniforme respondeu-me que ele estava vistoriando os quartos, mas já estaria de volta. Mais tarde fiquei sabendo que o homem que me respondeu era Renato, vice-presidente do clube.

Percebo, ali, que há certo descaso com a equipe e com a organização desta no hotel. Ninguém se preocupou em zelar pela privacidade dos jogadores e nem em dar a informação correta. Não sabiam ao certo em que quarto estavam os jogadores e quais eram destinados aos demais hóspedes (um dos quartos que ligaram em busca do gestor era particular, por exemplo). Imagino que esta questão tenha sido captada e percebida pelos jogadores também.

Aguardei alguns minutos assistindo ao jogo de tênis de mesa e pude ter uma primeira interação com alguns dos jogadores. Um deles convidou-me para jogar. Um que eu sabia o nome inclusive, por ter estudado o nome de cada um deles e observado fotos na internet durante a semana. Agradei o convite o chamando pelo nome, Carlinhos, e em tom de brincadeira, disse que aceitaria o desafio, pois acreditava que ele não era tão bom na mesa quanto no meio de campo.

O atleta mostrou-se constrangido, e achou estranho eu o chamar pelo nome. Questionou minha identidade. De imediato, disse meu nome e apresentei-me como amigo de Diego. Disse a ele que sabia o seu nome pelo fato dele ser personagem de um clube tradicional na cidade, que eu estava estudando a equipe e gostaria de conhecer melhor a rotina do grupo, por isso estava ali.

A resposta do atleta a minha fala foi curiosa, e fiz minha primeira anotação. O atleta olhou-me como quem desconfia não acreditando no que eu disse. “Tanto clube famoso e você veio parar aqui? Eu acho é que você sabe meu nome porque já falaram mal de mim por aí...”. Mais tarde, notei que Carlinhos era um atleta bem sociável e brincalhão, embora por vezes introvertido.

Mesmo que em tom de brincadeira, o jogador expôs o que pensa do clube e de si mesmo: Carlinhos não considera o clube que atua como um clube “famoso”, e talvez por isso ache estranho alguém vir de fora e ter interesse na equipe e em seus jogadores. Achou estranho eu saber o seu nome e onde se posicionava em campo, creditando seu reconhecimento a alguém ter falado mal dele, e não a suas atuações como titular da equipe.

Antes que chegasse minha vez de jogar, Renato informa que Marcos estava ali próximo. Fui ao encontro do gestor após ser vítima de uma última brincadeira de Carlinhos, que disse que eu estava com medo de enfrentá-lo. Apresento-me ao administrador de maneira breve, e o questiono sobre o que eles haviam pensado e o que estavam precisando, se de um psicólogo, assessor de psicologia ou estagiário. Percebi o mandatário confuso. Ele disse que conversaria com o presidente referente ao assunto, mas que as portas do clube estavam abertas para mim e para o trabalho da psicologia.

Nesta fala e posição de Marcos, pude perceber que o trabalho psicológico não era realizado no clube, e que o gestor nem mesmo compreendia o que poderia esperar de um psicólogo voltado para a parte esportiva. Enquanto conversávamos, Diego chegou e nos cumprimentou. Continuamos a conversa, falamos um pouco sobre a fase do clube e eles comentaram sobre alguns jogadores que deveriam ser avaliados individualmente. Nesta fala, é possível notar que o modelo clínico (apenas paciente e psicólogo em uma sala), mais exposto quando o assunto é trabalho psicológico, é o que pressupõem nortear as atividades do psicólogo esportivo.

Mencionei que a análise individual de alguns atletas seria improvável, pois não achava pertinente. Explico que o trabalho psicológico é sigiloso, que não cabe expor o atleta, e que meu interesse era trabalhar com todos, inclusive a comissão técnica e os gestores se possível. Eles disseram que não seria possível por conta do “tempo de cada um”, mas que eu teria liberdade com todos os atletas profissionais.

Enquanto conversávamos, o treinador (José) também compareceu ao pátio da recepção. Cumprimentou-nos e me chamou pelo nome. Diferentemente de Carlinhos, não estranhou que eu respondi o chamando pelo nome. Marcos disse que precisava sair para resolver outras questões burocráticas, e o técnico propôs que sentássemos na sala de espera da recepção para que pudéssemos conversar melhor.

Ficamos sentados e discutimos um pouco sobre o clube. José apresentou-se como um técnico “rodado” no futebol; expos que já havia atuado com psicólogo e achava importante cada um ter o seu trabalho, dando-me liberdade para realização das atividades que eu entendesse que deveria ser feito. Combinamos que eu me apresentaria na preleção que o técnico teria com os atletas em alguns minutos. Sobre a forma desta apresentação, José faz uma ponderação:

“Eu só queria pedir uma coisa pra você. Você pode atuar como psicólogo sem problema, mas você sabe como são os meninos né? Ninguém gosta de ser tratado como louco... Então a gente fala que você é analista de grupo... Que você estuda isso, que vai ajudar o time nesse jeito...”.

Vale ressaltar dois pontos dessa fala: a imagem que o treinador tem de psicólogo, como alguém que “trata louco”, e o tipo de auxílio que ele considera possível para um psicólogo, a “análise de grupo”. Aqui, percebo que a ideia de Psicólogo do Esporte ainda é a de formador de diagnóstico e “cura”, embora este possa desenvolver inúmeras atividades no contexto esportivo (RUBIO, 2007).

Comento que caso ele prefira, não preciso necessariamente apresentar-me como psicólogo do clube naquele momento, até porque a proposta não havia sido feita formalmente. Poderia apresentar-me como estudante graduado em psicologia, que tinha interesse em conhecer e colaborar com a equipe através de minha formação e base acadêmica. O treinador gesticulou concordando.

Questiono o técnico a respeito desta preleção. A princípio, uma dinâmica foi pensada, porém esta já não seria possível, já que se esqueceu de comprar o material que ele havia pensado (uma cartolina, canetas e uma caixa de bombom). Assim, realizaria apenas um “bate papo”. Questiono o horário e ao saber diz que, inclusive, já havia passado da hora que ele havia programado. Levantou-se e começou a reunir os atletas e toda comissão, convocando todos que estavam nos quartos.

Com o passar do tempo, foi possível notar que muita coisa no clube era inconstante e fruto de improviso, inclusive a minha aparição por lá. O treinador não havia pedido nada de absurdo para a preleção, mas mesmo assim o material não chegou e houve necessidade de mudar a programação por conta disso. Uma hipótese levantada foi de que esta possa ser a forma que os gestores encontraram de caminhar com o clube sem os recursos adequados, pois com o tempo, desprende-se até mesmo dos materiais de baixo custo (BARROS E AFIUNE, 2013).

Todos foram reunidos, mesmo sem saber ao certo para onde iriam. Um dos funcionários do hotel sugeriu uma das salas de palestras, que foi aceita pelo comandante. Pediu para que todos se sentassem e começou o seu discurso, envolvendo sua história de vida, o momento que o clube passou e passava; planos para o futuro e o adversário do dia seguinte. O discurso segue em três partes, que serão avaliadas separadamente, para melhor análise de cada uma delas.

Garotada... Olha só aonde a gente veio parar! Aquele time descreditado, que começou perdendo a maioria dos jogos... Olha onde a gente tá agora! Vocês viram esse hotel? Imaginaram que um dia a gente estaria aqui, e todo mundo olhando pra gente agora? O chefe investiu... Agora a gente precisa mostrar que tem valor, que merece estar onde está! [...] minha trajetória no futebol não foi nada fácil. Jogava nuns campos muito pior que esse nosso, e era pancadaria solta. [...] quebrei a perna e nunca me recuperei direito, porque na época não tinha medicina... Mas não desisti, e hoje tô aqui. Comprei meu carrinho e pago meu aluguel com o futebol, me casei e já tô entrando na terceira idade bem, graças ao futebol. [...] não foi isso que vocês pediram pra Deus quando começaram? Não pediram pra ganhar a vida com o futebol? Não pediram pra estar num momento decisivo desses, brigando por um acesso? Então caralho! Vamos honrar essa camisa que tem

história... Esse clube aqui não nasceu ontem... Quando a gente entra com ela, o adversário treme na base, sabe do que essa camisa é capaz... Então vamos fazer o que todo menino quer fazer, que é jogar futebol com uma camisa desse timbre e ganhar alguma coisa com isso! Aproveita esse privilégio que vocês tão tendo!

Todos ouviam o discurso com atenção. Mais tarde, confirmei a informação de que aquela era a primeira vez que o time passava a noite no hotel. Antes, ficavam todos concentrados no alojamento do clube, dentro do estádio. Inclusive era por lá que 18 (64%) dos atletas se hospedavam no dia a dia.

O treinador credita o melhor local da atual concentração aos bons resultados obtidos no campeonato até então. O “chefe” citado no discurso é o presidente do clube, que considerou mais adequado a concentração ocorrer no hotel nesta segunda fase. A visibilidade que ganharam é base do diálogo até então.

O discurso do técnico, neste início, muito se aproxima da fala de um pai com algumas frustrações no esporte, mas que de alguma maneira quer saná-las com os filhos (GREGÓRIO e SILVA, 2014). Engrandece o nome do time que estão e minimiza as condições materiais atuais do clube, dizendo que passou por situações piores. Remete a infância e aos sonhos que cada um tinha, de disputar algo grande e ganhar a vida com o futebol (ROCHA et al., 2011)

Importante destacar que o sonho idealizado de sucesso se faz presente mesmo naquela realidade, em que muitos ganham apenas a subsistência. Embora muitos vivam nas dependências do clube, sem condição nem mesmo de privacidade, a ideia se mantém. Ao ouvir o discurso, não é possível associar as palavras a quem mal tinha local para a concentração na rodada anterior.

Na continuação da fala, o tom encorajador do treinador parece começar a aproximar-se mais das reais condições a que estão expostos. As falas a seguir são sequência direta do discurso anterior, embora pareça ser de outra ocasião ou, ainda, de outra pessoa:

Vocês querem ficar neste clube o resto da vida? A maioria que tá aqui hoje é porque disseram que não serve pra jogar Série A, foram emprestados pra cá... É isso que vocês querem? Andar a pé a vida

inteira? Querem confirmar que vocês não dão certo? O que vocês vão contar quando voltarem pro clube? Que passaram vexame na última divisão? Aí para né... Para, vai pegar latinha, vai capinar lote, fazer o que for. Tá na hora de jogar futebol de verdade, de mostrar seu valor, caralho! Ninguém quer ficar em clube de Série B o resto da vida... Amanhã vai ser mais uma chance pra cada um de vocês... O homem lá de cima já mandou o aviso... A oportunidade tá aí! Mas vocês acham que Ele vai estar olhando pra vocês? Que vai perder o tempo Dele assistindo esse joguinho meia boca? Você acha que Deus perde tempo assistindo Série B? Jogo do Interiorano? Ele tá lá no pay-per-view assistindo Barcelona e Real Madrid, assistindo Manchester e Bayern... Corinthians e Palmeiras no mínimo né... Mas sabe o que eu fiquei sabendo? Que ele vai mandar um anjo que tem mais paciência pra cá assistir vocês. E o anjo vai contar tudo que vocês fizerem aqui... Eu não tô pedindo pra vocês golearem e jogarem bonito. Tô querendo que vocês joguem o que sabem caralho! Imagina o anjo chega lá e conta pro Homi: “nossa, aquele time não tem jeito. Não ganha nem de Série B, esquece”... Agora se ele chegar e falar “Porra, esse time joga pra caralho, é bom o Senhor ficar de olho!”. Claro que ele não vai falar com todos esses palavrões né (risos)... Mas vai falar que vocês tem valor, que tem potencial pra jogar em time grande! Então amanhã eu quero todo mundo jogando o que sabe!”

Neste momento do discurso, o treinador mostrou-se mais exaltado. Parece que esquece tudo que falou no momento anterior: não remete mais a tradição do clube e o considera como “clube de Série B”. Julga, no discurso que aquela é a última alternativa para aqueles jogadores antes do ostracismo total.

Jogar no clube no ano seguinte, portanto, não pode ser meta para nenhum deles. Diz que o jogo do dia seguinte é uma segunda chance a cada um deles, e não mais uma primeira. Em outras palavras, diz que perderam a grande chance, mas que nada está perdido e agora podem se recuperar, basta apenas “jogar” (SOUZA, 2015b).

Ao evocar Deus e seu anjo, remete mais uma vez a triste realidade dos clubes de menor expressão, intensificando-a. Estão ali em completo abandono: nem mesmo a força que a grande maioria crê guiar o universo está ao lado deles. Devem contar apenas com

um pequeno lampejo de visibilidade (na metáfora, dada por um anjo), e nisso seguir com a esperança de transformar sua trajetória (SEABRA, 2016).

Tal fala permite, ainda, outra alusão para a temática deste estudo: os grandes mandatários, os senhores da visibilidade, em nada estão se importando com o que está acontecendo naquele clube e naquele campeonato. No máximo ficarão sabendo, por terceiros, se algo extraordinário acontecer.

Findado seu discurso, que durou cerca de vinte minutos, convida-me a dar uma palavra de apresentação para o time. Não sem antes realizar uma palavra prévia:

Molecada... Outra coisa que eu tinha pra falar com vocês, neste sentido mesmo que eu comentei, que agora a gente tá ganhando valor. O Diego se mobilizou, conversou com um amigo dele doutor, que faz pós-graduação em futebol e veio aqui pra conversar com a gente, pra ajudar a gente nesse momento. Ele é analista de grupo, e veio aqui modernizar um pouco, com esse conhecimento que já é tendência na Europa e nos clubes grandes. Queria que vocês recebessem bem o doutor, que já é parte do nosso time e vai pra cima com a gente agora!

Fui à frente e apresentei-me para a equipe conforme havia combinado com o treinador. Em síntese, disse meu nome e que não era doutor, apenas graduado e em processo de pós-graduação. Citei também o laboratório que me levou ao interesse na equipe. Parabeneizei a todos pela primeira colocação na chave da fase anterior. Disse que me sentia privilegiado de estar no meio de atletas profissionais de uma cidade que tenho um carinho muito grande.

Na continuidade da fala, agradei ao treinador e o preparador físico pela oportunidade de trabalho. Também aproveitei para pedir que todos ali me ensinassem um pouco do meio prático do futebol e que poderiam contar comigo na em relação às várias áreas de atuação e pesquisa em psicologia do esporte, pois eu estaria desenvolvendo também um trabalho ali neste sentido.

Ao terminar minha fala, o treinador levanta-se novamente, talvez um pouco incomodado com o que ouviu, e complementa:

Mas calma aí que ele não vai ser psicólogo de louco aqui não! Ele vai ver como o grupo tá e ajudar a gente nessa caminhada agora como grupo

que tá querendo ir pro acesso. Se bem que tem uns três ou quatro aqui que eu vou mandar é direto pro divã dele! (risos).

Aproveitei o clima descontraído para novamente me levantar e dizer que a psicologia do esporte é uma ciência com abrangência mundial e tem inúmeras aplicações, e que por isso buscaria atuar com todos, não apenas com três ou quatro. Afirmar que não estava ali para apagar incêndio ou atuar de mediador em conflitos mal resolvidos anteriormente, como às vezes aparece o psicólogo na televisão (MININNI, 2008), mas que gostaria muito de conhecer o grupo a partir de cada um e auxiliar dentro do possível na equipe a partir de cada individualidade.

Ainda em clima descontraído, o treinador pergunta se alguém ali quer dar uma palavra. Dois jogadores se predispõem: o artilheiro da equipe, Yago, e um veterano, Maicon. Yago comenta como está feliz em ver que o trabalho que foi feito gerou resultado até então, e diz que o grupo deve “manter a pegada” que teve na primeira fase, ou o resultado conquistado na primeira fase e todo esforço não valeriam de nada.

Maicon diz que se sente muito emocionado em estar nessa disputa mesmo com uma idade já avançada, e que apesar de estar no time também no momento que este se encontrava na elite, aquele acesso teria gosto especial, pois ele tem um carinho especial pelo clube e fica chateado em ver a situação que este chegou. Diz que irá dar o seu melhor, mesmo tendo acabado de voltar de lesão, e espera que cada um também faça isso: sacrifique-se pelo time.

Conforme Yago pontua, a pressão por resultados apenas se intensificou, e os bons resultados podem nunca ser lembrados, dependendo dos resultados e de como a equipe irá lidar com a nova fase e pressão. Maicon levanta sua história no clube. Pela idade e história, é um líder e incentivador natural, e ao longo do tempo pude notar ser um dos únicos que estava realmente feliz com a situação de jogar no clube. Não considerava o clube apenas como passagem, como os demais. Talvez pela sua idade e maturidade, o desdém dos garotos e idealização de usar o clube para ganhar visibilidade já não faz mais sentido para ele.

Com estas falas, o treinador encerra a conversa. Pede para todo irem descansar, e aos poucos a sala vai se esvaziando. Um ou outro atleta fica e mantém conversa com os membros da comissão técnica que ali estavam. Fui ao encontro de Marcos, para

acertarmos os detalhes sobre o dia seguinte, como eu faria para entrar no estádio e o que eu poderia acompanhar. Marcos está conversando com Carlinhos, e me pergunta em tom de brincadeira: “Dá uma olhada no cabelo desse menino... Você que é doutor, me explica... Tem cura esse aqui?”.

Mais uma vez tentei explicar que não era doutor, mas com a insistência no tempo de clube percebi que aquela era uma praxe e forma que os atletas encontram de diferenciar os trabalhos que ali eram realizados. Fisioterapeutas também eram doutores, e os membros da comissão técnica, professores. Psicólogo, naquele contexto, ficou no meio termo: muitos ali chamavam-me de doutor e outros de professor.

Entrei na brincadeira do dirigente e atleta, pedindo para o jogador me passar o contato do cabeleireiro, que eu tinha achado bom o corte e tentaria fazer igual. O corte era de destaque bem curto, com formas tribais em relevo. Carlinhos logo disse: “Ixe doutor, esse aqui é só pra preto mesmo, povo sofrido. Você com esse cabelo lisinho aí consegue coisa melhor que esse ruim aqui!”.

Com a fala, Carlinhos dá indício que teve uma “vida sofrida”, e que provavelmente enfrentou maiores dificuldades por sua aparência, cor de pele e “cabelo ruim”. Classifica seu cabelo crespo como “ruim” muito provavelmente por já ter ouvido declarações a respeito e ser um dito antigo que ainda vigora. Em reunião posterior, pude observar que 71% dos atletas do clube eram negros (20 dos 28). Por estarem em mesma situação, provavelmente também eram de “vida sofrida” e exposta diariamente a preconceitos, tal qual Carlinhos (BAPTISTA e ABREU, 2014).

Carlinhos volta-se a Marcos, e diz em voz alta, provavelmente para que eu escute:

Na palestra do professor (o técnico José) agora ele falou que tem três ou quatro que precisam conversar com o doutor, que já tão meio pancado. Certeza que querem que eu seja um deles né? Mas vou te falar que sou um dos mais normais que estão aqui hoje hein!

Mais uma vez com o humor como forma de expressão, percebo que uma das partes mais marcantes da palestra do “professor” realmente foi essa, a de colocar a psicologia como uma ciência que “cura louco”. Com o tempo no clube, foi possível perceber que a visão que os atletas tinham de psicologia não era essa, pois todos tiveram participação nos encontros e muitos vinham ao meu encontro até mesmo fora deles. A visão foi

confirmada como um conceito pessoal do técnico, antigo na profissão e provavelmente trazendo preconceitos de longa data.

Na conversa com Marcos, ficou acertado que assistiria ao jogo da tribuna do clube, podendo inclusive estacionar o carro nas dependências do time. Poderia também participar do vestiário, se o treinador assim concordasse. Fui me despedindo dos gestores e de alguns atletas que se encontravam nos corredores, e assim deixei a concentração.

7.2 Aquecimento e entrada nas quatro linhas: “Um doutor, aqui no Interiorano? Hunf... Tá bom...”

Conforme combinado, compareci ao clube uma hora antes do início da partida. Guiei o carro até a entrada do portão principal do estacionamento do clube, e o porteiro questionou-me quem eu era. Informei que estava ali como convidado, e que provavelmente faria trabalho de psicólogo e pesquisador no clube. O primeiro porteiro foi-me simpático, e explicou a abordagem “É que agora é segunda fase né? Você viu quanta gente tem hoje vindo ao estádio? Aí a gente tem que perguntar.... Mas pode entrar, passa aquele segundo portão que você já dá direto na tribuna e nos vestiários! ”

O “maior movimento” a que o primeiro porteiro classificou tem explicação: o clube vinha de média de público de pouco mais de 300 torcedores por partida em casa. Neste jogo, ultrapassou 1100. Recorde de público do ano. A maior fiscalização se dá devido à maior procura pelo jogo do time. Confirmei posteriormente que nos jogos de menor visibilidade, o estacionamento local estava liberado para os torcedores.

Segui o caminho em direção as tribunas, e deparei-me com outro porteiro, mas dessa vez com os portões fechados. Desci do carro, fui ao seu encontro e pedi para que ele abrisse. Comentei que era amigo do Diego, que havia conversado com o Marcos e que provavelmente atuaria como psicólogo na equipe. Informei também que o primeiro porteiro havia me autorizado estacionar próximo às tribunas.

Este segundo funcionário olhou-me como quem não acreditou no que disse, e desconfiado, questionou “Um doutor, aqui no Interiorano? Hunf... Tá bom... Agora na segunda fase ainda, que todo mundo quer entrar?... Hunf...”. Nestas poucas palavras, o porteiro deixa sua mensagem: um “doutor” em um clube posto naquelas condições soa

como piada (VERRI et al., 2009), como desculpa esfarrapada de torcedor querendo tirar vantagem e estacionar na localidade do clube.

Comento que concordo com tal questionamento, mas argumento que ele poderia confirmar com Marcos se necessário, que eu o chamaria. Enquanto conversávamos, o primeiro porteiro veio às pressas ao encontro do segundo, e disse que eu poderia entrar. “Você se responsabiliza então?” Questiona o segundo funcionário. “Claro que sim! Eu ouvi dizer que o clube estava trazendo psicólogo mesmo. Deixa o menino entrar aí, ele vai ajudar a gente!”

Enquanto os dois conversavam, Marcos chega próximo ao portão e autoriza minha entrada. Diz que irá me entregar uma identificação, para não ter mais esse tipo de problema. Também credita a fiscalização e dificuldade à passagem do time para a segunda fase e maior visibilidade do clube: “tem pessoal da imprensa agora aqui também. O jogo vai ser gravado hoje!”, conta com entusiasmo. Essa foi a primeira vez no campeonato que o clube recebia atenção da imprensa televisiva. Nenhum jogo anterior no ano havia sido gravado de maneira profissional.

O gestor indica-me um local para estacionar o carro e pede para que eu fique à vontade. Indica o caminho dos vestiários, e diz que o time chegou tranquilo e está prestes a fazer o aquecimento. Estaciono o carro e direciono-me para lá. Cumprimento os jogadores que encontro. Alguns já preparam os uniformes, outros acessam redes sociais através do celular, e ainda outros apenas conversam e se mostram descontraídos. O cenário acontece ao som de um rap que toca de em um antigo aparelho de som.

O técnico José passa por lá, cumprimenta-me e convida a entrar na sala ao lado, reservada para a comissão técnica. Ali estão seu auxiliar técnico (Tiago), o preparador de goleiros (Antônio) e Diego. Diego e Antônio logo se retiram para começar a aquecer a equipe. José pergunta o que eu achei do clima no vestiário. Respondi que eles pareciam estar à vontade, que jogar em casa sempre tem um clima positivo.

O técnico diz que sempre procura deixar os atletas à vontade neste momento. “Você chegou a ouvir a música? Aquilo lá é horrível! Mas eles gostam, então deixa tocar...”, comenta o técnico, tal qual um avô reconhecendo o conflito das gerações. Pergunto como foi o fim da concentração e as refeições, ele responde que foi tudo bem.

Comentou que até mesmo o periquito que ele sempre carrega nos jogos estava se sentindo em casa.

Aponta para a ave, em gaiola pendurada na parede, e começa a assoviar, como quem quer interagir com o pássaro. O animal responde e também assovia, formando dupla com o treinador. “Ele sempre faz isso antes dos jogos. Dá sorte pra gente!”, afirma Tiago. O assistente conta como surgiu a parceria, a quanto tempo estão no futebol e por quantas situações passaram juntos. Quando questiono se está ansioso, ele é enfático em dizer que não, que a situação é “normal, é coisa do futebol”. José retorna para conversa dizendo que “quem sente essas coisas não serve pra jogar bola”.

O treinador e seu assistente dizem não sentir ansiedade, mas demonstram algumas maneiras de enfrentamento curiosas: enquanto uma conversa com o passarinho, o outro mantém a mão um terço religioso. Uma hipótese que pode ser levantada para este caso seria o enfrentamento a partir da não aceitação das próprias emoções. Embora sem relação com a causa, esta alternativa servia para superar a elevada carga de estresse daquele momento (GOMES, 2011).

Por ser antigo no futebol, provavelmente por muito tempo suas emoções foram negligenciadas e tidas como fraquezas, ainda mais no ambiente que estão, que exige demonstração de força a todo o momento. A partir dessa análise, é completamente compreensível a visão do treinador de que o trabalho psicológico serve apenas aqueles que estão em crise, e não a todos ou como preventivo. José atenta-se ao relógio e brada: “Falta só 20 minutos! A gente precisa ir agora, senão não dá tempo!”.

Fomos ao vestiário ao lado. Os jogadores vestem os uniformes. O treinador dirige-se até a prancheta e demonstra o que espera de cada um dos jogadores, direcionando seus nomes. Ao final das instruções, discursa:

Eu estou muito feliz de estar aqui hoje. De poder ouvir a nossa torcida gritando. Aqui é a nossa casa, quem manda aqui é a gente! Eu não quero ver show, eu quero ver o que vocês sabem fazer, que é jogar bola! O churrasco de domingo desce bem melhor com uma vitória, não desce? Aquela cervejinha... Se perder, vai ser só azia! [...] ontem à noite eu tive uma conversa séria com o Homi lá de cima... E ele disse que vai dar a vocês pelo menos cinco chances de marcar... Então não decepiona, porra! Uma que entrar já é o suficiente pra gente, porque lá atrás não

vai passar nada! E tenho outra notícia boa pra vocês... Não vai vir um anjo só assistir a gente hoje não... Vai vir dois! E tão gravando o jogo também! Eu quero que pelo menos dúvida vocês causem na cabeça desses anjos hoje... Porque se um anjo chegar lá e falar “Eles só empataram” ou então “Eles perderam”, mas o outro fala “Mas calma aí, eles jogaram bem, só deram azar!”. Aí é uma coisa! Ele vai querer assistir pelo menos o teipe pra ver o que aconteceu, vai se interessar... Agora imagina chega os dois anjos lá e falam “Na próxima vez manda outro, porque esse time aí não tem jeito... Não jogaram nada!”. E olha que eu não falei de resultado hein! Eu falei de jogar! Então vamo lá pra cima, e vamos jogar caralho!”

O discurso remete mais uma vez a Deus e a visibilidade que o clube passa a ter. Caso jogarem bem, quem sabe o “homem lá de cima” não olhe por eles. Ou assista ao jogo em vídeo, uma vez que, a partir desta data estão sendo filmados. O técnico aposta, com essa fala, na motivação que mantém a maioria jogando: “quem sabe um dia serem vistos por alguém de cima”.

A aposta também vai em direção ao fator torcida: como já pontuado, o estádio tinha neste dia o recorde de público, e era possível ouvir, mesmo do vestiário, a torcida organizada incentivando brados de apoio ao time. O fator do churrasco e almoço de domingo não se aplica a grande maioria, que irá ficar alojada no próprio clube. Talvez José não tenha se atentado a mais esse detalhe da realidade ali presente.

O time todo bate palmas, os jogadores levantam-se e formam um círculo ao centro do vestiário. Convidam-me a fazer parte do círculo. Maicon dá uma última palavra de incentivo, remetendo mais uma vez a torcida, a estar em casa e a estar em uma segunda fase. Ao final da palavra, todos rezam um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria”. Terminadas as orações, um por um, todos se abraçam e desejam bom jogo. Alguns jogadores tocam em uma santa que tem base fixa em um dos cantos do vestiário do time da casa, inclusive com velas acesas.

Em uma observação distante, a impressão é que todos os jogadores ali são católicos fervorosos. Porém, em levantamento realizado posteriormente, foi constatado que no total de 28 jogadores, apenas 12 (43%) declararam ser católicos. Dez (36%) declararam-se protestante, quatro (14%) espíritas e outros dois (7%) disseram não seguir nenhuma religião específica.

A reza em voz rápida, ininteligível a quem não conhece, também pode ser usada como argumento que naquele momento, para muitos, nada mais é do que um costume estereotipado. Uma hipótese é que o cerimonial é realizado como forma de mostrar pertencimento e sensação de coesão do grupo, conforme pontuado por Paes (2013).

Findado o ritual, os atletas entram em campo. Muitos, ainda, medem cada passo para que entrem em campo com o pé direito (foi possível notar ao observar um atleta que encurtou a passada com a perna esquerda centímetros antes de pisar o gramado para, assim, dar seu primeiro passo nas quatro linhas com o pé direito), tocam o gramado e fazem o sinal da cruz com a mão que tocaram e outros, ainda, levantam os dedos em direção a céu. Retiro-me para as tribunas, onde não tive problemas para entrar. Possivelmente Marcos já havia comentado que eu iria.

Assisto ao jogo procurando o melhor espaço. São poucos lugares onde é possível assistir à partida, sentado de maneira confortável, e estes lugares já estavam lotados. É praxe de quem vai assistir ao jogo naquela localização levar seu próprio banquinho, para evitar desconforto em caso de lotação. Posiciono-me com a visão direcionada ao centro do gramado, ao lado de um senhor com um radinho de pilha.

Com uma visão privilegiada do campo e ouvindo a narração, penso que posso aos poucos ir me familiarizando também com o nome dos atletas e o posicionamento de cada um. Outro senhor posiciona-se ao meu lado, e diz que escolhi o melhor lugar para assistir à partida, mas por um fato que eu desconhecia a princípio: “Aquele ali é o seu Zé Antônio... Narrador oficial aqui da tribuna... Não perde um jogo! E nem uma oportunidade de xingar o juiz! (risos)”. Ali, foi possível notar que a “identidade nacional” na paixão pelo futebol, pontuada por Antunes (2004), perpassa desde os clubes regionais até a entidade máxima, que é a Seleção Brasileira.

Procurei interagir com o senhor, que se mostrou simpático. Disse acompanhar sempre o clube nos jogos que ocorrem no estádio da cidade. Fato relevante é que mesmo ele, apesar de se dizer torcedor fanático e acompanhar todos os jogos, não sabia o nome de todos os jogadores. Aos berros, direcionava a palavra aos jogadores pelo número de suas camisetas.

Veza ou outra, entre as reclamações com o trio de arbitragem, pontuava: “O professor José (técnico)! Não tá vendo que esse oito aí tá perdidinho em campo? Põe o

outro menino mais novo lá pelo amor de Deus!"; "Aquele zagueirão ali tá muito banana. Só tem altura, parece um poste. Tem que por um menino mais ligeiro alí, senão a gente tá perdido!".

Entre os torcedores, percebi que eram poucos os que sabiam a escalação, até mesmo nesta área privilegiada em que me encontrava. A individualidade não estava em questão: a camisa do clube e o número em suas costas eram mais um fator de invisibilidade do atleta enquanto pessoa. Pelos torcedores observados, os atletas claramente estavam sendo visto apenas como um número. Nada mais que um "fazedor de tarefa" (BRAGA, 2004).

Maicon sai machucado ainda na primeira meia hora de jogo. Sente a lesão que o incomodou durante a primeira fase e que o tirou das últimas partidas. Enquanto a maca o carrega e José prepara a substituição, foi possível ouvir dos torcedores próximos a mim "O que aconteceu? Machucou? Nossa, mas nem dividiu a bola direito...". O torcedor que estava ao lado do que fez esse comentário explicou que Maicon já estava machucado, e que estava jogando no sacrifício.

A fala deste primeiro torcedor, que não compreende ao certo o motivo da lesão, remete ao que José já dizia em seus discursos. A visibilidade começou apenas na segunda fase. Tudo que fizeram, inclusive seu desgaste e condição física prejudicada, não foi visto por ninguém. Assim, a impressão que se tem é que não vinham de exaustivos 18 jogos, e que aquele machucado foi consequência apenas da disputa naquele jogo, onde "nem dividiu direito".

O primeiro tempo termina com o placar de 0x0. Caminho até o vestiário e encontro com Renato. O cumprimento, e percebo que ele também se dirige ao vestiário. Entramos e ele dirige-se para a sala onde o técnico se encontrava. Mais tarde, descobri que era praxe naquele clube os dirigentes entrarem no vestiário. Os jogadores que estavam em campo tiram as chuteiras e recebem atenção do preparador físico. O clima é de total concentração, com poucas palavras sendo trocadas.

Passados cinco minutos, Tiago sai da sala da comissão técnica aos brados, demonstrando entusiasmo:

Vamo lá caralho! Nós estamos dominando essa porra! O que tá acontecendo que vocês não empurram essa bola pra dentro? Ninguém

aqui gosta de dinheiro? Mas eu gosto! Só que não posso empurrar a merda dessa bola pra dentro! Então empurrem pra mim! Vamo pega esse bicho no fim do jogo ou não vamos? É segunda fase agora, acabou a moleza!

O auxiliar técnico fica por volta de cinco minutos lembrando-se do “bicho” (premiação recebida caso vençam o jogo) e aos gritos busca gerar uma catarse emocional nos jogadores. Renato havia classificado o vestiário como apático e pediu para a comissão técnica ser mais efusiva. O técnico José também chega ao vestiário, e dá instruções individuais aos jogadores que estavam em campo. Percebe-se que seu perfil é mais de “paizão”, e não tão eufórico quanto seu auxiliar.

Inicia-se o segundo tempo. O time tem bons momentos no ataque e domina a partida, porém em uma oportunidade do adversário sofre um gol. Sai derrotado pelo placar mínimo. Retorno ao vestiário ao fim do jogo. É possível observar os jogadores com semblante triste, porém não abatidos. Sabem que jogaram melhor, e contam com a blindagem de José:

Parabéns molecada, tivemos as oportunidades que eu disse que teríamos, dominamos a partida, mas hoje não era nosso dia. Mas digo uma coisa pra vocês... Lá no estádio deles, eles não vão ganhar da gente nem fudendo! Time frouxo jogou recuado e ganhou com uma bola parada em que demos azar... Agora vamos descansar colocar a cabeça orgulhosa no travesseiro que esse foi só o primeiro jogo.

Os jogadores caminham em direção aos chuveiros. Sem muitas palavras. As poucas que foram possíveis ouvir são discursos de incentivo, que vão ao encontro do que o técnico falou. José e toda a comissão técnica vão para a sala ao lado. Acompanho-os. O discurso interno é o mesmo, de pensamento positivo. José questiona-me o que achei da postura do time e dele como treinador.

Sem esperar pela minha resposta, já emenda: “Eu acho que tem que agir assim. Não é hora de cobrar e falar besteira. Tem que apoiar. Jogaram bem, demos o azar de hoje a bola não entrar. Hoje não era nosso dia. No futebol é assim mesmo...”. Antônio dirige-se a mim e diz: “Quando eu entrei no clube, também foi assim! A gente dominou, teve bola na trave, tudo, tudo igual hoje. O gol do adversário foi bem parecido também. Mas depois classificamos... Tomara que a história se repita com você!”.

Nas falas dos preparadores, somando aos demais acontecimentos antecedentes a partida, foi possível notar uma presença contundente da história pessoal de cada um. Encontram meios de dizer que os sucessos podem ser iguais (Antônio, ao remeter sua chegada ao clube com uma derrota e vitórias posteriormente) e que fracassos podem ser diferentes (José, ao remeter a sua trajetória como atleta). Devido as histórias diferentes, a forma de enfrentamento também se dá de maneira diferente, mesmo que num mesmo ocorrido em um mesmo momento (BANDURA, 1986).

Percebo que no clube, alguns direcionamentos são guiados por conta deste conhecimento empírico e modelos apresentados por estas vivências, sem que necessariamente tenha ligação direta com o que está ocorrendo naquele dado momento. Essa pode ser mais uma forma de enfrentamento alternativa encontrada pelos integrantes da equipe para suas situações aversivas diárias.

Ao término do assunto “pós jogo”, combinei com Diego e José o horário de meu encontro com os atletas. Ficamos acertados que o trabalho seria intercalado com as atividades físicas da academia: o grupo, assim como os períodos, seria dividido em três, ficando um grupo de dez atletas e outros dois de nove. Cada encontro duraria 45 minutos, que seria o tempo da outra equipe estar em musculação e uma terceira ficaria livre. O dia dos encontros seria logo na reapresentação da equipe, e deram-me a liberdade de acompanhar as demais atividades em qualquer período.

7.3 Primeiro tempo: “Você pode usar a sala de imprensa... Está meio empoeirada, mas a gente limpa... É que faz tempo que ninguém entra...”

No dia combinado para a reapresentação do clube, compareci no período anterior ao que iria realizar os encontros com o grupo, para tomar conhecimento do espaço e assim poder programar da melhor maneira as atividades. Encontrei-me com Marcos, que disse que eu poderia usar a sala de imprensa ou a sala de televisão dos atletas. Descartei a possibilidade de uso da sala de televisão, pois aquele era um espaço de passagem e não haveria a possibilidade de um encontro com caráter sigiloso.

Pedi para que me apresentasse à sala de imprensa. O gestor acompanhou-me, abriu a sala e expos o espaço: Espaço por volta de 7x3 metros, dois bancos e um sofá com dois lugares. Uma mesa larga, com cerca de 1,75x0,75 metros. Dois ventiladores e quatro

lâmpadas, sendo que uma não funcionava. O espaço era todo em vidro escuro, mas havia espaços abertos por janelas quebradas e um espaço grande reservado para ar condicionado. O gestor explica:

A sala está meio empoeirada, mas a gente limpa... É que faz tempo que ninguém entra... Mas você vê como é? Nesse espaço que a gente tirou o ar pra colocar na nossa sala, entra gato direto. O Diguinho, que é responsável pela limpeza, tenta espantar eles, mas não tem jeito. Faz tempo que não tem coletiva aqui e que ninguém usa, por isso tá desse jeito. É da época do Rui isso aqui, da Primeira e tudo mais...

Nesta fala, mesmo cercada de eufemismos, Marcos expõe a realidade do clube em fatores que merecem ser analisados: credita a sujeira à entrada de gatos por um espaço que deveria estar o ar condicionado. Mais uma vez é possível observar o improviso com os recursos materiais para suprir uma carência: o aparelho de ar condicionado foi retirado do local, mesmo sabendo dos prejuízos que ocasionaria a sala, para ser adequado a outro espaço, onde mais pessoas poderiam usufruir. Compreensível, visto que a sala estava sem utilização.

Remetendo a figura de Rui, o gestor faz um retorno a menos de dez anos, quando o clube chegou a liderar o Campeonato Paulista da elite e terminou entre os primeiros. Certamente nessa época, a sala de imprensa era local corriqueiro do clube, que ganhou notoriedade, inclusive, surpreendendo os times de maior receita do estado de São Paulo. No momento atual, todavia, passada a visibilidade, a sala estava literalmente jogada às traças. Ninguém entrava há tempos. Nem mesmo Diguinho para fazer limpeza.

Marcos questiona-me se o espaço pode ser utilizado para os encontros. Eu digo que sim, contanto que consigamos limpar a tempo. Enquanto conversamos, verifico a situação da poeira sobre a mesa. Descubro que a cor original do móvel é branca, e que mudou de cor literalmente por estar completamente coberta pela sujeira. O gestor diz que é coisa simples: “A gente passa um pano aí e tá novo! O sofá a gente bate as almofadas lá fora. Vou deixar a sala aberta agora de manhã pra tomar um ar também.”

Saímos da sala e o gestor diz que irá resolver algumas questões de manhã, mas que em breve conversará com Diguinho sobre o encontro à tarde na sala de imprensa. Diz que a sala será limpa, para eu ficar tranquilo. Como não haveria atividade do time para

aquela manhã e não havia movimento dos atletas profissionais, deixei o clube para retornar apenas pouco antes do horário combinado para os encontros.

Meia hora antes do combinado dirijo-me novamente ao estádio do time. A sala não estava aberta, conforme o gestor disse que deixaria. Peço a chave a Marcos, que se desculpa por não ter pedido para ninguém limpar a sala. “Hoje o dia foi super corrido, nem lembrei do encontro! ”. Mais uma vez o gestor me acompanhou até a sala, mas dessa vez, passa antes no banheiro para pegar um rolo de papel higiênico.

Ele mesmo começa a esfregar a mesa empoeirada com o papel. Prontifiquei-me a ajudar, e questiono se não teria um pano ou coisa assim, pois facilitaria o trabalho. “Ter tem, mas eu não sei onde... O Diguinho tá ocupado agora também... Mas a gente dá um jeito aqui... Melhor molhar um pouco o papel né? Tá grossa essa sujeira...”. Mais uma vez noto o improvisado a que o clube está submetido, ora por falta de materiais, ora por falta de organização interna.

Molhamos o papel higiênico com água de uma torneira próxima e terminamos o trabalho. Aproveito para também limpar o sofá e passar o papel higiênico molhado nos bancos. Abro as janelas e ligo os ventiladores que funcionam, para que o cheiro de local fechado amenize. Aos poucos, pela janela da sala, é possível observar os atletas em torno do alojamento, que fica ao lado. Vejo Diego e, terminado de adequar o local, vou ao seu encontro.

O preparador físico deixa comigo a lista dos atletas, já divididos nos três grupos combinados, e confirma como será a dinâmica: um grupo ficará comigo em trabalho psicológico, outro na academia de musculação com ele, e o terceiro ficará livre. Os grupos trocam de atividade a cada 45 minutos.

O horário programado para o início das atividades se aproxima, e retorno a sala de imprensa. Encontro Yago no caminho, ele questiona-me sobre o encontro. Digo que será na sala de imprensa e peço para ele comentar com os colegas de grupo que iniciaremos em breve.

Os atletas comparecem ao encontro no horário programado. Alguns reclamam da sujeira ao sentarem nos bancos. Pergunto se a sala de televisão seria melhor para o encontro, e eles respondem que não. “Lá passa muita gente e é apertado igual. Aqui a gente não tem um espaço sossegado em lugar nenhum.”, afirma Juan. “Mas é que a gente

é a primeira turma. Os próximos já vão pegar a sala mais limpa. Porque olha como tá ficando o uniforme! (risos)”, comenta Amorim, levantando-se e mostrando que o uniforme branco havia mudado de cor na parte que entrou em contato com a poeira do banco.

Os atletas pareciam acostumados com aquele tipo de situação. Mostravam-se descontraídos apesar da precariedade do local de encontro. Explico que Marcos não conseguiu falar com Diguinho para limpar a sala. Nilson, em tom de brincadeira, diz que “Não precisa explicar nada não professor. Acho que é a gente que vai te explicando no dia a dia como é que funciona o sistema aqui!”. Aproveito a deixa e o clima amistoso para iniciar o grupo.

Agradeço a compreensão de todos, digo que sim, tenho e quero muito aprender com cada um deles no correr dos grupos e na dinâmica que teremos ali. Afirmando também que não sou professor, não sou doutor e que não estou ali para “tratar” ou “diagnosticar” ninguém. Comento mais uma vez sobre a pesquisa e a colaboração que pretendo oferecer a cada um deles. Explico o que é e quais são as principais aplicações da Psicologia do Esporte (RUBIO, 2007).

Nenhum dos atletas diz saber ao certo o que se trata o trabalho psicológico em atividades esportivas. Apenas um atleta do último grupo diz já ter passado por psicólogo, quando jogou na primeira divisão do campeonato brasileiro, e comenta como ela foi importante para aquele grupo que participou. Comenta pontos importantes que lá foram trabalhados, tais como estresse, gestão de tempo e mudança de pensamentos negativos.

Passada a conversa inicial, a proposta para este primeiro encontro foi transmitida: cada um deveria escrever uma autobiografia livre em uma folha de papel em branco, com dados que eles achassem relevantes de suas vidas em qualquer aspecto. O objetivo de tal atividade foi observar pontos em comum nos discursos individuais, mesmo sem direcionamentos. Também é possível observar individualidades e valores de cada um dos atletas. Com estas informações em mãos, o trabalho pode ser melhor direcionado conforme especificidades daquele grupo naquele momento (BRUNER e WEISSER, 1995).

Os jogadores mostraram-se dispostos a atividade. Distribuí as canetas e papéis, que trouxe previamente de minha casa, pois aprendi com a experiência de José na preleção

da concentração. Os atletas iniciaram as suas escritas com o mesmo improvisado que estão acostumados em seu cotidiano: dois grupos arrastaram o banco em direção à mesa para ganharem apoio, os dois que estavam no sofá pediram minha prancheta emprestada e alguns optaram por sentar e escrever no chão.

Poucos atletas tinham facilidade na escrita. Muitos pediram perdão pela letra e para eu não relevar os erros de português. Procurei ao máximo não direcionar os discursos, e explicava novamente a atividade apenas para aqueles que pediam ou se diziam com dificuldade para iniciar. Os atletas utilizaram todo o tempo do encontro para esta proposta. Apesar da heterogeneidade do grupo, em muitos momentos as falas coincidem, como será discutido em seguida.

Vulnerabilidade social, especialização precoce, busca do sonho midiático, emoções pessoais e religiosidade (interpretada aqui como forma de enfrentamento) foram ideias e frases que guiaram os discursos. Visto isso, ganharam destaque na sequência deste recorte. Tais temáticas, inclusive, superaram as citações do próprio objetivo comum do grupo (“acesso” ou palavras relacionadas), por exemplo. A ideia de levar o clube à divisão superior foi citada apenas por quatro (15%) dos participantes.

Realizaram a atividade 27 atletas. Um atleta não participaria mais de nenhuma atividade, pois havia pedido dispensa definitiva do clube por “motivos pessoais”, segundo me informou, posteriormente, Marcos. Embora não informado o que levou o atleta ao pedido, observada a realidade descrita por seus colegas, é possível formular hipóteses. Algumas falas características quanto às temáticas já destacadas serão expostas e analisadas, classificando os jogadores por números para melhor manter o anonimato:

Vulnerabilidade social - 16 citações (59%)

Jogador 1: *Tenho amigos na favela onde moro [...] já tive coisas boas e coisas ruins. Já aconteceram várias coisas, já trafiquei, já roubei e etc.*

Jogador 5: *Estou nesse caminho do futebol porque sei que nessa profissão posso ajudar a todos da minha família.*

Jogador 7: *[...] um trabalho que me faz perceber que fases boas há de vim em minha vida, uma vida melhor sucedida.*

Jogador 8: *Não sou de família de boas condições financeiras, mais graças a Deus e minha mãe que sempre trabalhou em 2 serviços.*

Jogador 12: *Pra ajudar minha mãe tive que começar a trabalhar na roça aos 16 anos.*

Jogador 13: *O que eu mais quero é poder dar uma vida melhor à minha família através do futebol.*

Jogador 14: *Já sou um grande vencedor por ter tido o que eu tenho e por ter várias dificuldades que enfrentei e consegui superar.*

Jogador 17: *Quero ajudar a minha família, quero ter uma família.*

Jogador 18: *No dia que meu filho nasceu [...] tive que batalhar mais pra dar o sustento pra ele [...] por isso tô até hoje lutando, para que minha família tenha uma vida melhor financeiramente.*

Jogador 19: *Quero muito poder realizar esse sonho que estou atrás a muito tempo[...] para poder ajudar minha mãe, meu pai, minha irmã e até meus filhos.*

Jogador 20: *Sou uma pessoa nascida e criada em família humilde, desde pequeno convivo com porcos.*

Jogador 23: *Nasci em favela na dificuldade [...] pais separados, sempre minha mãe trabalhando em sol quente, pegando algodão, laranja, cortando cana, pegando amendoim [...] Sempre morei com minhas 5 tias e 7 cômodos[...] aos 16 anos me profissionalizei e comecei a ajudar em casa sempre lembrando da infância difícil, sempre lembrando da minha mãe guerreira[...] cresci no meio das drogas[...]*

Jogador 24: *Meus pais não podiam me visitar onde eu vivia por dificuldades financeiras.*

Jogador 25: *Guerreiro não foge da luta, não pode correr e assim seguirei para mim e minha família.*

Jogador 26: *Venho de uma família simples mais muito humilde e unida [...] minha adolescência foi no meio de pessoas que eram envolvidas no meio do tráfico.*

Jogador 27: *Venho de uma família muito humilde.*

As falas destacam a realidade da grande maioria dos atletas invisíveis: vêm de condições de extrema pobreza, onde situações de desvio social são corriqueiras, muitos inclusive envolvendo-se com elas. Todos sonham em dar condição melhor para si e para a sua família, que ainda se encontram em situação de periferia (SOUZA, 2015B).

Conforme relatado, a gratidão aos cuidadores pode ser vista como gratidão aos que se colocam em condições de extremo desgaste para promover o desenvolvimento esportivo dos garotos, que enxergam no futebol da televisão a alternativa para escapar da condição posta.

Um dos atletas destaca em seu relato que já se considera um vencedor, provavelmente por ter vencido condições insalubres com o salário de jogador, mesmo que ainda longe dos holofotes. Grande parte deles também deixa claro em suas autobiografias que saíram de casa muito cedo, mesmo esta não sendo a vontade de uma criança. Esse egresso, para além da busca por melhores condições, pode ser ligado também diretamente à necessidade mercadológica de uma profissionalização precoce, conforme destacado a seguir:

Especialização precoce - 14 citações (52%)

Jogador 3: *Desde pequeno sempre fui jogador.*

Jogador 6: *Saí de casa com 15 anos atrás da realização de um sonho que é o futebol.*

Jogador 9: *Não tive uma infância como todo menino tem que é brincar. Saí com 13 anos de casa pra correr atrás do meu sonho.*

Jogador 11: *Comecei com seis anos de idade. Saí de casa cedo, passei dificuldades pela saudade uma coisa que não é fácil suportar.*

Jogador 15: *Comecei a jogar com 11 anos, aos 16 consegui me profissionalizar.*

Jogador 16: *Comecei a jogar futebol com 6 anos.*

Jogador 18: *Comecei a jogar futebol quando tinha 4 anos, com 7 ganhei minha primeira medalha e meu primeiro troféu.*

Jogador 19: *Comecei a jogar com 8 anos. Saí de casa com 13 anos.*

Jogador 21: *Comecei a jogar bola com 13 anos, saí de casa aos 14 anos.*

Jogador 23: *Aos 16 anos me profissionalizei.*

Jogador 24: *Aos 14 anos saí de casa pra jogar futebol. Aprendi a me virar sozinho, pois a vida ensina muita coisa boa e ruim.*

Jogador 25: *Comecei a jogar futebol com 5 anos de idade.*

Jogador 26: *Saí de casa a primeira vez com 11 anos de idade.*

Jogador 27: *Tinha 6 anos de idade quando comecei a jogar. Com 8 anos de idade fui fazer meu primeiro teste e acabei passando.*

Nestes relatos, todos destacam o início da atividade antes mesmo de ter autonomia legal, sobre si mesmos. Muitos destacam, ainda, ter iniciado a atividade esportiva nas idades iniciais da infância. Dois lados deste início precoce são destacados nas falas: um relata com certo orgulho a medalha e troféu recebido (GREGÓRIO e SILVA, 2014). Outro, porém, destaca o lado invisível desta premiação: ao contrário do ideal para uma criança, foi privado de divertir-se como as outras crianças. Provavelmente, por estar sempre se preparando para competições.

A necessidade de aprender a “se virar sozinho” mesmo com a pouca idade também foi mencionada. Inclusive, acrescentando que a vida o ensinou “muita coisa boa e ruim”. Dentro desta realidade, com instrução reduzida e cheia de incertezas, nos relatos feitos por estes atletas ganha destaque também o que os mantém neste caminho (GALDINO e MACHADO, 2008). A ideia de que aquela realidade é passageira pode ser observada conforme exposto abaixo:

Busca do sonho midiático - 14 citações (52%)

Jogador 6: *Vejo que estou no caminho “certo” para alcançar o meu objetivo*

Jogador 7: *Lembrar que dificuldades virão só basta ter fé e ser forte.*

Jogador 8: *Estou até hoje correndo atrás do meu objetivo*

Jogador 9: *Tenho um sonho de criança que é ser jogador de futebol de outro nível, espero chegar em breve, tenho muita coisa pra viver ainda e espero viver tudo aquilo que sonhei.*

Jogador 11: *Meu pai foi uma grande pessoa que sempre me aconselhou a não desistir de meu sonho e objetivo [...] meu grande objetivo hoje aqui é subir.*

Jogador 12: *[...] hoje podendo cada dia ter uma nova oportunidade de mudar a minha vida e de toda a minha família fazendo o que eu sempre sonhei jogando e me tornando um jogador de futebol.*

Jogador 13: *Acho que estou no caminho certo, não gosto de injustiças e preso muito pela humildade [...] quero sair do Interiorano vitorioso e voltar ao meu clube na Série A1 e poder dar um passo a mais na minha carreira.*

Jogador 16: *Pretendo atingir o objetivo, que é subir no clube. Assim, nos valorizaremos e comprovaremos nosso trabalho e profissionalismo [...] tudo isso em algum momento irá valer a pena [...] faço isso também pelo meu pai, que sempre me deu tudo com seu esforço e tem como seu sonho me ver como um jogador profissional de futebol em um clube renomado.*

Jogador 17: *Quero jogar em um time grande, trabalho muito para isso, levo o futebol muito a sério [...] Não pretendo desistir e vou continuar lutando, graças a Deus tenho pessoas boas ao meu lado que me ajudam e me apoiam sempre. Sei que vou conseguir, então faço o que tem que fazer tranquilo.*

Jogador 18: *Até já pensei em parar de jogar, mas minha família acredita em mim.*

Jogador 19: *O meu maior sonho é jogar em um clube grande, fazer história [...] poder um dia vestir a camisa de meu país [...] então é por isso que todo dia eu acordo com um pensamento “serei jogador de futebol”.*

Jogador 23: *Tenho muitos sonhos através do futebol*

Jogador 25: *Nessa vida nada é fácil e nada vem de graça, continuo batalhando em busca dos meus objetivos e sonhos, nunca baixando a cara para as coisas e para alguém.*

Jogador 27: *Fui dispensado aos 11 anos porque perdemos para a final do campeonato paulista, chorei bastante, pois gostava muito de jogar bola [...] meus pais sempre me apoiaram, meu pai converso bastante comigo dizendo que aquilo era apenas o começo da minha carreira [...] Subi para o profissional, emoção imensa ao ver minha mãe na arquibancada chorando. Passou um filme na minha cabeça e comecei a chorar também. Esse foi o momento mais feliz da minha vida.*

Pode-se observar em tais comentários que para muitos, a realidade do Interiorano está longe de ser o que imaginam para si. Ideias como “subir”, “outro nível”, “cada dia uma nova oportunidade”, “voltar ao clube da série A1” passam a mensagem que o clube e a realidade a que estão submetidos ali são apenas momento passageiro (DANA, 2013).

Um jogador inclusive destaca a pretensão de ser convocado para a seleção brasileira, algo praticamente impossível a um clube sem destaque midiático. Muitos nem mesmo consideram que a realidade a que estão postos é a de um jogador de futebol. Destacando que “ainda” estão atrás de seus objetivos, deixam claro que a profissionalização imaginada não é aquela.

Outros destacam que o trabalho que estão realizando no momento, nada mais é do que uma valorização e comprovação de suas habilidades. Ou seja, o que fazem aproxima-se de um estágio, apenas. Alguns, inclusive, vão além, deixando escrito de forma explícita que ainda serão jogadores de futebol (ou seja, não consideram o que fazem como atividade profissional) (SOUZA, 2015).

Emoção por iniciar uma carreira que perseguiu há tanto tempo, jogar por uma família que acredita em seu potencial, considerar estar no caminho certo, pois para se alcançar um objetivo é necessário batalhar. Uma parte dos comentários remete a emoções que os mantém na atividade de maneira otimista. Outra parte que ganha relevância nesta proposta de atividade foram emoções referentes às histórias pessoais de superação em memórias diversas, que entram em campo com os atletas, conforme pontuado:

Emoções pessoais – 17 citações (63%)

Jogador 1: *Às vezes me estresso por bobeira [...] já tive oportunidade em outro clube mais por falta de disciplina e maus colegas fora de campo tive que sair*

Jogador 2: *Fora de campo a perda do meu tio é o que mais afeta meu trabalho, na minha vida tento esquecer, mas pra mim não tem como [...] vou tentar superar.*

Jogador 3: *Em um acidente quase perdi um amigo, e isso ainda me marca [...] acabo brigando muito por causa de estresse*

Jogador 7: *O que me faz superar e esquecer as coisas negativas é o futebol*

Jogador 9: *Fiquei em lugares não muito agradáveis (nos clubes que passou) [...] Tenho um pai que é ex-jogador e ele me ajuda muito por tudo que eu posso [...] talvez eu pudesse estar numa melhor se eu fizesse tudo que meu pai disse pra mim, mas acho que algumas coisas são complicadas de se lidar [...]*

Jogador 10: *Às vezes eu pensava que dessa vida eu não iria conseguir nada*

Jogador 13: *Um momento ruim da minha vida foram as mortes dos meus avós [...] e é por ele também que estou tentando.*

Jogador 14: *Quando não fui ao enterro da minha mãe (por conta de estar jogando) [...] foi difícil perder ela mas ela está em um lugar bom.*

Jogador 15: *Os outros clubes que passei não gosto nem de lembrar, já fui muito humilhado.*

Jogador 19: *[...] um acidente quase me tirou dos gramados [...] se amanhã ou depois isso acabar eu não sei o que fazer.*

Jogador 20: *Minha mãe trabalhava pra sustentar eu e meus dois irmãos [...] mas infelizmente ela faleceu quando eu tinha dez anos [...] ela era apaixonada por futebol, e eu busquei de alguma forma fazer uma homenagem a ela e fazer com que ela sinta orgulho de mim, seja onde estiver.*

Jogador 21: *meu pai e meu tio também faziam a função que eu faço dentro de campo.*

Jogador 22: *Sinto uma grande responsabilidade de conquistar o acesso esse ano, pois sou morador da cidade e tenho uma identificação grande com o clube e sei que muitas pessoas esperam essa conquista.*

Jogador 23: *Vou realizar meus sonhos com a garra que minha mãe teve. Estou aqui por causa dela.*

Jogador 24: *No futebol não é nada fácil, você conhece pessoas que só querem massagear seu ego quando você está bem [...] aos meus 18 anos fiz uma cirurgia no joelho, achei que o futebol tinha acabado pra mim [...] Aos meus 25 anos veio minha grande bênção, o nascimento de minha filha [...] o treinador não me liberou (para acompanhar a mãe e assistir o parto da filha)*

Jogador 25: *Aos 17 anos quando tinha acabado de fazer campeonatos bons na primeira [...] tive que fazer uma cirurgia [...] perdi espaço, desanimei [...]*

Jogador 26: *Cometi erros que hoje me arrependo plenamente [...] e eu mesmo um dia quero poder passar por um psicólogo pra mim poder se abrir e ter um apoio de alguém por estar longe dos meus familiares. Sou uma pessoa com o pavil muito curto e estoro fácil em algumas coisas, temperamento meu tem momentos que extrapola demais e faz com que eu tenha atitudes desreguladas e isso faz eu ser uma pessoa que não seja da minha índole. Com essa sua ajuda (psicológica) tenho certeza que irei mudar muitas coisas em minha vida... Desde já agradeço...*

Jogador 27: *Com 12 anos fui com a minha mãe fazer um teste [...] ela fazia maior sacrifício do mundo, pois trabalhava bastante e chegava a fugir do serviço. Teve um dia que o chefe dela infelizmente pegou ela fugindo e mandou ela embora. Fiquei muito triste e cresci com aquilo na cabeça.*

A memória de histórias de familiares que faleceram, memórias de infância e “obrigação” por ser morador da cidade; um acidente que quase fez perder a vida ou presenciar a perda de um amigo; superação de lesão; esquecer as coisas negativas, essas lembranças, certamente, moldaram esses indivíduos e os fazem refletir diariamente, cada um à sua maneira, pela razão pela qual ainda persistem e lutam em permanecer jogando.

Porém, esta história só é observável através de análise pessoal e, por inúmeras vezes passa sem a devida atenção por quem os tem apenas como produtos, como reprodutores da função de jogar futebol. Muitos relatam também as dificuldades que enfrentaram por conta do tratamento apenas como jogador, para além da pessoa e de suas condições emocionais (HORKHEIMER E ADORNO, 1985).

A situação da matriarca que perde o emprego, com o qual sustentava a casa, por levar o filho na seletiva de juniores, e isso sobrecarrega sua carreira; a necessidade de treinar e concentrar, não permitiu acompanhar a esposa no nascimento da filha; não se pode ir tão pouco fazer a devida despedida no velório da mãe; há ocasiões que é melhor nem lembrar as humilhações, que foram obrigados a passar. Tudo isso encerra uma série de fatores que incluem não só a invisibilidade do ponto de vista midiático, mas também uma invisibilidade por conta dos próprios profissionais com os quais se trabalha.

Dentro deste contexto que estão inseridos, ficam compreensíveis os relatos de “pavio curto” e estresse. Muitos, contudo, tendem a se culpabilizar de alguma maneira, dizendo que o estresse é por bobeira, que perdeu oportunidades em outros clubes, por não conseguir manejar as emoções, ou que está nesta situação por conta de não ouvir os pais. Ainda, há relato de necessidade de apoio psicológico para superar ausência familiar e todas as circunstâncias negativas relacionadas à falta de apoio emocional, algo que possivelmente lhe foi privado desde a infância e durante toda a carreira (GREGÓRIO E SILVA, 2014).

Visto a situação a que estão sujeitados e a falta de apoio emocional por parte dos profissionais que estão ao seu redor, suas técnicas de enfrentamento, por vezes, transpassa a base material e recorrem ao sobrenatural, a partir de sua espiritualidade e fé. Assim, encontram nesta base a esperança e o conforto que lhes ausenta. Os relatos neste sentido são de otimismo e pertencimento a um grupo, conforme observado nas descrições:

Religiosidade - 9 citações (33%)

Jogador 3: *Tem que ter fé e acreditar em Deus*

Jogador 4: *Hoje só tenho a agradecer a Deus por tudo que ele me proporciona. Sou um cara muito feliz com o que eu tenho, pois sei que é mais do que eu mereço!!! Hoje vivo muito feliz pois a vida é curta demais para vivermos reclamando e correndo atrás de bens materiais.*

Jogador 6: *Com fé em Deus tudo vai dar certo.*

Jogador 10: *Hoje graças a Deus estou firme na igreja, antigamente eu gostava de sair pra balada só que não me sentia bem dentro dela [...] depois que eu peguei firme com Deus muita coisa boa aconteceu na minha vida, pra mim isso se chamava impossível, mas o Deus que eu sirvo são maior que todas as coisas*

Jogador 13: *Sou cristão, tenho muita fé em Deus e na vida, creio que se alguém se esforça e dá o seu melhor as coisas dão certo [...] quero honrar a Deus através do que eu faço, que as pessoas possam conhecer a Jesus através de mim e de minhas atitudes.*

Jogador 15: *Em nome de Jesus vou conseguir alcançar as metas esse ano*

Jogador 17: *Sou um cara bastante religioso, gosto de orar e estar em paz.*

Jogador 22: *Minha consideração final é em agradecimento à Deus por ter me sustentado até esse momento como uma pessoa vitoriosa e que apesar de passar dificuldades está sempre fortalecido em busca de seus objetivos.*

Jogador 23: *Nós somos evangélicos.*

Consideração final em agradecimento; creditar dias melhores a manutenção da fé, oração a estar em paz; alcançar as metas através do filho de Deus, que é maior que todas as coisas e não conhece o impossível; fazer os outros atletas conhecerem Seu nome através de atitudes tomadas pelo jogador. A ideia de ter mais do que merece também está presente, pois afinal, “a vida é curta demais para correr atrás de bens materiais”.

Com foco direcionado para além da situação apresentada, os atletas que utilizam de enfrentamento religioso relatam certa amenização das condições materiais através de uma base espiritual (PAES, 2013). Todavia, o enfrentamento religioso, conforme já discutido, por vezes não vai para além de rituais que não estão diretamente ligados a resultados positivos no combate a agentes estressores.

Com estes personagens e histórias envolvidas, de alguma maneira, ligadas por aquela circunstância, o Interiorano segue a rotina de treinamento conforme o planejado. Assisto dois dias de treino e aos poucos vou reconhecendo os demais envolvidos na rotina do clube, tais como fisioterapeutas, porteiros, roupeiro e ajudante geral. Cumpridas as atividades, atletas e comissão técnica viajam um dia antes para o jogo fora de casa.

7.4 Intervalo e alterações: “Assinaram nossa permanência na bezinha [...] Nessas horas você vê que não é ninguém [...]”

O segundo jogo do campeonato começou difícil para o Interiorano. Longe de casa, retorna de um primeiro tempo de jogo com revés de 2x1. José mantinha sua serenidade característica e apoiava o time à sua maneira. O presidente do clube (Emerson), claramente irritado, entra no vestiário em que o time recebia as instruções do comandante e inicia uma discussão com o treinador.

Técnico e diretoria não tinham uma boa relação há tempos. O dia de viagem, concentração, escalação e preparação sempre foi pauta de discussão entre ambos. Para

este jogo especificamente, o presidente diz o time está “morto” em campo por apatia do treinador. Não concorda com o modo com o qual o técnico procede com seus atletas e exige que o técnico seja mais enérgico. Alega que os salários estão em dia e que não tem por que daquele “corpo mole” de todos, liderados por ele.

José sente-se na obrigação de responder. Diz que o jogo é fora de casa, está difícil e só quem está lá dentro sabe. Complementa dizendo que presidente não tem o direito de invadir aquele espaço que é dele e dos jogadores, que cada um deveria atuar conforme a sua posição no clube. Foi o suficiente para o presidente anunciar a demissão do treinador, dizendo que “sua posição”, conforme citado pelo treinador, era cobrar o time e buscar alguém que também o fizesse. O técnico volta a campo para comandar sua última etapa, e o time consegue voltar para casa com um empate.

Visto que treinador e auxiliar eram emprestados, a solução encontrada pelo presidente para cobrir o cargo foi, mais uma vez, talvez não a ideal, mas a possível na realidade do clube: decidiu promover Maicon, jogador mais experiente do grupo e que se encontrava lesionado, a técnico interino. Mais tarde, selou o acordo com o atleta e confirmou sua presença como treinador até o fim daquele campeonato.

Os grupos de encontro da semana ocorreram normalmente, com destaque a presença de algumas mídias televisivas. Duas emissoras visitaram o clube no dia que conversei com os jogadores, fato que os atletas relataram nunca ter ocorrido. A presença dos jornalistas foi comentada. Muitos disseram achar engraçado, a mídia aparecer somente na segunda fase. “Agora que a gente tá jogando mal eles querem mostrar?”, brinca um dos atletas. Outro elogia a produção da repórter e também brinca: “Só desse jeito pra entrar mulher bonita aqui... Mas é pra falar mal da gente! (risos)”.

A maior presença das equipes televisivas, conforme confirmei após a reunião, se deu devido à comemoração de aniversário da equipe, que já passa do centenário. As comemorações, porém, foram tímidas, e nada direcionadas aos atletas. A situação financeira e resultados recentes do clube não permitiam falar em comemoração. Inclusive, um show sertanejo realizado com o nome do clube por um empresário da cidade teve a renda destinada ao clube penhorada por conta de dívidas trabalhistas do time.

Em nosso segundo grupo de discussão, a mudança de treinador iniciou os diálogos. Em um grupo dos três subgrupos, nenhum jogador com contrato direto pelo

Interiorano estava presente, e notei que o diálogo aparece de maneira franca. Os jogadores disseram achar estranha a postura da diretoria, pois o treinador vinha de bons resultados no primeiro turno. Não entendem o motivo de um jogador do elenco tornar-se técnico “da noite para o dia”, e classificam como “bizarra” a situação. Entretanto, disseram que iriam apoiar o novo comandante e que isso pode servir de alguma maneira para unir o grupo.

Já em um grupo com grande parte de jogadores com contrato vigente com o clube, a situação foi tratada com maior naturalidade. Um atleta, inclusive, comentou: “aqui não me surpreendo com mais nada”. A falta de rotina e planejamento em todos os setores do clube não traz surpresa a quem está lá há mais tempo, ao contrário dos atletas emprestados. Alguns comentam sobre outras situações embaraçosas que passaram com o clube, como em relações contratuais, hospedagem em hotéis e horário de ônibus.

Após esta introdução, a proposta de autoconhecimento é retomada a partir de dinâmica composta por afirmações previamente selecionadas, feitas oralmente de maneira direta e aberta (BOCK, 2006). Os atletas deveriam posicionar-se concordando ou discordando da afirmação, os que sinalizassem positivo para a frase dita, deveriam posicionar-se ao meu lado esquerdo, e os que discordassem ficariam ao meu lado direito. Tomada a posição, discutiríamos de maneira aberta o que levou uns atletas a concordarem com a frase e outros não.

Como destaque na temática, importa ressaltar alguns momentos. Um primeiro diante da pergunta: “Acredito que meu reconhecimento enquanto atleta depende apenas de mim”. A tendência do grupo foi em concordar com a frase. Dos 26 atletas que participaram da atividade (o jogador-técnico pediu para não participar, por estar em processo de transição), 21 (81%) disseram acreditar que sim. Apenas 5 (19%) discordaram desta frase.

Dentre o grupo que concordou, destacam-se algumas falas:

“Claro que depende só de mim. O corpo é meu, a perna é minha, não tem quem jogue por mim. Eu jogando bem, vai ter sucesso. Não jogando bem não tem jeito.”

“Depende sim, porque mesmo que o time seja ruim, você pode fazer a partida boa. Quem olha futebol entende quem joga e quem não joga (bem). Aí independente do time ou do empresário você vai pra um time bom, porque tá fazendo o seu (trabalho) certinho.”

“Quase todo jogador de sucesso vem de família pobre. Pode ver aí, todo mundo vem de favela e periferia, começa jogando com o pé descalço. Vê se Neymar tinha condição, Ronaldinho... O negócio é não desistir. Depende de acreditar sim. E ninguém pode acreditar por você, é você com você mesmo.”

No discurso de grande parte dos atletas, ainda existe a crença de que um bom trabalho resultará automaticamente em reconhecimento e conseqüentemente ascensão social, apesar da realidade pessoal de cada um estar mostrando o contrário. Destacam e espelham-se nos ídolos, incansavelmente expostos por grandes marcas e mídias. O sonho coloca-se acima da realidade posta e aumenta a cobrança interna (DOS ANJOS, SANETO e OLIVEIRA, 2012).

Com isso, surge como conseqüência a angústia e sentimento de que o não reconhecimento na profissão é questão individual, não sociológica, conforme demonstrado na segunda afirmação. Julga que se o corpo é apenas dele, cabe apenas a ele o sucesso. Não interpreta o sucesso como uma imagem construída em detrimento de toda uma base a que precisa estar apoiada.

Dos que discordaram da frase, destacam-se:

“Não depende não. Depende de apoio de empresário, de mídia, de tudo. Quanto jogador ruim não tem na televisão que é só mídia? Ou que é só empresário com contato bom? É o que mais tem... Jogar todo mundo joga... Amigo nem todo mundo tem...”

“Não acho que depende. Tem que ter sorte, momento certo e hora certa, jogada certa. Tem cara que vive de um lance só a vida toda que ficam reprisando. Vai falar que dependeu só dele? E todo mundo que fala que compra aquela ideia e tudo mais?”

A atuação da mídia, nestas falas, é destacada como fator diferencial na análise de qualidade ou não de determinado jogador. Empresários ligados a grandes clubes e o fator “sorte” também aparecem. Ao dizer que “jogar todo mundo joga”, o atleta deixa claro que credita o sucesso para além da força de suas pernas.

Contudo, nenhum deles analisou a questão de que são muitos os atletas invisíveis para poucos que são visíveis. A questão de vulnerabilidade social e excesso de

contingente para atingir tal sonho não foram sequer citados em devaneio pelos jogadores presentes na atividade (TOLFO e PICCININI, 2007).

Outra questão de destaque refere-se à afirmação “Estou em uma boa fase da minha carreira”. 20 (77%) atletas responderam não concordaram com a afirmação, contra apenas seis (23%) que consideraram o seu momento como positivo. Ainda, dos que acreditam que o reconhecimento dependa só de si, apenas um disse estar em uma boa fase.

Dos que disseram não estar em uma fase boa, destacaram-se algumas falas:

Boa fase que jeito professor? Pra quem jogou brasileiro na elite ano passado e não conseguir manter, depois vir aqui no Interiorano não tem nada de bom...

A maioria responde que tá ruim porque é isso que você tá vendo. O momento é de parar pra ver o que a gente tá fazendo de errado...

Eu sei do potencial que eu tenho, de onde poderia estar jogando. Me envolvi com coisa errada e agradeço o clube pela segunda chance, mas não tô na melhor fase não...

Não tem como a gente começar em uma fase boa... Tem que insistir... Você já viu quem começa direto no Barcelona, Real Madrid, essas coisas? Não tem como... Eles olham quem tá jogando bem e chamam pra lá... Vê o Messi mesmo... Viram ele lá num clube mais ou menos da Argentina e levaram... Você acha que ele não passou dificuldade, não passou fome também? Não ficou longe da família... Mas tem gente que não aguenta isso... Desiste...Aí nunca vai ser nada na vida mesmo... Não pode desistir, senão a fase boa não vem...

Os atletas que jogaram anteriormente em divisões superiores creditaram o momento ruim por estarem agora disputando um campeonato de menor expressão. Na fala, parecem se culpabilizar, bem como o atleta que disse ter se envolvido com “coisas erradas”. Como se dado momento fosse castigo por situações que fizeram em suas carreiras ou algo que estão fazendo de errado.

O pensamento vigente, mais uma vez, é uma culpabilização individual, que gera grande mal-estar também por diferir-se dos reais motivos de não ter o sucesso idealizado a princípio. A crença equivocada, de que a vítima é culpada por sua invisibilidade é, neste discurso, novamente destacada pelos jogadores. Afinal, se o caso da televisão deu certo e foi de alguma maneira vista, pode acontecer o mesmo com eles.

A última citação vai ainda além das demais: o atleta credita a má fase às condições em que está inserido. Entretanto, afirma que passar fome e ser privado das necessidades básicas é parte do processo. Para sair desta precariedade, dá a entender que apenas “aguentar” e “não desistir” será o suficiente, inclusive criticando os atletas que “não aguentam” (BARROS e AFIUNE ,2013).

O pensamento expõe mais uma vez que a pequena ponta da pirâmide torna todos da base invisíveis, e aparenta ser consequência linear da carreira dos esforçados, pois se um atleta do país vizinho conseguiu tornar-se ídolo mundial, parece coerente que ele também conseguirá se estiver disposto a tudo por isso. Inclusive, talvez, disposto a passar a vida toda tentando, como a imensa maioria.

Dos atletas que disseram estar em boa fase, destacam-se as respostas:

Minha fase tá boa sim... Os gols tão saindo graças a Deus... Tô com saúde... Só tenho a agradecer a Deus...

Pra quem veio de lesão ano passado, que pensou que ia parar, chegou a quase passar fome sem contrato nem nada... Esse ano tô bem sim...

Graças a Deus tô podendo jogar no profissional esse ano. Antes era só junior e olha lá. Tenho só que aproveitar a oportunidade, ter a cabeça no lugar.

A boa fase referida pelos atletas tem a ver com o estar em atividade e manter sua subsistência. Agradecem ao divino pela oportunidade, um inclusive relatando que a não muito tempo atrás chegou a quase ser privado dos suprimentos básicos. Destacou, inclusive, uma realidade de atletas destas divisões: muitos que se machucam não têm seus contratos renovados e são obrigados a buscar tratamento por conta própria, caso queiram retornar aos gramados na próxima temporada.

Ao dizer que precisa ter a cabeça no lugar, outro atleta segue a mesma linha dos que dizem estar em má fase por conta de decisões erradas: a lógica de que uma ascensão constante é consequência do trabalho vigora, principalmente entre os juniores. Todavia, a realidade do clube prova que muitos se manterão fora da elite talvez por toda a carreira. Provavelmente, passados alguns anos, atletas com este pensamento terão a opinião do grupo que diz não estar em boa fase (DOS ANJOS, SANETO E OLIVEIRA, 2012).

Os treinos durante a semana ocorreram normalmente com o novo comandante. O grupo mostrou estar à vontade e compreender o estilo do treinador, pautado no diálogo. Em campo, contudo, o resultado mais uma vez foi negativo: fora de casa em jogo polêmico, o time volta derrotado por um gol de diferença. O suficiente para que rumores de que um treinador estava a caminho do clube, inclusive já negociando com a diretoria do clube, rondasse os noticiários regionais e corredores do time.

Na semana seguinte, enquanto adequava o local para a reunião, o técnico interino veio ao meu encontro e propôs que a atividade dirigida por mim fosse feita com o grupo completo, pela primeira vez. Disse que achava interessante para este momento, em que o grupo se mostrava unido, porém provavelmente passaria por mais uma mudança. Pediu para não participar desse encontro por conta desse novo momento de transição e porque precisaria conversar com Marcos. Aceitei a proposta e me coloquei a sua disposição para conversar individualmente após a reunião.

O jogador-técnico parecia abatido. Não podia ajudar em campo por conta da lesão, e agora não podia atuar como técnico também. Em conversa durante a semana como treinador, havia me dito que alterou toda a sua rotina de treinamento especial e já estava negociando revezar o carro com a esposa para adequar os novos horários, pois não teria condição de fazê-los de ônibus, como costumava. Caso a mudança fosse confirmada, toda sua rotina deveria ser novamente repensada.

Corria um burburinho pelo clube que o novo técnico seria apresentado após o grupo de discussão com os atletas. Fui ao encontro de Marcos para confirmar a informação, e ele disse que a reunião seria apenas interna, e que provavelmente ocorreria apenas no dia seguinte. Que eu deveria dirigir o grupo sem nenhuma preocupação, e evitar qualquer comentário com os atletas sobre essa nova mudança.

“A gente não sabe como vai ficar, então é melhor nem comentar pra não dar aquela impressão, sabe?”. Com quase um mês de clube, já havia visto muita coisa e comecei a não ter mais “aquela impressão”, mas talvez, parafraseando o gestor, “aquela certeza”, como os atletas que ali estavam. Concordei com o administrador, e aos poucos fui convocando os atletas que topava pelos corredores. O encontro seria realizado no vestiário da equipe visitante, por conta de ter maior espaço que a sala de imprensa e ser mais adequado para a exigência da reunião que o vestiário do time da casa.

Reunido o grupo, os comentários sobre as mudanças eram iminentes e não poderiam ser deixados em segundo plano. Antes de iniciar a dinâmica, começamos uma conversa sobre a atual situação que os atletas estavam passando, o que estavam pensando sobre o assunto e em que aquilo influenciaria ou não na disposição quanto aos resultados e vontade. Yago inicia a fala, comentando que ficou chateado em saber da nova troca de técnico, pois o grupo estava fechado com Maicon e apesar de o resultado não ter vindo, tinha certeza que fluiria caso a oportunidade fosse mantida.

Outros dois atletas comentaram, no mesmo sentido que, achavam estranho mais uma troca àquela altura, pois o novo comandante chegaria sem conhecer o grupo, e enfrentaria dificuldades que o atual interino não teria. Pedrinho, um dos atletas que tem contrato direto com o clube, em tom menos amistoso que os anteriores iniciou uma fala que conta um pouco de sua história no clube e o que pensa sobre o futuro do time:

“Sabe o que eu acho de verdade professor? É que aqui ninguém respeita ninguém. O atleta é só mais um, o técnico é só mais um... Cada um quer só tirar o seu do clube, e não é só quem tá lá em cima não... Você acha que a gente tá feliz aqui? Que tem alguém que quer ficar a vida inteira jogado aqui, nessa bagunça? Quem já jogou série A sabe como é... Eles tem as bagunças deles, mas na hora de jogar é jogo, o pessoal tem direção, sabe a hora de tirar e colocar alguém... Aqui é tudo empresário querendo ganhar alguma coisa em cima... Você viu porque tiraram o Maicon? Semana passada disseram que ele terminaria o campeonato, nessa já colocaram outro. Que credibilidade tem um time desses? Eles fizeram isso sabe porquê? Não sei se você tá sabendo, mas vai entrar uma nova patrocinadora aqui... Aí o técnico foi exigência pra eles apoiarem... E é claro que o presidente aceitou, tá precisando dessa grana... Mas foi melhor pra gente? Não foi... Tem o que fazer? Não tem [...] Com isso eles assinaram nossa permanência na bezinha [...] Mostraram que não se importam nem um pouquinho com o clube nem com nada... Nessas horas você vê que não é ninguém... Que a sua opinião e o que é melhor não vale nada [...]”.

O discurso do atleta, em tom de desabafo, mostra uma realidade que apesar de imposta diariamente aos atletas, passa por invisível a qualquer um que apenas visita o clube, acompanha as poucas notícias que a mídia transmite ou assiste os jogos por lazer. Dentro do clube, são meros reprodutores de função (COSTA, 2004). São os que fazem o

jogo acontecer, porém seu protagonismo limita-se às quatro linhas. Sua visibilidade resume-se em noventa minutos de jogo, não aos demais dias da semana.

Pedrinho ainda falava, quando a porta do vestiário em que fazíamos nossa reunião é aberta, sem nenhum aviso prévio. A pertinência da fala somada a ação inusitada torna o momento cinematográfico. Pela porta, conduzidos pelo presidente Emerson, entra toda a comissão técnica; jornalistas e algumas pessoas que não reconheci. Mais tarde fiquei sabendo que dois deles eram o novo técnico, Luiz Augusto (Luizão), e seu auxiliar. Fico surpreso, assim como os atletas que pude notar na feição, com a presença de todos e o modo como entraram em nosso encontro.

Com naturalidade, Emerson toma a frente do grupo, como se todos estivessem reunidos à espera de uma reunião convocada por ele. Vendo a situação em que fui submetido, Nilson, um dos jogadores, generosamente abre um espaço onde estava sentado e me convida a sentar ao seu lado. “Você não sabia dessa né professor? Mas aqui não é faculdade não... É cada dia uma surpresa mesmo... (risos)”, sussurra próximo ao meu ouvido. Respondo que realmente não sabia, pois se soubesse os avisaria.

O mandatário inicia a fala dizendo que acabou de firmar uma nova parceria de patrocínio, e que esta custearia o novo técnico do clube, que ali estava sendo apresentado à imprensa e aos jogadores. Toda fala foi gravada e fotografada por duas equipes diferentes.

Maicon gentilmente pede a palavra para se despedir do cargo de técnico, e é prontamente ouvido pelo presidente. Em seu último discurso, com um ar de ressentimento (e ousadia), agradece ao grupo pelo tempo como técnico, diz que também foi pego de surpresa, pois gostaria de continuar como técnico, mas pede para manterem a postura que tiveram com ele como comandante.

Após a fala, o presidente agradece o atleta e diz que conta muito com ele, agora apenas como atleta, para conseguirem o objetivo final, que é o acesso. Mais uma vez exalta a nova patrocinadora, que como forma de apoio também realizou a compra de mil ingressos para o próximo jogo. Feito mais essa fala, apresenta oficialmente a nova comissão técnica. O novo “professor”, Luizão, agradece ao presidente pelas palavras de apoio e toma a frente do grupo.

Em seu discurso, o novo técnico afirma que o clube tem totais condições de conseguir o objetivo do acesso, e que por isso aceitou o desafio. Cumprimenta cada jogador individualmente com um aperto de mão e perguntando o nome, reconhecendo alguns com quem trabalhou anteriormente. Seu discurso é voltado para motivação. A seguir seleciono alguns trechos que resumem a fala do novo comandante.

“[...] eu tenho uma história aqui nesse clube. Já joguei aqui, já treinei aqui. Tive o azar ano passado (quando foi rebaixado com a mesma equipe), saí de cabeça baixa. Mas agora é agora, é hora de entrar no campo e mostrar que é guerra! [...] se tiver que sair de lá morto, a gente vai sair, mas vamos conseguir esse acesso! [...] pra sair dessa a gente não precisa de muita coisa. Só ganhar os jogos em casa, pode até empatar com o primeiro (colocado da chave) lá na casa deles, chutar cachorro morto na penúltima rodada e comemorar o acesso aqui! [...] a gente tem qualidade! Nosso time não é maravilhoso, mas é melhor que todos esses outros aí! Só falta vocês acreditarem [...]”.

Ao remeter a sua história no clube, o técnico busca aproximar-se da realidade dos atletas. Reconhece as limitações do time, que segundo suas palavras “não é maravilhoso”. Apesar do fracasso pessoal recente com o mesmo clube, afirma que acredita não estar perdido, e pede que os atletas também acreditem. Materializa o que espera do time e em sua fala faz parecer simples vencer quase todos os jogos, se em clima de guerra.

Ao terminar seu discurso, o técnico pergunta se algum jogador quer comentar alguma coisa. Sem nenhuma resposta, dirige-se a alguns que sabe o nome, entre eles Pedrinho. Todos reafirmam que não tem nada a dizer. Em seguida dirige-se a Maicon, e em um discurso um tanto quanto confuso, diz que ainda não chegou a hora dele tornar-se técnico, mas que um dia ele o seria e teria sucesso na carreira, inclusive treinando o Interiorano novamente. Disse que agora queria ele em campo, e que é para aquilo que ele foi contratado.

O novo treinador questiona sobre o horário combinado para o treino do dia seguinte.

-Amanhã a gente começa a nossa reação! Que horas que tá marcado mesmo Maicon? Às nove, não é?

-Pra amanhã eu tinha dispensado o grupo de manhã. Estão todos cansados e...

-Então ficamos para as nove! Todos em campo e com os uniformes!

Sem maiores explicações, o técnico passa a palavra para o dirigente, que encerra a reunião assim como se iniciou: todos se retiram da sala com a mesma pressa que entraram. Os jogadores, no entanto, se mantêm sentados. Sinto que apesar do horário combinado já avançado, estavam esperando alguma palavra. Nilson encosta no meu ombro amigavelmente e diz “Vai lá... Agora é com você professor...”.

Levanto-me e peço desculpas aos jogadores, dizendo que a informação passada a mim foi que a apresentação não ocorreria nem naquele dia. Explico mais uma vez que o grupo foi reunido em sua totalidade a pedido do técnico (Maicon, até minutos atrás), com quem a relação era boa. Digo que não acho pertinente realizar a atividade que havia programado para aquele dia, pois o horário de expediente do clube já havia encerrado. Pedrinho volta a falar:

“A gente sabe disso professor, não precisa ficar preocupado. Você tinha que ver sua cara quando o presidente entrou aqui! (risos). Mas vai se acostumando... Essa falta de respeito que tiveram aqui com você hoje, eles tem com a gente todo dia. [...] *(um atleta pede que ele fale mais baixo)* não precisa falar baixo não! Quem quiser ouvir lá de fora que ouça. Não tô falando nenhuma mentira... E eles sabem de tudo isso e não querem ouvir mesmo, nunca quiseram e não vai ser agora [...] a verdade é essa professor, eles te fizeram de ninguém aí na frente hoje também, não fosse o Nilson você ia ficar parado aí de enfeite nas fotos (risos)[...] Se for ver, não foi com você a falta de respeito, foi com todo mundo mesmo. Aqui a gente não tem espaço, não tem privacidade. Todo mundo que tá aqui tá de teimoso mesmo. Você viu que o que eu tava falando antes dessa invasão aí tem tudo a ver né? A falta de respeito com o Maicon também foi demais. Amanhã nove horas? Eu já tinha até colocado o despertador pra acordar só na hora do almoço (risos).”

Embora classificando a situação como cotidiana e natural a realidade inserida, o atleta considera a situação que acabou de ocorrer como “invasão”. Ainda diz que a falta de respeito foi com todos que estavam presentes. A atitude perante o colega que pediu para que ele falasse baixo também merece destaque. O jogador recusou-se a abaixar a

tonalidade exaltada e deixou clara a triste realidade que passa: “nunca o ouviram, e não será agora que o irão ouvir”.

A fala seguinte, dizendo que estão ali de “teimosos”, pode levar a pensar que a motivação da atividade é a esperança de um dia estarem em melhores condições. Esta motivação os leva a suportar o meio e o modo em que ela ocorre na realidade imposta. Hoje não é visto, não é ouvido, mas acredita que, como citou na fala anterior, uma vez indo jogar em um clube visível, terão um ambiente melhor organizado.

Aproveito a deixa de Pedrinho e digo que se me trataram como “ninguém”, ou como a temática da pesquisa discute como “invisível”, é sinal que estou próximo e compreendendo, ao menos para aquele momento, a realidade pertencente aos jogadores (COSTA, 2004). Logo, meu desejo seria de continuar e ser também mais um “teimoso”. Remeto a fala do novo treinador, e digo que temos que pensar no que fazer a partir de agora e da realidade que nos foi posta, tanto em campo quanto fora dele.

Encerro a reunião reiterando que pretendo continuar, mas que dependo do aval da nova comissão técnica e diretoria. Ainda antes de o grupo sair Alberto se levanta e vem em minha direção me dar um abraço. “Se você não vier mais professor, eu queria só te agradecer pela atenção que você deu pra gente, mesmo nesse pouco tempo...” O grupo bate palma e vai aos poucos saindo, muitos se despedindo formalmente de mim. O clima parece de despedida, e mais tarde confirmo que é algo a que os atletas estão acostumados. Trabalhos começam e terminam sem a devida conclusão.

Enquanto arrumo o material para deixar o vestiário, cinco jogadores se mantêm na sala e iniciam um diálogo comigo. A conversa vai desde curiosidades, como onde fiz a graduação, o laboratório que participo e planos para o futuro, até as situações cotidianas do clube. Sinto a empatia daquele pequeno grupo, como se quisessem mostrar a um novato que ali também havia pessoas e situações de acolhimento.

Considero a troca de informações como mostra de que o processo de inserção ecológica na realidade e vida dos atletas estava ocorrendo de maneira natural (BRONFENBRENNER, 2005), inclusive quando me convidam para jantar com eles. Nesta conversa, os atletas comentam muito sobre as situações estressoras que geram ansiedade, e pedem para que trabalhemos isso nos grupos, caso o trabalho continue.

Após a conversa com os jogadores, não encontro o novo técnico ou o presidente. Vejo Diego na saída e me aproximo dele. Ele diz que não sabe como irá continuar o trabalho, e teme até mesmo pelo seu emprego, pois não sabe como ficará a questão física com o Luizão e como será a exigência da nova patrocinadora. Sugere que eu me reapresente com o restante do grupo “Amanhã às 9 horas, você ouviu bem né? (risos)”.

Conforme estipulado pelo novo treinador, compareço ao clube pouco antes do horário combinado. Converso com Marcos, e ele me instrui a conversar diretamente com Luizão sobre a continuidade do trabalho. Dirijo-me até o campo, aonde aos poucos os atletas vão se concentrando. Após breve discurso do novo treinador, os jogadores entram em aquecimento.

Aproximo-me do novo comandante para apresentar-me oficialmente e comentar sobre o trabalho que fiz e o que faríamos de agora em diante, se ele concorda com minha presença ali ou não. O comandante, sem dar muita atenção ao que digo, posiciona-se:

Você tá trabalhando com o pessoal já faz tempo? Eu não vim aqui pra interferir no trabalho de ninguém. Você pode continuar a fazer o que você quiser! Essa semana a gente vai focar no técnico e tático, pra eu ir conhecendo melhor o grupo... Mas semana que vem a gente já combina um dia pra você vir aqui conversar com os meninos... cada um na sua parte!

Na fala, Luiz Augusto pareceu-me simpático (a sua maneira), porém apenas em “continuar o trabalho”. Não mostrou interesse nem objetivou uma data ou se propôs a conversar mais do que aquele minuto enquanto preparava os materiais para o treino. Ao dizer que o trabalho da semana deveria ser focado em técnico e tático naquela semana conturbada, também deu mostra de sua prioridade para a equipe: obediência tática e inteligência técnica tem maior valor do que o que sentiam e o que pensavam a respeito da situação estressora.

Acompanhei o clube em mais um dia daquela semana, onde ao fim do treino combinei com Luizão o próximo encontro com a equipe. No entanto, quando fui confirmar o horário com Diego, ele disse-me que aquele dia e horário seria impossível. “Não é nem meu dia, é dia do outro preparador esse aí. O que trouxeram agora. Tá uma confusão, ele (Luizão) quer falar de tudo, mas não combina nada com ninguém... Mas

vem de manhã que é melhor!”. A comunicação interna parecia também não ser prioridade deste novo comandante para aquela semana.

7.5 Segundo tempo: “Antes a gente não passava nem no rádio... Hoje a gente já é notícia da Globo!”

A semana inicia-se com vitória do clube na estreia do novo comandante. Os jogadores já aguardavam pelo encontro no horário que Diego havia combinado (e não no horário que Luizão havia dito). Com o grupo dividido em três novamente, as discussões e dinâmicas pautam-se no que os atletas estavam sentindo com aquelas mudanças. Iniciamos um processo de análise de eventos estressores individuais e do grupo (GOMES, 2010).

Acompanho o time por mais dois dias, e é notável que o pouco de alegria que se percebe é por conta da vitória. O comando de Luizão ainda não foi adaptado pelo grupo e demais membros da comissão, por sua postura ser diferente de José e Maicon. O novo comandante tinha por base o autoritarismo e disciplina rígida, enquanto José era “paizão” e Maicon diplomata. Quatro rodadas haviam passado sob o comando de três técnicos diferentes.

Jogando fora de casa nesta semana, o time volta com mais um revés. O acesso parecia cada vez mais distante, exigindo agora uma sequência praticamente impecável do time. O clima interno também não estava dos melhores. Via *Whatsapp*®, Diego informa-me que Luizão alterou os horários dos treinos físicos, e conseqüentemente do trabalho psicológico, para o segundo dia da semana no último período, e não mais no primeiro.

O treinador gostaria de fazer um trabalho a sós com os jogadores no primeiro período da reapresentação. Portanto, eu não deveria comparecer, assim como o preparador físico também não. Reapresento-me no segundo dia, final do segundo horário, conforme combinado. Ao chegar ao clube, deparo-me com todos os diretores e comissão técnica, reunidos próximos a sala de imprensa da equipe, onde costumava acontecer os encontros.

O ambiente não me parece acolhedor, porém cumprimento um por um, e questiono Marcos se o encontro estava confirmado. “Pra agora? Mas seu horário não era

ontem? Pra agora a coisa tá feia aqui... A gente tem coisa pra discutir ainda, tomar algumas medidas...”. Digo que estou ali porque o horário foi alterado a pedido do técnico, que ao lado de Marcos confirma a informação. No entanto, o treinador questiona-me: “Mas falaram pra você vir agora? Agora a gente vai fazer uma reunião de disciplina... Não sei se te interessa...”.

Sem entender o que seria “reunião de disciplina”, questiono se poderei participar e se o encontro poderá ocorrer ainda naquela semana. Luizão diz que “Se você quiser, pode ir lá sim filho, pra não perder a viagem... Você que sabe... Sua conversa a gente combina, pode ser amanhã se você quiser... Hoje não tem como...”. Concordo e percebo que o grupo estava esperando que eu me retirasse para continuar a conversa. Deixo o grupo de dirigentes e vou ao encontro de alguns atletas, dizendo que nosso trabalho ficará para o outro dia.

O comentário de “não perder a viagem” e “sua conversa (com os atletas)” deixa claro o que o treinador pensa sobre a presença da psicologia no clube: uma atividade extra, talvez distração e passa tempo para os jogadores e para um estudante (MININNI, 2008). Talvez tal qual um aluno que vai a excursão visitar o clube para conhecer os jogadores. Ao me chamar de “filho”, também expõe certa relação hierárquica existente entre os trabalhos realizados por nós.

Ao sair do grupo, vou questionando os atletas que encontro se eles sabem sobre o que se trataria a reunião a seguir. Todos respondem que não. Alguns com o bom humor característico: “Aqui é tudo no improviso doutor... A novela acontece ao vivo, não tem ensaio não!”. Passados cerca de dez minutos, Luizão convoca os atletas ao centro do campo. Aos poucos, o grupo todo se reúne para ouvir a conversa do comandante, que vai seguido por toda a comissão e dirigentes.

Apenas o técnico dirige a palavra aos jogadores, apesar da presença de todo o grupo administrativo. Os jogadores sentam-se no gramado e os dirigentes ficam em pé. O discurso corre de maneira coercitiva, cobrando empenho dos atletas. “O salário não está em dia? Então o que tá acontecendo?” foi dito três vezes pelo comandante. Em dado momento, o técnico dirige-se a um atacante titular do grupo, e inicia uma discussão particular.

- Você não veio no treino ontem também né? Eu queria saber porque... Quantos gols você fez nessa segunda fase mesmo?

-Você sabe quantos gols eu fiz, isso todo mundo sabe ... Você tá perguntando agora por quê? Tá interessado na minha vida desde quando? Você nunca quis saber de ninguém, dos problemas que passa. Nunca quis saber de nada, e agora vem cobrar na frente de todo mundo?

-“Tô perguntando por que fiquei curioso ué, quero saber porque você não veio no treino ontem. É porque você acha que seu desempenho tá bom e tá podendo dispensar?

-Minha filha teve problema, mas isso não é da sua conta. Não sei por que você tá perguntando isso na frente de todo mundo. Nunca conversou e nem quis saber de nada de ninguém aqui. E eu também pergunto se você acha que seu desempenho tá bom. Tá todo mundo na mesma merda!

-E você acha que só você tem problema pessoal daqui? Todo mundo aqui tem problema, mas tem compromisso e vergonha na cara. Agora não é hora de ficar faltando em treino, é hora da gente se empenhar pra sair dessa merda aí que você mesmo falou!

O atacante ainda não havia marcado gol naquela segunda fase. Ausentou-se do treino porque sua filha pequena ficou doente, tendo inclusive justificado a ausência com atestado perante a diretoria. A agressividade do diálogo se deu por conta desta desinformação, que serviu de catalizador para outro assunto que estava incomodando o atleta e todos os demais membros da comissão: a vulnerabilidade em que se encontravam, muito por falta de diálogo (BERESFORD, 1994).

O treinador, diferente dos anteriores daquela temporada, tinha uma postura mais rígida em função da equipe, e não priorizou uma aproximação emocional com os atletas, extinguindo, portanto, um fator de enfrentamento que os outros técnicos utilizavam. Era comum ouvir comentários internos que “o grupo se fechou” com a chegada do técnico, tanto entre eles quanto em relação à postura nos treinamentos. No embate, o jogador classifica uma boa relação emocional como básico para a cobrança de desempenho e comprometimento.

O atacante fica calado e desiste da discussão. Provavelmente percebeu que estava em desvantagem e tem mais a perder que o mandatário, que está apoiado, (inclusive com presença, mesmo que simbólica, naquela reunião), por toda diretoria. Luizão anuncia, sem maiores delongas (talvez visto a discussão desnecessária neste primeiro momento), a dispensa de dois atletas que não se apresentaram naquele dia, e também de dois que estão ali no grupo, sem questionar o motivo das ausências.

“Você não veio ontem nem hoje de manhã né Tiago? Você também não né Wagner? Então aproveita que não deu tempo de desarrumar as malas, e já pega o ônibus de volta, porque vocês estão dispensados!” Os atletas não rebatem o comandante, e mantém a postura séria. Remetendo a sua história no clube e agora mudando o tom para emotivo, o comandante continua seu discurso e esclarecimento:

Eu não tô cobrando de vocês resultado. Alguma hora eu falei de resultado aqui? Eu tô cobrando que vocês se esforcem... E vir pro treino é o mínimo que vocês podem fazer. Eu já fui jogador também, lembro que joguei aqui nesse estádio, e independente de treinador mandar, eu treinava. Ficava a mais no treino. Me dedicava. Sabe o que eu jogava, o que eu ganhei? Porra nenhuma! Eu era uma bosta! Mas eu treinava. Isso ninguém tinha do que reclamar de mim. Eu não dava margem pra reclamação. Chegava mais cedo e saia mais tarde, porque se eu não era melhor que os caras, pelo menos era mais esforçado. Olha esse menino aqui, o Yago. É o artilheiro do campeonato e não é a toa. Ele tá suspenso essa semana, mas mesmo assim tá aqui treinando firme e forte. Ele podia ficar lá cuidado da filha ou de outros problemas pessoais dele, porque não ia jogar mesmo. Mas tá aqui. Tá aqui porque quer ser melhor, quer essa porra desse acesso a qualquer custo. Mas vocês parece que tão morrendo! O que aconteceu? Vamos continuar nessa bosta de Série B pra sempre? Vocês acham que morreu mesmo? Se morreu pra vocês, eu não tenho o que fazer. Tem que ligar lá na funerária e mandar enterrar. Aí vai cada um voltar do jeito que entrou ou pior, porque continua na mesma merda e nessa última divisão, que eu acho que não é lugar de nenhum de vocês aqui[...] É assim que vocês querem ser lembrados? Como o grupo que desistiu? Eu tô com vocês caralho! Eu não vou jogar a toalha, e se mais alguém quiser acompanhar esses quatro aí, já fala agora que a gente economiza ouvido e eu gasto minha energia falando com quem tá afim. Tem mais alguém que quer

ir embora? Já levanta a mão... Ninguém né? [...] Eu não sou pai de vocês pra vir aqui ficar passando a mão na cabeça, e acho que ninguém aqui teve isso na vida um dia. Então vamos treinar e vamos jogar caralho! O grupo é bom e com essa força que a gente tá comprometendo aqui a gente vai conseguir!”

A história do treinador, guardadas as devidas proporções, muito se assemelha a dos jogadores do time: foi atleta ou técnico do Interiorano por várias vezes (mais de 15 no total) e teve passagens por vários clubes de divisões de acesso, porém nunca chegou a disputar sequência em campeonatos de elite ou ostentar salários anuais milionários como os profissionais da televisão.

Ao observar o caso de Luizão e também do técnico anterior, José, nota-se que a realidade sempre foi de manutenção nas divisões regionais e longe dos holofotes. Assume que em sua carreira não teve sucesso, mas que compensava com comprometimento e disciplina, o que exige de seus comandados. A ideia da meritocracia e ascensão constante parece coerente ao treinador, assim como discutida anteriormente também no discurso dos atletas, mesmo que em sua própria história de vida não seja verdadeira (GREGÓRIO e SILVA, 2014).

Mais uma vez em seu retorno, aspira ao sucesso, pois a última divisão, ainda segundo suas palavras, não é lugar de ninguém dali (embora esse seja o fato presente). No discurso, ainda somado a história de vida contada por ele e pelo outro técnico, pode ser notado, que o sonho ilusório de sucesso por vezes pode perdurar e ser nutrido durante a vida toda, como jogadores, por toda a sua carreira; após a aposentadoria, ao decidir sua continuidade como técnico.

Terminada a fala, nenhum outro dirigente conduz a palavra. Maicon pede a comissão ali presente cinco minutos a sós com os demais jogadores para uma conversa com o grupo. O pedido é atendido, e os dirigentes aos poucos vão para os seus locais de trabalho no clube. Faço movimento para me levantar e acompanhar os demais, mas o veterano, com um movimento de mão, diz para eu ficar por ali. Aparentemente, não estou incomodando.

O experiente jogador remete a história recente de superação do grupo, que também começou a primeira fase desacreditado e com muitas derrotas, porém terminou em primeiro no grupo. Diz que passou por situações difíceis na carreira, e que aquela poderia

ser a última, já que pensava em se aposentar. Pede que todos joguem por ele, que está em fase final de recuperação, e que mantenham o espírito que desenvolveram na semana em que ele ficou de treinador.

Passada a palavra, os jogadores dirigem-se ao vestiário. Acompanho um dos atletas dispensados, que eu havia encontrado inclusive para informar que não haveria grupo aquele dia. Digo que não sabia da notícia de sua dispensa e que achei equivocada a forma e maneira com que foi feita. Coloco-me a sua disposição caso queira conversar naquele período do dia que ainda tínhamos. O atleta, claramente abatido, comenta:

Não tem o que conversar, professor. Não tem o que conversar... Aqui ninguém conversa, você viu? Você acha que o descompromisso é de quem falta, ou de quem faz você acreditar que uma coisa dessas é séria? Isso que você tá vendo agora, eu já passo faz 10 anos... Futebol é nojento, é só sujeira... Mas ninguém te conta isso... Eu não tenho mais jeito, mas você aproveita que estudou e cai fora enquanto tá podendo...

O jogador mostra-se desiludido com o mundo da bola. Ao remeter-se dez anos atrás, certamente dizia de quando começou a jogar, pois o atleta não tinha 23 anos completos. Deixa claro que não compreendia a realidade do futebol quando iniciou a carreira, e que começou a compreender apenas quando estava dentro de um clube, onde o atleta dá a entender que “não tem mais jeito” (TÜRCKE, 2010).

Ao alegar que “não tem volta”, provavelmente remete-se a especialização esportiva precoce a que foi submetido, que limitou seu tempo e o obrigou a optar pela carreira futebolística em detrimento da escolar, mesmo que com pouca idade. O atleta não vislumbra outra possibilidade de carreira, pois foram dez anos dedicados exclusivamente ao esporte (ROCHA ET AL., 2011).

A fala vai além, e diz que o descompromisso é de quem “faz uma coisa dessas”, que é o não dialogar abertamente sobre as reais circunstâncias. O atleta atribui o descompromisso aos que o induziram a acreditar no sonho de ganhar a vida com a bola nos pés desde cedo. Pode-se pensar que essas atribuições são delegadas as condições sociais, familiares, midiáticas, entre outras (MATTOS, 2016).

Na fala do atleta ao dar a dica de “cair fora” enquanto estou podendo, porque tive oportunidade de estudar (BOCK, 2006), o mesmo demonstra que seu real desejo é não

voltar a jogar futebol, porém é assim que aprendeu a ganhar sua subsistência (DAOU, GUARESCHI E AZAMBUJA, 2014). Talvez neste momento, tenha reconhecido a realidade a que está inserido e se visto como invisível. Mas ainda dentro do sistema e dentro da base da pirâmide, não consegue vislumbrar possibilidade para além do que está posto.

O atleta dirige-se ao alojamento neste abatimento, claramente frustrado e revoltado com a situação. Vou ao encontro de Diego e questiono se haverá possibilidade do encontro psicológico com os jogadores acontecer. Ele me pede desculpas e diz que também foi pego de surpresa. Diz que na manhã seguinte seria tranquilo e ainda não havia atividade marcada, mas que eu deveria conversar com Luizão.

Ainda claramente alterado após as declarações, o técnico confirma a informação dada pelo preparador físico, porém não sem deixar um adendo. Diz que o dia seguinte de manhã poderia ser utilizado para os encontros, mas para eu tomar cuidado: “Só não encher muito a cabeça dos meninos.... Agora é hora de cada um pensar por si e colocar as ideias no lugar”.

Com esta fala, o treinador dá a entender que de alguma maneira acredita que ocorra trabalho de autorreflexão espontânea, sem diálogo aberto ou análise externa dos fatos reais de conflito. Imagina que negar as emoções ou as colocar na invisibilidade pessoal possa ser a melhor maneira de enfrentamento. Talvez não tenha notado que a catarse emocional de Nilson na discussão representava todo o grupo, que não estava enfrentando bem dessa maneira.

Realizamos a reunião mais uma vez baseada em situações estressoras (GOMES, 2010), agora objetivando estratégias de enfrentamento a partir de algumas situações expostas pelo grupo na reunião anterior. Nesta semana, em jogo disputado, a equipe obteve resultado positivo fora de casa. O treinador fez questão de ressaltar várias vezes nas conversas que ali se deu o “início do milagre”.

Os trabalhos da semana seguinte correram sem surpresas, algo raro nos últimos dias, e a rotina foi cumprida. O trabalho psicológico realizou-se conforme combinado, em com consenso do treinador e preparador físico. Nesta semana, véspera de mais um jogo decisivo, mantivemos a discussão sobre enfrentamento e iniciamos um trabalho envolvendo motivação (MACHADO, 1995).

Em mais um jogo difícil, a equipe obteve outra vitória apertada. Com os resultados positivos, o acesso passa a ser assunto dentro da realidade até mesmo dos mais pessimistas. Uma vitória em casa no próximo jogo deixaria o clube bem encaminhado, pois os dois jogos restantes seriam contra um clube que já não tinha pretensão no campeonato e um último jogo em casa, que poderia selar o acesso e dependendo da combinação de resultados, até mesmo o direito de disputar o título.

O clima era descontraído, o grupo parece conseguir compreender a filosofia do novo treinador e corresponde à risca as exigências. Mais uma vez o grupo de trabalho psicológico ocorre na data prevista. Continuamos o trabalho de motivação a partir do material do encontro anterior. Muitos atletas comentam a força também nas redes sociais. Destaco a fala de Leandro, zagueiro titular da equipe:

“Você tá vendo as notícias que saem da gente? Quando a gente perdia, só tinha comentário ruim, de gente falando “Interiorano sendo Interiorano”, “Pior elenco que já vi entrar na cidade”, “Sempre nadam e morrem na praia”. Agora você viu o que colocam? “Vitória heroica do Interiorano”, “#euacredito”, “Ninguém segura! Rumo a A3!”. É claro que isso motiva. Isso mostra que nosso trabalho, nossa força e o empenho que sempre teve tá sendo visto e valorizado, pelo menos agora.”

O atleta expõe, em sua fala, a importância que ele e o grupo dão para as notícias e comentários da torcida nas redes sociais. Acompanhando diariamente os comentários, o atleta mostra que se sente acolhido e melhor amparado agora que a fase é boa e conseqüentemente as falas dos noticiários e postagens na internet também são. Credita os comentários, inclusive, a uma valorização e maior visibilidade do que ele classifica como “empenho” que sempre existiu no clube e sempre foi demonstrado por eles, porém era pouco ou nada noticiado (JUSTO E VASCONCELOS, 2009).

Incentivado por pouco mais de 1500 pessoas, recorde de público em seu estádio no ano, o Interiorano vence mais uma, pela diferença mínima. Com o resultado, tira a diferença para o segundo colocado e agora depende só de si para conquistar o acesso. A equipe recupera a notoriedade e seus feitos são amplamente divulgados na cidade, principalmente pelas dificuldades e forma com que foram obtidos. Nesta semana,

realizou-se uma matéria especial sobre o artilheiro da competição, Yago, e sobre as possibilidades reais do acesso.

Chego ao clube com antecedência ao horário programado, como de costume, e topo com Yago. Em tom descontraído, comento a reportagem que foi veiculada sobre ele, e o artilheiro responde:

“Você viu professor? Antes a gente não passava nem no rádio... Hoje a gente já é notícia da Globo! Ficou boa a matéria, todo mundo aqui assistiu e gostou. O importante é isso. O resultado do grupo. Artilheiro é consequência.”

Mantendo o clima descontraído e a humildade, o jogador questiona-me se existe alguma técnica que ajuda a dormir melhor e a superar lesões de maneira mais fácil. Diz que não tem conseguido descansar a noite, pois o pensamento está acelerado e focado no acesso, nas oportunidades de gol que podem aparecer, em como será o jogo. Comenta também que a lesão em sua panturrilha sempre o incomoda.

“No começo do turno (segunda fase) eu já jogava com dor. Agora parece que tá aumentando a cada treino, a cada jogo. Eu acho que tem um pouco a ver com psicológico e tudo, mas tem que jogar do mesmo jeito, ainda mais agora... Meu irmão sempre diz que Deus coloca obstáculo na vida das pessoas porque sabe que elas são fortes. Não tá fácil saltar, mas eu só tenho a agradecer a Deus pela saúde e oportunidade que Ele me dá a cada dia.”

O atleta, apesar das dores, agradece a saúde e oportunidade divina de viver. Como auxílio, acredita que sua dor é um obstáculo enviado por Deus para mostrar sua força. O enfrentamento religioso tem sido uma alternativa na vida do atleta e permite que sua motivação se mantenha. No discurso, a realidade, que ele não pode tratar devidamente a dor por falta de diagnóstico preciso e por ser peça importante no esquema tático do time, parecem menos próximos de resposta por sua dor do que a resposta religiosa (PAES, 2013).

Na semana, a conversa foi em tom mais descontraído e o processo de motivação tomou rumo para além do campeonato, onde muitos atletas discutiram anseios e desejos para o próximo ano. Vale ressaltar que na conversa, muitos atletas disseram querer permanecer no clube para uma possível disputa da Série A3, o que antes não se ouvia.

Pode-se atribuir essa mudança aos bons resultados recentes, somados a busca por equilíbrio emocional e motivação, pautados em objetivos dentro daquela realidade.

A equipe vence o jogo da semana com tranquilidade, conforme previsto. Uma goleada garantiu a manutenção da segunda colocação e uma vitória simples do time em casa leva o clube a disputar a final. Porém, a situação não deixa de ser delicada: caso a equipe saia derrotada e o terceiro colocado vença, o Interiorano cai para terceiro e não terá direito ao acesso. A vitória do rival direto é dada por certa no clube, pois ele jogará em casa contra o último colocado, que já não tem pretensão no campeonato.

Um empate do Interiorano pode garantir o acesso no saldo de gols, mas ainda assim dependerá do outro jogo. O campeonato amador da cidade foi cancelado em apoio ao momento do clube, com intuito de atrair mais torcedores ao estádio. As equipes de televisão eram constantes no clube, a sala de imprensa voltou a ser utilizada e a ter placas de patrocínio.

O clube combinou com torcedores de uma organizada da equipe que eles poderiam acompanhar os treinos da equipe e mostrar apoio. Organizamos, através desses torcedores, um vídeo onde os atletas se apresentavam e pediam o apoio de toda a cidade para o jogo que poderia selar o acesso (CASTELLS, 2003).

O contato direto com torcedores, mídia e o ambiente interno favorável eram fatores motivacionais reais para a equipe. Contudo, a incerteza em caso de derrota ou empate tornava a situação também estressora. Um resultado negativo agora colocaria em risco a toda a temporada. Eram previstos mais de 5000 torcedores, algo que não ocorreu em todo campeonato.

Pela primeira vez o jogo será transmitido ao vivo e acompanhado “lance a lance” por um dos principais sites de informação esportiva do país. Ficou claro que com os resultados positivos, cresceu também a expectativa de todos para com o time e os atletas. Destaco uma das reportagens da principal emissora do país em relação ao time. A repórter convocou os atletas, que fizeram os gols da última partida, e pediu para que encenassem uma caminhada vindo de longe em direção a câmera, fazendo alusão a distância que estavam do acesso, para a proximidade de agora.

Aqui, pode-se fazer também a metáfora com o objeto de estudo da pesquisa: os atletas, antes com a visibilidade distante, sem forma e nem rosto, agora ganham destaque,

são vistos e reconhecidos, ao menos como atletas. Como homens que conseguiram seu espaço e estão próximos a fazerem história (ALVES E CAROLA, 2015).

A repórter convoca um a um para entrevista particular. Renato, o vice-presidente do clube, enquanto o primeiro é entrevistado, conversa com os outros três atletas: “Na vez de vocês, não se esqueçam de convocar a torcida! Fala que a gente vai com tudo e precisamos do apoio deles! Vamos aproveitar o momento a nosso favor!”. O “momento” citado pelo comandante pode ser analisado como duas ocasiões interligadas: o momento de visibilidade dado naquele espaço pela grande mídia e o momento de vitórias do clube.

Luizão disse que não seria possível manter a data dos grupos psicológicos, pois haveria coletiva de imprensa no dia e horário de costume, mas que eu poderia ir ao clube “se quiser”. Fui ao clube também para ter contato com os torcedores. Dirigentes, jornalistas e torcedores cercavam os arredores do clube como nunca havia ocorrido durante o ano. O time antes invisível agora tem notoriedade e alguns recortes exibidos nas principais emissoras regionais. Ao menos de sua campanha “milagrosa” dos últimos dias, como destacado pelo comandante.

Após interação com a torcida, que resultou em vídeo compartilhado nas redes sociais, novamente busquei contato com o treinador, que explicou seu posicionamento sobre o trabalho psicológico durante aquela semana:

Pra agora eu acho que não vai precisar. Eles já têm muita coisa na cabeça... Você tá vendo o que tá acontecendo aqui essa semana? Eu vou ver se consigo chamar o técnico do basquete pra vir aqui também falar com eles, tem coletiva de imprensa, tem televisão toda hora... Deixa eles sossegados essa semana, tá bom? Aí quando a gente for pra final, você volta que vai estar mais tranquilo.

Comentei com o comandante que não estava pensando em “encher a cabeça” dos jogadores, mas que uma conversa seria importante para aquele momento, para que pudessem destacar como estão para a semana, e que também estava pensando em algo relacionado a relaxamento. O técnico, seguindo a linha característica de seu trabalho, disse que não haveria tempo naquela semana de “parar o grupo”, mas que eu poderia assistir os treinos e conversar individualmente com quem se interessasse.

Em sua fala, o técnico coloca como mais importante para a semana a fala motivacional generalista do treinador de basquete do time da cidade em detrimento ao trabalho psicológico individualizado que estava ocorrendo durante a segunda fase do campeonato. A ideia da psicologia como palestra opcional mais uma vez foi exposta pelo treinador, no caso inclusive a substituindo por algo que ele julgou semelhante (MININNI, 2008).

Acompanhei o time durante outro dia de treinamento e conversei individualmente com alguns atletas. Expliquei que não tínhamos o grupo não por escolha minha, mas a pedido do treinador, e os jogadores compreenderam. “É o jeito do Luiz né? Mas tranquilo, a gente conversa aqui mesmo... Igual a gente faz entre a gente no dia a dia...”, comenta Nilson, expondo a maneira que o grupo encontrou de manter a boa relação, apesar do diálogo não ser prioridade.

Como ênfase dessa semana, destacou-se a conversa com Yago e Carlinhos. Yago relata ainda sentir a dor na panturrilha, mas não deixa de treinar e se preparar para a decisão em todos os períodos. Conversamos sobre algumas técnicas de relaxamento e reforçamos as técnicas de enfrentamento discutidas em grupo e nas atividades individuais (GOMES, 2010).

A questão específica deste atleta também foi discutida por mim com os preparadores físicos e fisioterapeutas, com quem tinha boa relação, e buscamos em conjunto o auxílio ao atleta, reconhecendo a importância do trabalho transdisciplinar e vontade do artilheiro (BRONFENBRENNER, 2005).

Uma conversa curiosa surgiu quando tratei a questão com um dos fisioterapeutas. O funcionário do clube, de base religiosa espírita, acreditava que o motivo da dor é espiritual. Explica que o atleta, destaque da competição, estava sendo muito mal visto pelos adversários, e aqueles espíritos afetaram o atleta, desprotegido. Disse que além das sessões de fisioterapia, o profissional levou o nome do jogador em uma mesa branca, para que os espíritos bons o protejam e o auxiliem nesse retorno.

O fisioterapeuta comentou que este ritual religioso sempre se mostrou efetivo, e citou o exemplo de outro atleta do clube que também sofria de dores crônicas e constantes lesões. Após o processo, o atleta citado por ele destacou-se na primeira divisão, conseguiu contrato com um clube da capital, foi campeão internacional e hoje joga na Europa. Com

isso, pode-se observar que apelo ao sobrenatural no clube ocorre para além da fé cristã (PAES, 2013), e que estas práticas estão diretamente ligadas a cada atividade profissional, dentro de suas especificidades.

Carlinhos também participa de sessões de fisioterapia e encerradas, fica à beira do gramado nas atividades. Lesionou o joelho há dois jogos e está fora da decisão. O retorno está previsto apenas para o meio do próximo ano. Claramente abatido, temos várias conversas sobre o time, sua realidade, história de vida e incertezas. Diz ter saído de casa cedo, como a grande maioria dos atletas ali, e se mostra emocionado quando na saída vê as crianças no treino da base.

“Eu era menor que esse aqui quando saí de casa!”, afirma o atleta, apontando para um menino de no máximo dez anos. “Se me perguntar se valeu a pena, eu não sei. Lá em casa também não tinha condição boa. Não que aqui tenha, mas dá pra gente sonhar. De onde eu vim nem isso” (SOUZA, 2015B).

Outro ponto da conversa que merece destacar, ocorreu em um treino físico da equipe gravado por uma emissora de televisão. O atleta inicia um diálogo aparentemente descontraído, para revelar o que estava realmente sentindo naquele momento sem exercer sua atividade.

Você já viu o tanto de repórter que tem aqui agora professor? Mas eu nunca vi você falando com eles... Porque você não vai lá? Mostrar o primeiro psicólogo que ficou louco com o que tá vendo (risos)! E olha que isso aí que você passou ainda não foi nada... Você tem opção, pode ganhar dinheiro com a cabeça. E eu que só tenho as pernas, e agora com esse joelho bichado nem isso? [...] diploma eu comprei os dois... Paguei um supletivo lá e nunca fui... Ia lá que jeito também, se tem treino o dia inteiro? A noite eu quero dormir [...] e agora que a gente fica parado, a gente fica lembrando de tudo, de quanto sofreu, de quanto ainda sofre... A cabeça não para um minuto, ainda mais agora que não tem com o que eu ocupar [...] sabe o que eu tenho vontade tem dia professor? De encher a cara o dia inteiro e ficar largado na sarjeta... Fumar um, cheirar uma carreirinha... E sumir... Esse tratamento tá um saco, ver todo mundo jogando e tendo que ficar fora... Ainda mais agora... Isso não é vida...

Mais uma vez, aparece o discurso de que o atleta envolvido naquele meio não tem outra opção. Carlinhos confirma que não teve oportunidade de estudar, mas conseguiu “comprar” o diploma (ROCHA ET AL., 2011). Em outras conversas, afirmou que já teve problema com drogas e que isso quase o tirou do futebol e o fez perder a vida.

Talvez por não ter oportunidade de desenvolver outras formas de enfrentamento, o atleta utiliza de substâncias para tentar alterar a realidade sofrida e sentir-se em paz, ao menos por algum momento. Julga por vezes ser melhor “sumir” do que refletir e observar as condições a que está posto, fato que diz ocorrer frequentemente quando não está em condições de exercer sua atividade.

Conversamos a respeito de sua história de vida, os motivos das tristezas e reforçamos as discussões sobre outras formas de enfrentamento, como fizemos nos grupos. Porém, no início das discussões o atleta não havia se machucado, o que levou o processo novamente ao seu início. Sem poder atuar em sua atividade guia, devido ao joelho, os pensamentos negativos tornam-se recorrentes (GOMES, 2010).

Sua percepção da realidade também se atentou aos treinos da base do clube, onde passava boa parte do dia observando os garotos. Com isso, lembranças de sua infância sofrida e necessidade de especialização precoce também passaram a o incomodar naquele momento (GREGÓRIO e SILVA, 2014).

A semana segue com apoio da torcida e aparição diária das grandes mídias, porém sem maiores surpresas. Os demais jogadores treinam normalmente e concentram-se no hotel no dia anterior em embate. Os jogadores que estão fora da partida, por lesão, cartão ou opção do treinador, combinam de assistir ao jogo das tribunas comigo. Converso com Marcos e ele diz que estará tudo ok e que assistirá conosco o jogo.

7.6 Acréscimos e fim de jogo: “Eu prefiro ficar, porque se eu for pra casa a única coisa que tenho é roçar pasto. E isso daí eu não quero pra minha vida.”

Dirijo-me ao estádio uma hora antes da partida, conforme combinado. A movimentação é grande. O público foi estimado em quase 9.000 torcedores, recorde absoluto do ano. Encaminho o carro para dentro do estádio, quando fui abordado por um segurança. Digo que estou prestando serviço ao clube como psicólogo. O segurança diz

que se lembra de mim, mas afirma “Hoje tá todo mundo pagando pra entrar, porque tem muita gente. Desculpa doutor...”. Digo que tudo bem, mas optei em estacionar o carro em uma rua paralela. O estacionamento interno realmente já estava à beira da lotação.

Caminhando em direção as tribunas, passo pelo primeiro portão sem dificuldade. Já no segundo, onde encontrei dificuldade no primeiro jogo, fui mais uma vez barrado. Digo novamente que sou psicólogo e estou trabalhando para o clube, mas o porteiro, que eu nunca havia visto, questionou-me sobre pulseira. Recordei então que Marcos nunca havia me credenciado ao clube e eu não tinha o que mostrar. Sempre entrei no improvisado tradicional do clube, ora com alguém, ora porque conhecia o porteiro.

Nem mesmo a confirmação da informação e pedido do técnico da base permitiu meu acesso. “O menino é doutor, ele tá aqui direto ajudando o time, deixa ele entrar!”, argumenta o técnico. “É ordem do presidente, hoje só entra quem tem pulseira!”, rebate o porteiro. Avisto de longe Nilson, e faço um sinal para que ele se aproxime. “Não comprou ingresso né professor? Hoje tá difícil!”. O pedido e confirmação do jogador também não garante minha entrada.

O atleta leva Marcos ao encontro do porteiro, que enfim libera minha entrada. Até mesmo o pedido do gestor foi negado pelo porteiro, que precisou ligar para Emerson e colocar os dois em diálogo via telefone. O mandatário confirma que não será possível para a família dos atletas entrarem. Muitos estavam ali como eu, aguardando autorização. “Desculpa o pessoal ter te barrado aí, mas hoje o chefe pediu pra selecionar bem. Mas fica à vontade aí, a casa é sua!”, diz o comandante, às pressas para resolver questões com a arbitragem.

Dirijo-me ao vestiário, que está vazio. Vou então ao vestiário da comissão técnica. Ali, Luizão conversa com o vice-presidente. Após os cumprimentar, ele pede gentilmente que eu me retire da sala. “Você pode deixar a gente sozinho hoje fazendo favor?”. Digo que tudo bem, e dirijo-me ao vestiário vazio, pois o campo também estava guardado por seguranças que não autorizaram minha entrada. Os atletas estavam em aquecimento, ao som da torcida.

No vestiário vazio, aguardo o momento vendo as notícias em meu celular, da transmissão que está ocorrendo ao vivo. Um dos atletas sai do banheiro e vai ao meu encontro. “Tá ansioso professor? Vai quebrar o pescoço olhando o celular desse jeito...

Levanta a cabeça e vai lá ver no campo!”. Comento as dificuldades que passei naquele dia para estar ali, e ele remete também as dificuldades que passou para estar ali. “Sou um dos únicos que está aqui desde o ano passado. Passei por tudo durante o ano todo aqui... Tô engasgado desde o dia que a gente caiu... Mas hoje é o dia da redenção!”

Desejo bom jogo e boa sorte. O atleta vai ao encontro dos companheiros no campo e novamente fico sozinho no vestiário. O roupeiro do clube, Tonhão, começa a pendurar as camisas de jogo nos suportes do vestiário. “Eu faço isso aqui já tem mais de 30 anos. Já vi de tudo, mas não tem jeito... Decisão meche com a gente... O carinho é maior e o coração bate mais forte!”, dizia enquanto pendurava cada camiseta, fazendo o sinal da cruz após cada uma que soltava.

Luiz Augusto abre a porta da sala vizinha e dirige-se ao vestiário com um pequeno pote de óleo na mão. Comenta com Tonhão: “Peguei esse óleo lá com o padre hoje de manhãzinha... Agora é a hora de concretizar o milagre!”. O técnico aplica cuidadosamente o óleo no dedo indicador, passa em cada camiseta dos jogadores e faz o sinal da cruz. No diálogo de Tonhão e Luiz, noto que o ritual também era realizado no ano anterior, em que o clube caiu.

Neste caso, ficou exemplificado que o gesto estereotipado se mantinha independente da ligação direta com a vitória. O ritual, assim como o do fisioterapeuta de levar o nome dos atletas para a mesa branca, tinha um valor simbólico muito grande para eles. Esse valor, inclusive, possivelmente se mantém por secundarizar os resultados negativos e exacerbar as vitórias obtidas, que eram utilizadas como exemplo de efetividade do “pensamento mágico” (LINDENMEYER E CECCARELLI, 2012).

A não recuperação total, que gerou nova lesão em Maicon ainda no primeiro jogo do retorno, mesmo com o nome na mesa, não foi lembrado pelo fisioterapeuta em seus exemplos, assim como o rebaixamento do clube no ano anterior, mesmo com óleo na camiseta dos atletas, não foi lembrado pelo técnico. Todavia, o valor de enfrentamento baseado na fé baseava as ações para o momento, possivelmente devido à força da crença e desconhecimento de técnicas práticas diretamente relacionadas a resultados esperados.

Os jogadores encerram o processo de aquecimento e dirigem-se ao vestiário, acompanhados por todos da comissão técnica e gestão. O presidente fecha a porta e pede que todos se reúnam em círculo. A palavra do mandatário vai em direção a possibilidade

de o clube ir à final com a vitória, remetendo ao dinheiro que repassaria a cada atleta. Após a fala, o treinador dá sua palavra de incentivo de maneira emotiva, sem citar tática ou análise do adversário. Por fim, Maicon mantém o discurso na mesma direção dos dirigentes.

A conversa encerra-se, como de costume, com uma reza do Pai Nosso, seguido de Ave Maria, com a mesma voz acelerada. Àquela altura, após dez jogos, consegui acompanhar ao menos com os lábios. Fica evidente que o ritual independe de sua efetividade e que todos devem participar por tradição. O não participar pode simbolizar o deslocamento em relação aos demais. Ao fim do ritual, todos se abraçam e dizem palavras motivadoras. Alguns ainda tocam a santa fixa do vestiário e fazem uma última reza individual seguida do sinal da cruz, como observados em jogos anteriores.

Dirijo-me as tribunas, acompanhado de Carlinhos e Nilson. Para nossa surpresa, fomos barrados por um segurança. “Onde estão as pulseiras de vocês?”, questiona o funcionário. “Como assim? A gente é do clube, eu até fiz gol no último jogo, mas hoje tô suspenso”, afirma Nilson. No mesmo tom de brincadeira que ele me falou no portão, dirige-se a mim e diz “Tá vendo só professor, eu também esqueci de comprar meu ingresso! Tomou cartão e não pode entrar no campo, tem que pagar duas vezes, vai vendo! (risos)”.

O presidente do clube passa ao lado e diz que o funcionário deve nos liberar que somos integrantes do time. O funcionário pede desculpas e diz que está ali apenas seguindo ordem, que é de deixar apenas quem tem o credenciamento entrar. Este episódio evidenciou que a visibilidade dos atletas, apesar de todo alvoroço durante a semana, resumiu-se a quando vestem o uniforme do clube e estão em campo, e não a sua pessoa. A fala de Nilson, apesar da ironia, revela esse sentimento.

Subimos as tribunas, que realmente estão lotadas. O prefeito da cidade encontrava-se por ali também, e é ironizado pelos atletas. “Agora ele vem né... No começo do ano não queria nem saber... Não ajudou em nada e ainda quase enrolou nosso salário cobrando dívida...”, revela com certo rancor Carlinhos, que tem contrato com o clube. A dívida a que ele se referiu, pesquisei mais tarde, diz respeito à reforma da calçada e IPTU, que não foi isentada do clube e complicou ainda mais as finanças no meio do ano.

Acomodamo-nos e ouvimos a torcida gritar o nome de cada jogador relacionado para a partida. Esse foi o primeiro jogo que tiveram seus nomes gritados individualmente, forma de reconhecimento de cada um deles pela torcida. O jogo se inicia com os dois times querendo impor seu ritmo. Com poucos minutos de jogo, porém, o Interiorano sofre um gol e o estádio se cala.

“Vou trocar de lugar aqui, o professor não tá dando sorte!”, diz Carlinhos, saindo da minha direita e indo em direção à esquerda. “Tá valendo o ano, esqueceram disso? Vamos jogar porra!”, grita Nilson, claramente nervoso. “Em campo é mais fácil aguentar. Aqui de fora tá horrível!”, diz o atleta, virando de costa para o gramado. Marcos continua assistindo ao jogo calado. Parece não acreditar no que vê.

Ainda no primeiro tempo, Silvio cobrança de escanteio, Yago sobe mais que a defesa adversária e empata o jogo. A torcida volta a gritar. Marcos abraça cada um que está próximo. Carlinhos, Nilson e eu nos cumprimentamos. A alegria e esperança parecem retomadas, até o clube sofrer outro gol nos acréscimos do primeiro tempo, em boa cobrança de falta do time adversário. “O clima no vestiário vai ficar pesado agora”, prevê Carlinhos. Dois atletas deixam o campo discutindo de maneira agressiva, acusando-se de falha no gol recém-marcado pelo adversário.

Dirijo-me até o vestiário com os atletas que assistiam ao jogo comigo, mas optamos por não entrar. Era possível ouvir os gritos de discussão pela janela. Os atletas retornam as tribunas, e eu opto por ficar próximo ao vestiário com outro atleta não relacionado para a partida, que espera próximo a porta. “Eu queria deixar esse rosário com o Maurício. Ele parece estar bem nervoso e isso vai acalmar ele. Mas agora não tem jeito de entrar...”. Aqui, o símbolo religioso mais uma vez aparece como possível resolução de questão emocional.

Emerson entra no vestiário como se nada estivesse acontecendo. Começa a gritar com os atletas e diz que aquilo não era posicionamento de quem queria vencer. A conversa foi mais calorosa que a que acarretou a demissão do técnico José, porém dessa vez não ocorreu discussão, apenas os gritos do dirigente. O treinador anuncia que um dos atletas será substituído, pois não está em condições emocionais de continuar a partida. Ele sai do vestiário aos prantos, mas logo retorna acalmado por um colega.

O time retorna para o segundo tempo neste clima. Maicon dá a palavra final no corredor do vestiário, ainda antes de entrarem novamente no campo.

“Vocês esqueceram de tudo que a gente passou esse ano? Da força que nosso grupo ganhou e tirou do nada? Porque estão perdendo tudo isso agora? É pra um jogar pelo outro, não contra o outro! Eu jogo pelo Yago, que joga pelo Pedrinho, que joga pelo Alberto, que joga pelo Carlinhos que tá machucado, o Nilson que tá suspenso... Agora é a nossa hora, de jogar por todo mundo! Por essa torcida que tá aqui com a gente... Vamos entrar em campo e fazer o que a gente sabe, buscar o empate e selar essa classificação de uma vez por todas!”

Retorno ao meu lugar na tribuna e todos estão apreensivos. Marcos não tira o ouvido do radinho. Está acompanhando o outro jogo para analisar se o empate é resultado possível para a classificação. De tempos em tempos anuncia: “Mais um gol...”. O rival direto pela vaga precisa, contando com o empate do Interiorano, de uma diferença de seis gols. Porém essa diferença é plenamente possível, visto que o outro time já não tem pretensão alguma no campeonato.

O clima dentro das quatro linhas também é de desespero. Um jogador adversário cai no gramado e os maqueiros vão ao seu encontro. Classificando a atitude do jogador como encenação, os funcionários do Interiorano o arremessam (literalmente) da maca para fora do gramado. Foi o suficiente para inflamar novamente a torcida. Todos estavam unidos na mesma apreensão.

No último terço do segundo tempo, o Interiorano consegue empatar. Em bom passe de Silvio, Gabriel precisa apenas de um toque na bola para empurrar para o fundo da rede adversária. Uma catarse emocional toma conta dos jogadores e da torcida. Perco as contas de quantos abraços recebo muitos me levantando inclusive. Fica nítida a instabilidade emocional que a situação do placar em revés havia ocasionado, e que o gol ocasionou; o empate já é tido por resultado excelente.

Os jogadores perguntam a Marcos qual é o placar do outro jogo. “4x0”, responde o comandante. Caminhando para o final, o jogo ganha um clima morno. O empate é resultado favorável ao outro time, que não perde a liderança e garante vaga para a final. O time adversário mantém a bola em troca de passes no seu campo de defesa, apenas

aguardando o apito final. O Interiorano assiste pacificamente. Todos sentem que não é momento de arriscar.

O árbitro apita o fim de jogo, porém o acesso ainda não é garantido. A comissão técnica invade as quatro linhas, e todos os envolvidos ouvem no radinho os últimos minutos do outro jogo. Ao apito final do árbitro no jogo do rival direto, é confirmado o acesso do Interiorano por ter o melhor saldo de gols. Os jogadores comemoram todos se abraçam e correm em direção à torcida, muitos aos prantos.

Yago me abraça aos pulos. “Agora não tem mais dor professor. Na cabeçada do gol também não senti nada. Com fé em Deus e a ajuda de vocês a gente conseguiu o acesso! Obrigado, obrigado!”. Digo que eu que agradeço a ele pela oportunidade de trabalho, e em tom de brincadeira, agradeço o teste do coração, pela maneira como o último jogo ocorreu. “Nem brinca professor... Aqui dentro a coisa estava feia também, imagino pra vocês lá fora... Mas o trabalho ajudou bastante, foi bem feito em todos os lados! É comemorar e agradecer agora!”, comenta o atleta, antes de ser abraçado por mais companheiros e continuar a caminhada até a torcida.

Carlinhos esquece a dor no joelho e pula junto com os companheiros. Leandro vem ao meu encontro, recebo seu abraço e sua fala: “Você viu professor? Isso aqui é futebol! Antes ninguém via a gente, só criticavam. Agora todo mundo viu, e quem não viu vai ver!”. O atleta credita a visibilidade ao bom resultado, e em sua fala deixa claro que acredita agora ter uma visibilidade (ALVES E CAROLA, 2015).

Após muitos abraços, Alberto chega próximo a mim apenas de cueca. Brinco com a situação do atleta, e ele responde “Você viu essa doutor? Antes ninguém queria saber nem de assistir, agora até a roupa tão levando!”. O atleta referiu-se a invasão da torcida no campo, muitos com intuito de tocar e se possível levar como recordação alguma parte do uniforme agora “santificado” que os atletas utilizaram neste último duelo (LEVINOVITZ, 2015). Com a obtenção do resultado, alcançaram o patamar de entidades, conforme discutido anteriormente na revisão de literatura desta pesquisa.

Muitos atletas deram entrevista após a conquista, e destaco aqui a fala de Sílvio, autor dos dois passes que resultaram em gols. Quando questionado sobre o futuro, o atleta diz que:

“Cada um aqui agora tem o seu objetivo, voltar pros seus clubes... Quem tem idade de taça (São Paulo) como meu primo vai jogar, e eu já até falei pro treinador do sub 20 que eu prefiro ficar porque se eu for pra casa a única coisa que eu tenho e se eu voltar, como meu primo voltar, é roçar pasto, e isso daí eu não quero pra minha vida. Então eu prefiro jogar com o pessoal da base e poder ajudar e conseguir outro título.”

Mais uma vez, a vulnerabilidade social aparece no discurso de um atleta do clube. Encerrado o campeonato, o jogador planeja sua continuidade e tentativa de continuar subsistindo com a bola nos pés. Inclusive, independentemente de onde e se é necessário ir a uma categoria Junior, teoricamente inferior à que jogou neste ano. “Roçar pasto” provavelmente é o que o atleta fazia em sua infância, e viu no futebol uma alternativa de ascensão dessa realidade que “não quer para sua vida” (DANA, 2013).

O artilheiro Yago fica feliz ao ser informado que seu número de gols o coloca na sexta posição dos maiores goleadores do Brasil, e diz que quer continuar no Interiorano, porém sabe que não depende dele. Maicon diz que se sente bem e quer adiar a aposentadoria. Pretende estender seu contrato e continuar para a Série A3. Emerson diz que Luizão só sai do clube se quiser. O técnico leva um banho de água fria dos atletas enquanto dá entrevista. “Neste momento tudo é válido!”, diz aos risos o treinador com fama de sargento.

O clube termina reunido no vestiário, com direito a vídeo de comemoração e palavra de agradecimento do presidente. Todos tomam banho e se arrumam para um passeio em carro aberto pela cidade, com direito a cerveja e parada para almoço em uma das melhores churrascarias da cidade. Após 28 rodadas de campeonato jogando uma vez por semana, os atletas recebem seu dia de visibilidade.

7.7 Pós jogo: esperança, ou novo apagar dos holofotes?

Dias após conquistar o acesso, o Interiorano renovou com Luizão e negociava a extensão por mais um ano do contrato de empréstimo de grande parte dos atletas cedidos, entre eles, como era de se esperar, os atletas que se destacaram e foram fundamentais no

time titular. Maicon também teve seu contrato ampliado, conforme havia pedido ao fim da última partida. O clube recebia novos atletas e novas propostas de patrocínio.

Porém, a visibilidade e bom momento do clube foram efêmeros e começaram a se desvanecer ainda no ano da conquista do acesso. Luizão foi demitido dois meses após renovar seu contrato, sem ao menos estreiar na A3, sob alegação que o comandante movia ação contra o clube. O agora ex-técnico indignou-se com a falta de profissionalismo do clube, pois deixou férias de lado, já havia se estabelecido na cidade e inclusive deixou de viajar em sua lua de mel para seguir a agenda antes programada pelo clube.

O comandante do acesso alega que a ação já tem mais de cinco anos, e que ninguém se importou com ela quando precisaram de seus serviços na hora da dificuldade. Curioso que nas situações cotidianas com os jogadores o treinador nunca mostrou interesse nos sacrifícios pessoais que cada um ali estava passando, e inclusive dispensou jogadores que faltaram no treinamento sem questionar sua vida pessoal. Quando chegou sua vez, porém, utilizou desses argumentos para atacar a atitude da diretoria.

A renovação da parceria de empréstimo com o clube recém-promovido para a elite não aconteceu. Nem de outros dois jogadores da série principal. Os jogadores retornaram aos detentores de seus contratos e foram novamente emprestados a outros clubes. Nenhum jogou em campeonatos de elite no semestre seguinte ao acesso. Os atletas com idade de Copa São Paulo retornaram para a base e muitos jogaram o campeonato Junior.

Yago, artilheiro e símbolo do Interiorano naquele ano, não retornou a elite com o time com quem tinha contrato. Foi emprestado para um time da Série A2, e dias depois repassado para a Coréia do Sul. Alguns pontos sobre as notícias relacionadas a este atleta merecem destaques: apesar de sua visibilidade interna adquirida, nos jornais e sites esportivos consultados para essa pesquisa seu nome constantemente é grafado de maneira incorreta, bem como sua idade e altura ambas alteradas, conforme o informante.

Nem mesmo o jogador destaque da equipe conseguiu sair da condição de notícia de segundo plano. O “artilheiro invisível”, ainda, não foi noticiado por nenhuma das principais emissoras pesquisadas como um dos maiores artilheiros do Brasil, como citado pelo repórter regional em sua última entrevista no clube. A diretoria não se manteve e foi reformulada devido às novas parcerias, inclusive com troca da chapa da presidência após o meio do ano seguinte.

Em declaração no início do ano seguinte, Renato não promete novo acesso, diz que vai fazer “o possível dentro do orçamento”. O elenco montado para a disputa da série A3 baseou-se em parcerias de empréstimo com grandes empresários que buscam visibilidade de seus jovens atletas em campeonatos e clubes que estão nesta situação. Um novo técnico foi contratado e demitido com menos de cinco rodadas do campeonato. Assumiu então o interino, que não obteve bons resultados e foi substituído por outro treinador, velho conhecido da torcida: Luizão.

O antigo (e agora novo) comandante obteve resultados necessários para tirar a equipe da situação de ameaça, mas não classificou para a próxima fase. Em sua apresentação, disse não ter guardado mágoa do Interiorano. “Estarei sempre à disposição deste clube, haja o que houver, na situação que estiver! ”, afirmou o técnico em seu retorno. A ação trabalhista que foi usada como argumento para sua última demissão, no entanto, continua.

Na data de finalização desta pesquisa, a equipe encontra-se em “férias”, pois a diretoria optou por não jogar outros campeonatos, visto que os gastos são maiores que as receitas nas disputas. A equipe teve prejuízo financeiro na disputa da Série A3 do campeonato paulista, pois as receitas com público não foram suficientes para cobrir as despesas exigidas pela entidade (BARROS E AFIUNE, 2013).

Por falta de acordo com a prefeitura (que inclusive continua dirigida pelo prefeito que assistiu ao último jogo da equipe, conforme aqui relatado) em relação ao IPTU do local sede do clube, a equipe teve barrado um de seus patrocinadores para arcar com esta dívida. A verba que arcava com o projeto da base do clube agora é destinada integralmente a prefeitura. Com isso, 500 garotos poderão perder o incentivo básico e as categorias de base do clube, que vinham invictas nos campeonatos sub-15 e sub-17 que disputavam, correm o risco de desaparecerem.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o fenômeno invisibilidade através do esporte mais popular do mundo, à primeira vista, pode parecer contradição. Entretanto, conforme pontuado na literatura e observado nos resultados, o holofote direcionado ao topo da pirâmide é o que dá essa impressão, sendo a base desse esporte inúmeras vezes maior, com realidade que nada condiz com o observável.

Atletas sem reconhecimento de sua atividade tornam-se “homens-maquinas” (COSTA, 2004) e passam a vida sonhando em um dia tornar-se “jogador de futebol de verdade”. Mas qual é essa verdade? Vulneráveis socialmente por conta de oportunidades desiguais, que não lhes dão acesso a bons empregos e meios de educação, os atletas enxergam no esporte uma oportunidade de mudança (SOUZA, 2015b).

Apenas ao entrarem no mundo do esporte vislumbram a realidade dos clubes invisíveis e de seus colegas de sonho e situação. Contudo, a esperança e necessidade suprem momentaneamente a dor e releva condições precárias. Percebem que viver só de futebol não é possível, pois os contratos e campeonatos não duram o ano todo, e assim muitos dividem a bola com subempregos (BARROS E AFIUNE, 2013).

A situação destes atletas, todavia, é maquiada através de notícias direcionadas pela mídia, que faz a minoria parecer regra. Constroem e desconstroem atletas conforme a necessidade mercadológica (DAOU, GUARESCHI E AZAMBUJA, 2014), tornando alguns, ainda, semideuses (LEVINOVITZ, 2015).

Nas redes sociais, é possível observar que as mesmas notícias vinculadas às grandes marcas são as que mais se apresentam e são compartilhadas (ROSO E GUARESCHI, 2007). A nova geração espelha-se nestes ídolos midiáticos e suas histórias de superação desde pequenos (DOS ANJOS, SANETO e OLIVEIRA, 2012). O que se vê nas categorias de base é espelho do que se vê nas equipes profissionais: jogadores tratados como mercadorias, onde poucos passam pelas chamadas “peneiras”, e menos ainda, um dia chegarão ao profissional.

A performance é necessidade imediata, e desde cedo são colocados em competições, inclusive com respaldo e incentivados por educadores físicos (GREGÓRIO

E SILVA, 2014). Muitos são obrigados a optar entre escola e a prática no futebol, devido altas cargas de treinamento exigidas (ROCHA ET AL., 2011). Não obtendo sucesso na carreira esportiva, resta talvez o retorno aos estudos de forma alternativa e procurar outro emprego.

Para além dessas questões, a pesquisa constatou que os estados psicológicos e emoções não tem a devida atenção, são negligenciados e tidos por fraqueza, embora suas consequências sejam visíveis. Estresse, ansiedade e desempenho, ainda que diretamente relacionados (GOMES, 2010), não são devidamente trabalhados, cabendo aos atletas por vezes apelar ao sobrenatural e crenças que não estão diretamente ligadas à causa da situação (PAES, 2003).

Na ciência psicológica, muito foi apropriado por estes veículos e trabalham em prol da sua manutenção, deixando o psicólogo e envolvidos sem identidade e, portanto, “estranhos” aos demais (MININNI, 2008). O psicólogo como formador de diagnóstico e ligado a certa “cura” ainda é o pensamento vigente em nosso esporte, embora muito tenha sido feito nas inúmeras áreas de atuação possíveis (RUBIO, 2007).

Os resultados corroboraram com a revisão de literatura e avançam em alguns pontos por conseguir adentrar-se ao mundo do futebol brasileiro e do interior, ainda resistente ao trabalho da psicologia. Pode-se considerar também como ganho a liberdade do pesquisador dentro do clube, que pode atuar como psicólogo, realizar questionários abertos com a equipe profissional e conviver com os demais profissionais, observando detalhes que só foram possíveis pela presença física.

A forma como ocorre o manejo das notícias pela grande mídia e mídias sociais também foi diretamente observado. A maior movimentação da grande imprensa no clube nos períodos de bons resultados e presenças ilustres no jogo que selou o acesso do clube, bem como participação ativa da torcida organizada e o aumento do público no estádio em virtude desse aumento de visibilidade, foram percebidos nitidamente. No calor do holofote e dos resultados positivos, muito foi dito e prometido no vestiário. Todavia, desdito assim que as câmeras viraram para o outro lado.

Foi possível vivenciar um círculo de ações a que estava preso o clube pesquisado, onde a falta de recursos não permitia uma estrutura física e humana conforme idealizado, que por sua vez exigia improviso por parte dos envolvidos. Este improviso não tornava

as ações do clube lineares e previsíveis. Conseqüentemente, as ações realizadas eram tomadas sem estruturar suas conseqüências diretas e sem diálogo com os envolvidos, muitas vezes devido a necessidade de resolução a curto prazo.

Logo, tal ação eliciava as mais diversas reações emocionais, que refletia no ambiente do clube e, por conseguinte, nos resultados em campo. Sem resultados positivos, posto no sistema atual, o clube não tem retorno financeiro para investir em estrutura física e humana, o que o leva de volta a primeira problemática e ao retorno da situação.

Com a presença física no dia a dia da equipe e em falas como “Isso mostra que nosso trabalho, nossa força e o empenho que sempre teve tá sendo visto e valorizado, pelo menos agora.” (p.146), foi possível observar que os atletas de clubes sem expressão midiática não realizam menos que os que são noticiados a todo momento. Não são menos esforçados, animados ou trabalham menos. São submetidos ao mesmo sistema, porém com recursos diferenciados, tanto financeiramente quanto cientificamente.

Ao serem privados das condições básicas, não conseguem evoluir física, tática, técnica e psicologicamente ao ponto que chegam os atletas de elite, e com isso sua visibilidade fica também restrita. Foi possível notar que a invisibilidade não é eterna, que mesmo o “ser ninguém” e ser um jogador de “Série B” também tem seus momentos de visibilidade, de reconhecimento, de valorização, algo fundamental no desenvolvimento humano do psiquismo.

Algumas formas alternativas foram encontradas no decorrer desta pesquisa para a valorização do grupo em questão. Nos pontos individuais, foi possível trabalhar autoconhecimento e gestão emocional nos encontros psicológicos, gerando processos reflexivos de si e do meio em que estavam inseridos. No coletivo, foi realizado parceria com a torcidas do clube por meio das redes sociais, com o futebol amador e com o time de basquete que vinha de boas temporadas, a fim de reconhecer a identidade e o trabalho dos que ali estavam.

Pode-se notar que na aplicação da teoria desenvolvida por formadores e profissionais que priorizam a reflexão, as novas mídias (redes sociais e páginas independentes), consideradas o “quinto poder” interferem diretamente no comportamento e reconhecimento do atleta enquanto visível socialmente, e pode ser alternativa viável ao monopólio da grande mídia.

Grupos organizados de atletas, como o caso do grupo “Bom senso FC”, que reconhecem a precariedade a que estão postos, também possibilitam reivindicar melhores condições e o fim de um sistema que privilegia apenas o espetáculo e seus realizadores.

Com esta experiência de pesquisa, observa-se que um trabalho transdisciplinar se faz cada vez mais necessário no futebol moderno e pode ser visto como diferencial nos resultados, tanto em campo quanto fora dele. Contudo, observou-se que apenas o mais raso do básico é oferecido a grande base de todo futebol nacional, e com isso trabalhos especializados no ser humano como unidade integral ainda são exceções.

8.1 Limitações da pesquisa e propostas futuras

Como fatores limitantes, importa destacar a limitação física do pesquisador, quanto à presença diária nos treinamentos. O não acompanhamento da equipe no alojamento, por exemplo, ou mesmo em situações cotidianas, tais quais refeições e tempo de lazer, pode ter deixado a pesquisa sem detalhamento nestas situações.

O tempo da pesquisa também poderia ser mais amplo, talvez por todo o campeonato, visto que as descrições ocorreram apenas em relação à segunda fase do campeonato. Toda pré-temporada, montagem de elenco e equipe e os 18 primeiros jogos, jogos ficaram “invisíveis” para o pesquisador, que foi obrigado a tentar compreender a partir de sínteses da grande mídia e relatos posteriores dos atletas.

O fato de a pesquisa ocorrer no estado de São Paulo, teoricamente o mais rico e com melhor estrutura, também pode ser visto como uma limitação de uma pesquisa que buscou trabalhar a invisibilidade. Afinal, apesar da situação, o clube tem tradição na cidade e chegou a disputar a elite, algo inimaginável para grande maioria dos clubes invisíveis.

A campanha de sucesso da equipe, apesar das dificuldades encontradas, também não permitiu analisar situações como a de clubes que estão sempre a disputar esta última divisão paulista, ou até mesmo aquelas que são “rebaixadas” ao amadorismo.

A questão de o trabalho não ser possível com toda a comissão técnica e diretoria, bem como as alterações constantes de comando também limitou as informações quanto

ao pensamento deste público e melhor desenvolvimento do trabalho a partir do contexto mais amplo.

Como proposta para futuras pesquisas e intervenções, ficam questões como: qual seria o modelo ideal e básico para a prática profissional do país, equilibrando qualidade de vida e rendimento? O modelo europeu funcionaria? O esporte enquanto fator inclusivo vem sendo trabalhado nas universidades e conseqüentemente na escola, ou é apenas baseado no modelo dado pela grande mídia?

Outro ponto que deixa uma área abrangente diz respeito a atletas que são constantemente emprestados por clubes de maior capital para clubes de menor expressão financeira. Qual é o efeito psicológico a médio/longo prazo dessas idas e vindas, mudanças constantes de realidade, clube, cidade, estado e por vezes até mesmo país? Existe mais vantagem ou desvantagem no retorno deste atleta ao seu clube original?

Importa discutir também o manejo do atleta quanto ao seu momento pessoal, se de visibilidade ou invisibilidade. A questão da espetacularização cada vez maior do esporte, transformado atualmente qualquer jogo midiático em grande evento e seus jogadores em estrelas. No que isso interfere na performance individual e resultado em campo? Qual é o efeito da transformação dos profissionais em garotos propaganda? E sua identidade pessoal, desejos, pensamentos, ideologias... Onde ficam? E como isso é trabalhado pela Psicologia do esporte?

9. REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2003.

ALBUQUERQUE, A.; RODRIGUES, E.; MARINHO, R. **De falastrão a rei em 13s: McGregor cumpre promessa e derruba José Aldo**. Sportv.globo.com, 2015. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2015/12/jose-aldo-sofre-nocaute-relampago-e-perde-cinturao-para-conor-mcgregor.html>> Acesso em: 18/01/2016.

ALONSO, A. Campeões de divisão de acesso estão desativados. **Jornal da cidade**. Bauru, 06/03/2016. JC Regional, p.17-19.

ALVES, D.; CAROLA, C. R. O neoliberalismo na prática do futebol escolar. **Anais do Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos**, v. 1, 2015.

ANTUNES, F. M. R. F. **Com brasileiro não há quem possa!** futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Boitempo Editorial, 2015.

ARAÚJO, A. C. Transformações do esporte: Estética e regime de visibilidade (pós) moderno. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 3, 2012.

ASSUMPÇÃO, L. O. T. et al. **Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 18, n. 2, p. 92-99, 2011.

BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: a social cognitive theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986.

BANDURA, A. **Social learning through imitation**. In: M. R. Jones (ed.). Nebraska symposium on motivation. Lincoln. University Press, 1962.

BAPTISTA, I. C. Q.; ABREU, K. C. K. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. **Revista Científica Plural**, p. 1-21, 2014.

BARBIERI, F. A.; BENITES, L. C.; MACHADO, A. A. Especialização precoce: algumas implicações relacionadas ao futebol e futsal. In: **Especialização esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí, SP : Fontoura, 2008. p. 207-226.

BARLEM, C. **Marta faz cinco, bate marca de Pelé, e Brasil goleia Trinidad e Tobago: 11 a 0**. Globo esporte, 2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2015/12/marta-faz-cinco-ultrapassa-pele-e-brasil-goleia-trinidad-e-tobago-11-0.html>> Acesso em: 09 de fevereiro de 2016.

BARROS, C.; AFIUNE, G. **Os boias-frias do futebol**. Blog Copa Pública, 2013. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/os-boias-frias-futebol>. Acesso em: 09 de novembro de 2015.

BECKER JUNIOR, B.; SAMULSKI, D. **Manual de Treinamento Psicológico**. Feevale, 1998.

BERESFORD, B. A. Resources and strategies: how parents cope with the care of a disabled child. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, 35, 171-209. 1994.

BERTUOL, L.; VALENTINI, N. C. Ansiedade Competitiva de Adolescentes: Gênero, Maturação, Nível de Experiência e Modalidades Esportivas. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá. Vol. 17. Num. 1. p.65-74. 2006.

BOCK, S. D. **Orientação Profissional** – a abordagem sócio-histórica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BORGES, L. **Ganhador do Puskas, Lira atrai negócios e tem estreia oficial neste sábado.** Blog do Boleiro, 04/02/2016. Disponível em: <<http://blogdobleiro.blogosfera.uol.com.br/2016/02/04/ganhador-do-puskas-lyra-atrai-negocios-e-tem-estreia-oficial-neste-sabado/>>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

BRAGA, R. Decifrando o enigma brasileiro: novas pistas - Resenha de A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 139-143, 2004.

BRANDÃO, C. R. et al. Pesquisa participante. In: **Pesquisa participante**. Brasiliense, 1988.

BRONFENBRENNER, U. Making human beings human: bioecological perspectives on human development. California: **Sage Publications**, 2005.

BRUNER, J; WEISSER, S. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. Cultura escrita e oralidade. São Paulo: **Ática**, p. 141-161, 1995.

CALIL, L. **Triste realidade:** no Brasil, 82% dos jogadores de futebol recebem até dois salários mínimos. Globo.com, 23/09/12. Disponível em: <<http://extra.globo.com/esporte/triste-realidade-no-brasil-82-dos-jogadores-de-futebol-recebem-ate-dois-salarios-minimos-6168754.html#ixzz3Qc6TksId>> Acesso em: 09 de novembro de 2015.

CAMPBELL, J. O poder do mito. **Associação Palas Athena, São Paulo.**[Links], 1988.

CARDOSO, L. V.; SANTOS, C. A. **Globo Esporte e futebol: Um estudo de caso.** Inovcom, 6(1), Pág-24. 2014.

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet:** reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Zahar, 2003.

CAVALCANTE, L.F.S. Vencedor do Prêmio Puskas, Wendell Lira, rescinde contrato com o Vila Nova. Torcedores.com, 03/05/2016. Disponível em: <

<http://torcedores.com/noticias/2016/05/vencedor-do-premio-puskas-wendell-lira-rescinde-contrato-com-o-vila-nova>> Acesso em: 10 de maio de 2016.

CHAO, L. Brazil: The Social Media Capital of the Universe. **The Wall Street Journal**, 04/02/2013. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424127887323301104578257950857891898.html>> Acesso em: 01 de novembro de 2015.

CONSTANTINO, M. L.; GARCIA, V. F. **Entrevista:** Samuel Gachet. *Discutir Educação*, 24/06/2007. Disponível em: <<http://discutireducacao.blogspot.com.br/2007/06/entrevista-samuel-gachet.html>> Acesso em: 09 de novembro de 2015.

CORRÊA, J. **McGregor dá a maior porrada que o UFC já levou.** E isso deve mudar tudo. Blog na grade do MMA, 22/04/2016. Disponível em: <<http://nagradedomma.blogosfera.uol.com.br/2016/04/22/mcgregor-da-a-maior-porrada-que-o-ufc-ja-levou-e-isso-deve-mudar-tudo/>> Acesso em: 28 de abril de 2016.

COSTA JUNIOR, J. S. P.; VASQUES, R. B. Jogadores de futebol x meios de comunicação: a evolução da exposição dos atletas. **FIEP Bulletin On-line**, v. 82, n. 2, 2012.

COSTA, F. B. **Homens invisíveis:** relato de uma humilhação social. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2004.

DANA, S. **Porque jogadores de futebol vêm das classes baixas?** Folha de São Paulo, 28/02/2013. Disponível em: <<http://carodineiro.blogfolha.uol.com.br/2013/02/28/porque-jogadores-de-futebol-vem-das-classes-baixas/>> Acesso em: 09 de novembro de 2015.

DAOU, M.; GUARESCHI, N. M. F.; AZAMBUJA, M. A. Media and the production of the professional soccer player. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 963-978, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922014000300963&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 de novembro de 2015.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Artmed, 2006.

DORO, B. **“Sou campeão mundial e posso ser tetra no Pan. E ninguém sabe o que faço”**. Uol Pan, 2015. Disponível em: <<http://pan.uol.com.br/noticias/2015/06/30/sou-campeao-mundial-e-posso-ser-tetra-no-pan-e-ninguem-sabe-o-que-faco.htm>> Acesso em: 30 de janeiro de 2016.

DOS ANJOS, J. L.; SANETO, J. G.; OLIVEIRA, A. A. **Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes**. Movimento (ESEF/UFRGS), v. 18, n. 1, p. 125-147, 2012.

DUTRA, D. N. M.; SILVA, S. F. **Futebol e Rivalidade no Riso e em Rede: O Facebook Como Campo Para Antagonismo de Torcidas**. In: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza:[sn]. 2012.

FERNANDEZ, M. **Sem aval da CBF, jogadores recebem pastor em concentração nos EUA**. Globo Esporte, 2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/09/sem-aval-da-cbf-jogadores-recebem-pastor-em-concentracao-nos-eua.html>> Acesso em: 12 de janeiro de 2016.

FERREIRA, J. P.; GASPAR, P. M. A importância da Autoestima e da Autoconfiança no contexto da preparação desportiva: O contributo do treinador no desenvolvimento da identidade do jovem atleta. **Revista Treino Desportivo**, p. 38-45, 2005.

HALPERN, R.; FIGUEIRAS, A. C. M. **Influências ambientais na saúde mental da criança**. 2004.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Zahar, 2005.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. **Journal of Health and Social Behavior**, 21, 219-239.

GALDINO, M. L.; MACHADO, A. A. Pontos e contrapontos acerca da especialização precoce nos esportes. In: **Especialização esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 129-148.

GARCIA, C.; RAUPP, I. **Wendell Lira vence votação popular e leva o Premio Puskás de 2015**. Globo Esporte. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2016/01/wendell-lira-vence-votacao-popular-e-leva-o-premio-puskas-de-2015.html>> Acesso em: 01 de fevereiro de 2016.

GLOBO ESPORTE.COM. **Mesmo com "bom" público, Noroeste revela prejuízo em jogos no Alfredão**. Futebol, Bauru, SP, 05/04/2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/sorocaba/futebol/times/noroeste/noticia/2016/04/mesmo-com-bom-publico-noroeste-revela-prejuizo-em-jogos-no-alfredao.html>> Acesso em: 28 de abril de 2016.

GOMES, A. R. Promoção de experiências positivas em crianças e jovens: Programa de competências de vida. **Promoção de experiências positivas em crianças e jovens: programa de competências de vida**, p. 1-552, 2010.

GOMES, A. R. Adaptação humana em contextos desportivos: contributos da teoria para a avaliação psicológica. **Avaliação Psicológica**, v. 10, n. 1, p. 13-24, 2011.

GOMES, R. V et al. Monitoring training loads, stress, immune-endocrine responses and performance in tennis players. **Biology of Sport**, Warsaw, v. 30, no. 3, p. 173-180, 2013.

GONZÁLEZ REY, F. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GREGÓRIO, K. M.; SILVA, T. Iniciação esportiva x especialização esportiva precoce: quando iniciar estas práticas? **Horizontes-Revista de Educação**, v. 2, n. 3, p. 49-65, 2014.

GUERRA, R. A. P.; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. **Revista Brasileira de Futebol (The Brazilian Journal of Soccer Science)**, v. 1, n. 2, p. 30-37, 2013.

HART, E., LEARY, M., & REJESKI, W. J. The measurement of social physique anxiety. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 11, 94-104. 1989.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

JOVANELI, R. **Com novo bordão “gladiadores do 3º milênio”, Galvão agrada em estreia no UFC**. Blog da Redação Yahoo! Esportes Brasil, 13/11/2011. Disponível em: <<https://esportes.yahoo.com/blogs/redacao/com-novo-bord%C3%A3o-gladiadores-3-mil%C3%AAnio-galv%C3%A3o-agrada-142641948.html>> Acesso em: 01 de novembro de 2015.

JUSTO, J. S.; VASCONCELOS, M. S. **Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 760-774, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a13.pdf>>. Acesso em: 09 de novembro de 2015.

KLINENBERG, E. **Concentração & diversidade**. Novas táticas dos monopólios da informação. Observatório da Imprensa. 2007. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=415IPB001>>. Acesso em 01 de novembro de 2015.

KNIJNIK, J. D.; MASSA, M.; FERRETTI, M. A. C. **Direitos Humanos e especialização esportiva precoce: considerações metodológicas e filosóficas**. In: A. A. Machado

(Org). Especialização esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí, SP : Fontoura, 2008. p. 109-128.

LIPP, M. N. **O stress está dentro de você**. Editora Contexto, 2015.

LAZARUS, R. S. Toward better research on stress and *coping*. **American Psychologist**, 55, 665-673, 2000.

LEVINOVITZ, A. O Orgânico nosso de cada dia. **Veja**, São Paulo, n. 2440, p. 17-21, 26 de abril de 2015. Entrevista concedida a Nathalia Watkins.

LINDENMEYER, C.; CECCARELLI, P. R. O pensamento mágico na constituição do psiquismo. **Reverso**, v. 34, n. 63, p. 45-52, 2012.

LOFIEGO, B. B.; MASSAROLO, V. C.; CAMARGO, M. L. **Protagonistas (in)visíveis: reconhecendo a imagem e o trabalho**. In: B. Fadel; S. Carvalho. (Org.). Série Desenvolvimento Regional em Perspectiva: Ambiente e Desenvolvimento. 1ed.Franca/SP: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca, 2015, p. 149-156.

MACHADO, A. A. Importância da motivação para o movimento humano. **Perspectivas Interdisciplinares em Educação Física**, p. 23-31, 1995.

MACHADO, A. A. **Especialização esportiva precoce: Afinal, problema ou solução?** In: A. A. Machado (Org). Especialização esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 227-239.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Guanabara Koogan, 2006.

MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. F. **Análise contextual da especialização esportiva precoce: Novos olhares para novos tempos**. In: A. A. Machado (Org). Especialização esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 97-108.

MACHADO, A.A. et al. **Precocidade nos esportes: Uma análise pouco agradável.** In: A. A. Machado (Org). Especialização esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí, SP : Fontoura, 2008. p. 35-48.

MARTENS, R. **Arousal and Motor Performance.** In: Wilmore, S. (Ed.). Exercise and sport Science review 2. New York: Academic Press, 1974. p. 155-188.

MATTOS, R. **Wendell Lira representa o futebol brasileiro que é ignorado pela CBF.** Blog do Rodrigo Mattos, 11/01/2016. Disponível em: <<http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2016/01/11/wendell-lira-representa-o-futebol-brasileiro-que-e-ignorado-pela-cbf/>> Acesso em: 28 de abril de 2016.

MCCOMBS, M. A. **Teoria da Agenda:** a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MENESES, U. T. B. **Rumo a uma “história visual”.** In J. S. Martins, C. Eckert; S. C. Novaes (Orgs.), O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: Edusc. 2005, p. 33-56.

MININNI, G. **Psicologia Cultural da mídia.** São Paulo: Edições SESC SP. 2008.

NARDINI, R. **As 18 medalhas de ouro não conseguiram tirar Michael Phelps do alcoolismo e da depressão.** HuffPost Brasil, 11/11/2015. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2015/11/11/phelps-depressao-alcoolis_n_8536238.html> Acesso em: 28 de abril de 2016.

NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. et al. Análise do estresse psicológico pré-competitivo e estratégias de *coping* de jovens atletas de futebol de campo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 18, n. 4, p. 45-53, 2011.

NOGUEIRA, J. M.; GOMES, A. R. **Compreender o estresse no esporte: Contribuição das perspectivas transacionais sobre a adaptação humana.** In J. M. Montiel, D. Bartholomeu, & M. S. Andrade (Eds), Perspectivas em aprendizagem humana São Paulo: Memnon Edições, 2014. p. 57-82

O DIA. **Wendell Lira vê salário aumentar seis vezes após reconhecimento mundial.** Esporte/Futebol, 13/01/2016. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2016-01-13/wendell-lira-ve-salario-aumentar-seis-vezes-apos-reconhecimento-mundial.html>>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

OLIVEIRA, L. **Bronze no Pan, sargento faz vaquinha e vídeo de humor para ir às Olimpíadas.** Uol Pan, 2015. Disponível em: <<http://pan.uol.com.br/noticias/2015/07/15/bronze-no-pan-sargento-faz-vaquinha-e-video-de-humor-para-ir-as-olimpiadas.htm>> Acesso em: 30 de janeiro de 2015.

PAES, R. V. D. C. Atletas de Cristo no futebol e os sintomas de ansiedade [The Athletes of Christ in football and the symptoms of anxiety]. **Paralellus**, v. 4, n. 7, p. 95-106, 2013.

PACHECO, R. **Desculpas ao esporte e aos atletas Brasileiros.** Blogspot.com. 2008. Disponível em: <<http://profronaldopacheco.blogspot.com.br/2008/09/desculpas-ao-esporte-e-aos-atletas.html>> Acesso em: 17 de janeiro de 2016.

PEREIRA, C. E. C.; BIZELLI, J. L. Futebol juvenil: entre o imaginário e a materialidade da vida nas categorias de base no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, SP, v. 9, n. 2, 2014.

PEREIRA, M. C. **Não gostaria de ser torcedor deste Barcelona.** ESPN, 19/02/2016. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/578900_ao-gostaria-de-ser-torcedor-deste-barcelona>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

PEREIRA, T. **Celebridade do Instagram decide revelar a verdade por trás do sucesso das blogueiras com milhares de seguidores.** Catraca livre, 05/11/2015. Disponível em: <<https://estilo.catracalivre.com.br/comportamento/celebridade-do-instagram-decide-revelar-a-verdade-por-tras-do-sucesso-das-blogueiras-com-milhares-de-seguidores/>> Acesso em: 28 de abril de 2016.

RAMALHO, C. W. N. A Natureza da Natureza em Marx. **Revista Tomo**, n. 17, jul./dez. São Cristóvão, SE, 2010. p. 154 – 181.

REBUSTINI, F.; MACHADO, A. A.; BRANDÃO, M. R. F. **Imediatismo e performance: incongruências na formação do jovem atleta**. In: A. A. Machado (Org). Especialização esportiva precoce: Perspectivas atuais da psicologia do esporte. Jundiaí, SP : Fontoura, 2008. p. 67-84.

REZENDE, L. **Jon Jones e cocaína**. Como lidar com essa mistura? Sexto Round, 07/01/2015. Disponível em: <<http://sextoround.com.br/16681-jon-jones-e-cocaina-como-lidar-com-essa/>> Acesso em: 28 de abril de 2016.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da et al. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz rev. educ. fís.(Impr.)**, v. 17, n. 2, p. 252-263, 2011.

RODRIGUES, L. **"Eu sou o verdadeiro jogador brasileiro: ganho pouco e luto muito", diz Wendell Lira**. Fato online, 03/12/2015. Disponível em: <<http://fatoonline.com.br/conteudo/13384/eu-sou-o-verdadeiro-jogador-brasileiro-ganho-pouco-e-luto-muito-diz-wendell-lira?or=rss>>. Acesso em: 28 de abril de 2016.

ROSO, A.; GUARESCHI, P. A. Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas. **Política & Trabalho**, 26, 37-54. 2007.

RUBIO, K. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. **Revista brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 01-13, 2007.

SALDANHA, R. P. **Valores e atitudes de jovens praticantes de esportes em projetos sociais**: um modelo teórico-explicativo. Tese de Doutorado [Doutorado em Ciências do Movimento Humano], UFRGS, Porto Alegre, Brasil. 2012.

SAMPAIO, T. M. **Gênero e Lazer: um binômio instigante**. In N. C. Marcellino (Ed.), Lazer e Sociedade, múltiplas relações. Campinas, SP: Alínea, 2008, p. 139-154.

SEABRA, G. **Tem clube pequeno que pode estar com os dias contados**. Uol esporte. 2016. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/01/21/novo-sistema-de-licenciamento-ira-padronizar-fiscalizacao-dos-clubes.htm>> Acesso em: 01 de fevereiro de 2016.

SOARES, A. J. G. et al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 33, n. 4, p. 905-21, 2011.

SOUZA, B. **Um perfil dos cristãos do Brasil em 11 números**. Exame.com, 05/04/2015. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/um-perfil-dos-cristaos-do-brasil-em-11-numeros>> Acesso em: 23 de novembro de 2015.

SOUZA, C. L. **Processos formativos e identitários no futebol**: sujeitos (in) visíveis em jogo. 2015b. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16900/1/Tese%20-%20Cl%C3%A1udio%20Lucena%20-%20PPGE.pdf>> Acesso em: 09 de novembro de 2015.

SPIELBERGER, C.D.; GORSHUSCH, R.L.; LUSHENE, E.; Manual for the State-Trait Anxiety Inventory (“Self-Evaluation Questionnaire”). **Consulting Psychologist Press**, Palo Alto, C.A, 1970.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, 2007.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Ed. Unicamp, 2010.

UOL ESPORTE. **Wendell Lira é convidado a sair no carnaval carioca por dupla sertaneja**. Uol esporte vê TV, 17/01/2016. Disponível em: <<http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2016/01/17/wendell-lira-e-convidado-a-sair-no-carnaval-carioca-por-dupla-sertaneja/>>. Acesso em: 29 de abril de 2016.

VERRI, I.; et al. A Invisibilidade Social. **Jornal Sociológico**. Goiânia, GO, 2009. Disponível em: <<http://jornalsociologico.blogspot.com.br/2009/05/invisibilidade-social.html>> Acesso em: 09 de novembro de 2015.

ZAJONC, R. B. Social Facilitation. **Science**, v. 149, p. 269-274, 1965.